

# NA RODA DO SAMBA

**francisco guimarães "VAGALUME"**



**FRANCISCO GUIMARÃES**  
(VAGALUME)

**NA RODA  
DO SAMBA**

Typ. SÃO BENEDICTO  
Carmo, 43 – Rio  
1933

*Serão considerados falsos os exemplares  
não rubricados pelo autor*

[RUBRICA À TINTA]

*Ao grande espirito de PEREIRA CARNEIRO  
que, antes de ser um industrial e um homem de  
negocio, é um phylanthropo e um homem de sociedade,  
homenagem do*

*AUCTOR*

[EM BRANCO]

*Na RODA DO SAMBA, representa um sonho que foi tornado realidade, após muitas promessas, muitas desilusões até chegar às portas do desânimo. Ahi foi que encontrei o Benedicto de Souza, como o naufrago que encontra salvação.*

*Deixo, pois, nestas linhas, o meu expressivo agradecimento e minha eterna gratidão.*

*FRANCISCO GUIMARÃES  
(Vagalume)*

[EM BRANCO]

[EM BRANCO]

## Gratidão

[IMAGEM]

– Ao Dr. Pedro Ernesto, o meu livro, como um preito ao emerito cirurgião, que me salvou a vida, restituindo ao doce convívio dos que me são caros.

**Francisco Guimarães**

[IMAGEM]

*Francisco Guimarães (Vagalume)*

[EM BRANCO]

Prova de Amizade e Reconhecimento  
aos Grandes Amigos

<i>Dr. Augusto do Amaral Peixoto</i>	<i>José Bourgogne de Almeida</i>
<i>Dr. Sylvio Maya Ferreira</i>	<i>Antonio de Amorim Diniz (Duque)</i>
<i>Dr. Jorge Santos</i>	<i>Major Verissimo José Nogueira</i>
<i>Dr. Francisco de Castro Araujo</i>	<i>José Alves Vizeu</i>
<i>Dr. Candido de Campos</i>	<i>Manoel da Cunha Junior</i>
<i>Maximiano Martins</i>	<i>Manoel Barreiros (Que-Ninho)</i>
<i>Luiz Zagaglia</i>	<i>Paulino José Simplicio</i>
<i>Alberto de Castro Amorim</i>	<i>Manoel Julio Frontino da Costa</i>
<i>Dr. Manoel Bernardino</i>	<i>Orestes Barbosa</i>
<i>Eduardo Velloso</i>	<i>Carlos Vasques</i>
<i>Jose' Coelho de Mello</i>	<i>Oliveira Herencio</i>
<i>José Dias</i>	<i>Oscar Visconte</i>
<i>Angelino Cardoso</i>	<i>Capitão Arthur de Albuquerque</i>
<i>Tenente Euclides Pereira</i>	<i>Davino Cervantes</i>
<i>Domingos Meirelles</i>	<i>Coronel Arthur José da Silva</i>
<i>Fausto Gomes</i>	<i>Adalberto Pereira Pinto</i>
<i>Gaspar Lage</i>	<i>Guilherme de Andrade Lima</i>
<i>Heitor Pinto de Almeida Teixeira</i>	<i>Te. Affonso Pacheco</i>
<i>Antonio Elysio Lopes</i>	<i>Dr. José Moreira da Silva Santos</i>
<i>Matheus Donadio</i>	<i>Oscar Maia</i>
<i>Carlos Casquilhos</i>	<i>Julio Antonio Simões</i>
<i>Francisco Martins</i>	<i>Dr. Enéas Brasil</i>
<i>Augusto Moraes (Barulho)</i>	<i>Professor Jacobino Freire</i>
<i>Manoel do Valle Junnior</i>	<i>Maestro J. Thomaz</i>
<i>Franklin Jenz</i>	<i>José Gomes Soares</i>
<i>Corintho de Andrade</i>	<i>Ernesto Peçanha</i>
<i>Antonio Velloso (K. Nôa)</i>	<i>Bento Carrazedo Filho</i>
<i>Arlindo Cardoso (K. Rapeta)</i>	<i>Samuel Santarém</i>
<i>Flavio Mario de Oliveira</i>	<i>Alfredo Guimarães</i>
<i>Conego Dr. Olympio Alves de Castro</i>	<i>Ernesto Fialho</i>
<i>Dr. José Mattoso de Sampaio Corrêa</i>	<i>Benevenuto Carlos Bomfim</i>
<i>Arthur de Castro</i>	<i>Conde de Vicente de Perrota</i>
<i>Miguel Cavanellas</i>	<i>Dr. João Jones Gonçalves Rocha</i>
<i>Argemiro da Costa e Silva Emilio Alvim</i>	<i>Dr. Lourival Fontes</i>

---

*Dr. Oscar Sayão*  
*Coronel João da Costa Guimarães*

*Dr. Julio de Azurém Furtado*

---

<i>Coronel Matheus Martins Noronha</i>	<i>Valentim Franco</i>
<i>Carvalho Bulhões</i>	<i>Tenente José Pereira Gomes</i>
<i>Luiz Januzzi</i>	<i>Abadie de Farias Rosas</i>
<i>Dr. Rufino Gomes</i>	<i>Paulo Magalhães</i>
<i>José Fernandes</i>	<i>Annibal Bomfim</i>
<i>Victor Fernandes Alonso</i>	<i>Charles Barton</i>
<i>Alvaro de Almeida Campos</i>	<i>Oscar Peixoto</i>
<i>Dr. Armenio Fontes</i>	<i>Pillar Durmond (Fininho)</i>
<i>Francisco Rocha</i>	<i>Silvino Coelho</i>
<i>Armando Rosas</i>	<i>Henrique Amorim</i>
<i>Diogenes José Pereira dos Santos</i>	<i>Henrique Ferreira</i>
<i>Dr. Alfredo Santos</i>	<i>Dr. Mozart Lago</i>
<i>Oscar de Almeida</i>	<i>Pedro José Pereira</i>
<i>José Leoni</i>	<i>Manoel José Pereira</i>
<i>Alberto Guimarães</i>	<i>Dr. A. Murillo</i>
<i>Dr. Nelson Kemp</i>	<i>Dr. Rolando Pereira</i>
<i>Capitão Tristão Augusto dos Santos</i>	<i>Dr. Gabriel Ozorio de Almeida</i>
<i>Sebastião Luiz de Oliveira</i>	<i>Fidelis Conceição</i>
<i>Coronel Manoel Gonçalves</i>	<i>Dr. Alvarenga Fonseca</i>
<i>Coronel Alfredo Carneiro</i>	<i>Dr. José de Souza Rosa</i>
<i>Manoel Ignacio de Araujo</i>	<i>Dr. Domingos Segreto</i>

**HOMENAGENS POSTHUMAS**

A'

**Eduardo das Neves***(O Diamante Negro)*

A'

**A. B. da Silva (Sinhô)***(O Rei do Samba)*

A'

**Hilario Jovino Ferreira**

A'

**Henrique Assumano Mina do Brasil**

[EM BRANCO]

**A' memoria de meus Paes**

---

**A' meus Filhos**

[EM BRANCO]

**A' Jurimba**

[EM BRANCO]

**L**EITOR amigo.

*Muito estimarei que, «estas mal traçadas linhas, «te vão encontrar no goso da mais perfeita saúde» e disposição de supportal-as, até o fim deste modestissimo trabalho, que, londe de ser uma obra literaria, é apenas um punhado de chronicas, que não publiquei, porque os amigos mais intimos induziram a que as reunisse num volume, á guisa de livro.*

*Quando as idealisei, foi no intuito de reivindicar os direitos do samba e prestar uma respeitosa homenagem aos seus creadores, áquelles que tudo fizeram pela sua propagação.*

*Não tive outro objectivo, sinão separar o trigo do joio...*

*Hoje, que o samba foi adoptado na roda «chic», que é batido nas victrolas e figura nos programmas dos radios, é justo que a sua origem e o seu desenvolvimento sejam tambem divulgados.*

*Ha nestas paginas, durissimas verdades que vão aborrecer á meia duzia de consagrados autores de producções alheias, mas, tenham elles paciencia, porque, quem o do alheio veste, na praça o despe, já muito bem dizia o meu velho amigo e mestre Conselheiro Accacio...*

*Não ha offensa, quando se diz a verdade – VERITAS SUPER OMNIA !*

*Aqui continuo a ser o reporter.*

---

*Reuni nestas paginas, o resultado das minhas investigações sobre o samba, que, já está ficando por cima da carne secca... como se diz na gyria da gente dos morros, nas «escolas» do Estacio e do*

[018]

*Cattete, para quem este volume deve representar gratas recordações de um tempo feliz ; reminiscencias de um passado alegre, risonho, cheio de esperanças no futuro e que se acham desfeitas nos dias que correm.*

*Nós, os daquela época, somos os desilludidos de hoje.*

\*\*\*

**O***S cultores do samba, os sambistas verdadeiros, aquelles que sempre luctaram e continuarão a luctar, para que o samba não seja desvirtuado, notarão a sinceridade que presidiu a confecção deste trabalho.*

*Ultimamente, appareceram muitos escriptos sobre o samba, mas, os seus autores demonstraram sempre o maior desconhecimento do assumpto.*

*Aqui entre nós – que ninguem nos ouça – a minha unica preocupação, foi dar nome aos bois e provocar o estouro da boiada...*

*Muita gente ficará de calva á mostra, porque procurei desmascarar os que se locupletam com o*

*resultado dos trabalhos dos outros, fazendo da industria do samba, um condemnavel monopolio.*

*Nas minhas reportagens, nas minhas investigações que, o leitor amigo (ou inimigo) vae ler, poderei não agradar no estylo, mas, uma coisa eu garanto – o que falta em flores de rethorica, sobra em informações bebidas em fontes autorizadas e insuspeitas.*

*Assim, pois, peço ao leitor, que entre com o pé direito – NA RODA DO SAMBA.*

*FRANCISCO GUIMARÃES  
(Vagalume)*

[019]

---

## **A origem do Samba**

---

Qual é a origem do samba ?

*Chi lo sá?*

Segundo os nossos tataravós, o samba é oriundo da Bahia.

A palavra é composta de duas outras africanas :

SAM – que quer dizer PAGUE – BA – que quer dizer RECEBA.

A respeito contam a seguinte lenda :

Havia na Bahia um africano e um escravo e escravizados eram também sua mulher e sete filhos.

Com muito sacrifício, conseguiu ele ajuntar a quantia de 7:000\$000 e escondel-a em lugar bem seguro.

Adoecendo gravemente e sentindo a ronda da morte, chamou o filho mais velho, a quem revelou tudo: que em tal sitio, debaixo de uma arvorre que tinha signal, cavando cinco palmos, deveria encontrar uma lata e dentro della uma cúia contendo 7:000\$000.

Com esse dinheiro, libertasse a sua velha companheira de mais de 50 annos e todos os seus filhos.

E o pobre velho assim concluiu:

– Eu morrerei escravo. Irei servir a Deus Nosso Senhor – lá no Céu ! Peço a todos que rezem por mim.

[020]

Reunidos mãe e filhos todos começaram a rezar tres vezes ao dia – ás 6 horas da manhã, ao meio-dia e ás Ave Maria.

E, como que por milagre, mesmo sem a assistencia medica, a que o escravo não tinha direito, elle foi melhorando.

O filho possuidor do segredo, vendo isso, correu ao logar indicado, cavou, descobriu a lata e de posse do dinheiro, fugio para a então Provincia do Pará.

Restabelecido e sabedor da fuga do filho, o velho foi ao local e certificou-se da velhacaria, transmittindo-a a mulher e aos filhos, para que todos ficassem sabedores da acção indigna de seu filho mais velho.

Em africano, elle pronunciou esta sentença:

– OLORUM NÃ LARE' (Deus te desconjuro).

\*

\* \*

**D**ahi em deante, mulher, marido e os filhos restantes, começaram a trabalhar, trabalhar com afinco e algum tempo depois obtinham a carta d'alforria.

Emquanto isso succedia na Bahia, o velhaco fugitivo progredia no Pará e, annos depois, estando

muito rico, vio-se acossado ou pela saudade dos paes e irmãos a quem trahira, ou do torrão onde nascera ou mesmo pelo remorso e regressou á Bahia disposto a obter por qualquer preço a liber-

[021]

dade sua e dos seus, conquistando deste modo o perdão de seu pae.

Qual, porém não foi sua surpresa quando chegou e soube que da familia – era elle o unico escravo e que seu pae estava muito rico, como chefe de estiva !

Procurou então os africanos que na Bahia constituíam – o «conclave» – e prometteu ao Chefe uma quantia bem regular se conseguisse que o pae o perdoasse.

O caso era dos mais graves e só mesmo o «conclave» poderia resolver – depois de um africano haver excommungado seu filho !

Mas, já naquelle tempo, o dinheiro era um caso sério...

Ante *Sua Magestade Money*, não havia impossiveis.

O Chefe tomando em *alta consideração* a offerta, combinou com os outros membros do «conclave» e disse ao rapaz:

– *Mê fio, vae havê uma fêsta glande, que sua*

*papae é obrigado a cumpalicê. Vossuncê vae tambem ni festa e léva «bongo» di papae que vae sê obrigado a lecebê e predoá.*

O Chefe foi imediatamente embolsado da oferta, porque – o seguro morreu de velho...

No dia da festa, o velho africano na sua boa fé, lá compareceu.

Eis que de repente surge-lhe o filho.

O velho exclamou pcesso:

– OLANA' ! (amaldiçoado).

[022]

O Chefe fez um signal e houve silencio profundo.

Reunio-se o «conclave» e na sua soberania deliberou:

QUE *não havia motivo para que a divergencia continuasse, em vista do arrependimento e das boas disposições do filho perante seu pae, a quem por intermedio do Conselho, pedia perdão.*

QUE *o regimen africano não soffrera golpe, porque quando o filho se apossou do dinheiro, teve em mente applical-o no trabalho honesto, fazendo assim crescer o cabedal dos africanos e seus descendentes.*

QUE *deste modo, não havia motivo para a*

«excomunicação».

QUE *em vista do arrependimento do filho e suas disposições querendo indenizar a seu pae e delle obter o perdão e a benção, o pae estava na obrigação de receber a indemnisação, perdoar e abençoar o filho.*

Resolvendo deste modo, o «conclave» obrigou o pae abençoar o filho, depois de proferir o perdão em voz alta :

– MOFO – RIJIM – E' ! (Eu te perdoo).

Feito isto, deu-se a cerimonia da sentença.

Todos de pé, num gesto uniforme e em voz alta, dirigindo-se ao filho exclamaram :

– SAM !... (Pague).

E elle respeitoso, depois de uma genuflexão ante os membros do Conselho, ajoelhou-se aos pés do pae, offerecendo-lhe um pacote com 7:000\$000.

[023]

Em vista de incisão do pae, que fôra tomado de grande emoção, os conselheiros batendo com o pé repetidas vezes ordenaram:

– BA ! (Receba).

As pessoas presentes, segundo o rithual, repetiram :

SAM ! BA !

Ninguem se atrevia a desrespeitar uma decisão do

Conselho, porque sabia ao que estava exposto.

Pae e filho, num apertado abraço, ficaram bons amigos.

Em seguida, pela pacificação da família que era muito conceituada, todos cantaram e dansaram repetindo sempre: SAM ! BA !

E ahi está a origem do Samba.

[024]

---

### **Onde nasce e morre o samba**

---

**O**s bahianos, com justo orgulho, chamam a si a paternidade do samba, que data dos fins do primeiro Imperio.

Até ahi só existiam o jongo, o batuque e o cateretê.

Mais tarde veio o fado e por ultimo – o samba – que progredio e venceu em toda a linha !

Não confundamos o fado brasileiro com o fado portuguez.

Este, é mais lindo e harmonioso.

O nosso fado, porém, ao som duma viola, é mais alegre.

Uma coisa interessante – o violão não diz bem no fado.

Parece que lhe falta alguma coisa, não sôa tão

arreatadoramente como uma viola na mão de um cantador, de um homem que só sabe que – muzica é aquillo que tóca...

Da Bahia, o samba foi para Sergipe e depois veio para o Rio, onde tomou vulto e progrediu, acompanhando a evolução até constituir um REINADO.

O primitivo samba era o RAIADO, com aquelle som e sotaque sertanejos. Depois, veio o samba

[025]

CORRIDO, já melhorado e mais harmonioso e com a pronuncia da gente da capital bahiana.

Appareceu então o samba CHULADO que é este samba hoje em voga; é o samba rimado, o samba civilisado, o samba desenvolvido, cheio de melodia, exprimindo uma magua, um queixume, uma prece, uma invocação, uma expressão de ternura, uma verdadeira canção de amor, uma satyra, uma perfidia, um desafio, um desabafo, ou mesmo um hymno !

E' este samba de hoje de Canninha, de Donga, Prazeres, João da Bahiana, Lamartine, Almirante, Pexinguinha, Vidraça, Patricio Teixeira, Salvador Corrêa e muitos outros, e, que constituiu – o Reinado do grande Mestre, do saudoso, do inolvidavel – do Immortal SINHO !

E' este samba que toda canta ; é este samba que

desbancou a modinha ; que subiu aos palcos, que invadiu os clubs, que penetrou nos palacios e que como hontem, hoje e amanhã, foi, é e será a alegria dos pobres, o allivio das maguas dos soffredores, porque segundo o velho adagio, quem canta os males espanta !

O samba, depois de civilisado, depois de subir ao throno levado pelo seu pranteado Rei, passou por uma grande metamorphose : antigamente era repudiado, debochado, ridicularisado. Sómente a gente da chamada *roda do samba*, o tratava com carinho e amor !

Hoje – ninguem quer saber nem fazer outra coisa. O samba já é cogitação dos literatos, dos

[026]

poetas, dos escriptores theatraes e até mesmo de alguns immortaes da Academia de Letras !

\*

\* \*

**O** SAMBA é hoje uma das melhores industrias pelos lucros que proporciona aos autores e editores.

Antigamente os sambas surgiam na Favella, no Salgueiro, em São Carlos, na Mangueira e no Kerozene, que eram os «morros-Academias», onde se

abrigavam os mestres do pandeiro, (tambem chamado ADUFO) do chocalho, do réco-réco, da cuíca, do violão, do cavaquinho e da flauta.

Depois desciam á aprovação do povo do Estacio e seguiam á consagração da gente do Cattete.

Eis porque durante muito tempo, andou de bocca em bocca este sambinha:

Não vale a pena  
Não vale a pena teimá  
Não ha escola de samba  
Como o Estacio de Sá.

Ora, isto era positivamente uma affronta ao pessoal da chamada *zona SUL*, que logo respondeu parodiando:

[027]

Não queira teimá mulher  
Mulher não queira teimá  
Não ha escola de samba  
Como o Cattete não ha.

Dahi as arrancadas.

Quando o Estacio podia, entrava bonitinho em cima do Cattete e vice-versa, com uma novidade, quasi sempre do *partido alto*, que é o que encerra o

verdadeiro rythmo do samba.

\*  
\* \*

**O** QUE hoje ha por ahi, tem apenas o rotulo, é um arremedo de samba.

O que os poetas fabricam, são modinhas que estão longe do que antigamente escapando a classificação de samba, tinha a denominação de «lundú».

O samba, é irmão do batuque e parente muito chegado do caterê ; é primo do fado e compadre do jongo...

\*  
\* \*

Filho legitimo dos morros, o samba, por mais que o queiram – não morrerá, não perderá o seu rythmo. Os *sambéstros*, que são os fazedores de muzicas de samba. «rivaes» dos maestros... procuram desvial-o, mas, ainda ha gente nos morros que exige, que pugna, que vela, que mantém e

[028]

fará respeitar a «toada», do samba tão nosso, tão

brasileiro, porque o «cateretê», o «bатуque» e o «jongo» são africanos.

#### ONDE NASCE O SAMBA ?

Lá no alto do Morro – no coração amoroso de um homem rude, cuja muza embrutecida não encontra tropeços para cantar as suas alegrias e as suas maguas em versos mal alinhavados, que traduzem o sentir de um poeta que não sabe o que é metrificação nem tem relações com o dicionario.

Elle é o poeta e o muzicista.

Um dia, lá no seu casebre, reúne os mais intimos e canta a sua produção.

Elles decoram rapidamente e divulgam-n'a.

No primeiro sabbado, a nova composição corre veloz por todos os recantos e fica popularisada.

Passa então a VIVER – de bocca em bocca.

Não é longa essa existencia – dura no maximo um anno – e note-se, que um samba para ser cantado um anno inteiro, precisa ser muito bom.

Não quer isto dizer que o prazo limitado, o prazo maximo, seja de um anno.

Quando o samba é bom mesmo e merece a consagração popular, fica annos e annos na memoria de toda a gente e é sempre lembrado, sempre cantado com alegria e entusiasmo.

## ONDE MORRE O SAMBA ?

No esquecimento, no abandono a que é con-

[029]

demnado pelos sambistas que se presam, quando elle passa da bocca da gente da roda, para o disco da victrola. Quando elle passa a ser *artigo industrial* – para satisfazer a ganancia dos editores e dos *autores de producções dos outros...*

O *Chico Viola*, por exemplo, é autor de uma infinidade de sambas e outras producções que agradaram, sahidas do bestunto alheio...

O que fôr bom e destinado a successo, não será gravado na Casa Edison, sem o beneplacito do *consagrado autor* dos trabalhos de homens modestos, que acossados pela necessidade são obrigados a torral-os a 20\$000 e 30\$000, para que o *Chico* appareça, fazendo crescer a sua fama e desfructando fabulosos lucros !

Que o digam : o Prazeres, laureado autor da *Mulher de Malandro* e o grande poeta e muzicista Indio das Neves – o maior vulto da modinha actual ! Eis porque o samba MORRE na roda, quando passa para o disco da victrola.

MORRE, porque os seus divulgadores não fomentam as ambições incontidas e revoltantes dos

industriaes exploradores !

\*  
\* \*

**Q**uem foi o precursor da industria do samba ?  
O DONGA com uma assimilação denominada –  
«PELO TELEPHONE» –.

[030]

A letra é um arranjo de Mauro de Almeida (o *Perú dos Pés Frios*) e a muzica tambem um arranjo do *Donga* de accordo com a letra e o resto, foi «pescado» na casa da tia «*Asseata*» na rua Visconde de Itaúna n.º 117.

O estribilho é pernambucano, isto é, a muzica e a letra :

Olha a rolinha  
Sinhô ! Sinhô !  
Que se embaraçô  
Sinhô ! Sinhô !  
Cahio no laço  
Sinhô ! Sinhô !  
Do nosso amor  
Sinhô ! Sinhô !

Agora, entra o Mauro, com a sua verve, com a sua muza bregeira :

Porque este samba  
Sinhô ! Sinhô !  
De arrepiar  
Sinhô ! Sinhô !  
Põe a perna bamba  
Sinhô ! Sinhô !  
Mas faz gosar  
Sinhô ! Sinhô !

Este estribilho foi divulgado no Club dos Democraticos, na rua dos Andradas pelo Mirandella.

[031]

Depois do *Donga*, apareceu o Sinhô, pondo-o logo em off-side...

Para vencer facilmente, usou um «truc» vantajoso : tinha uma amante pianista de uma casa de musicas da rua do Ouvidor, e, quem lá ia escolher muzicas, ella, primeiramente, executava o que era do seu mulato...

*ERNESTO SANTOS*

*(Donga)*

*O precursor da  
"industria do samba"*

## [IMAGEM]

Sinhô tinha, porém, um outro «truc» : era oferecer a produção a um club carnavalesco e mandar fazer a instrumentação para as bandas de música que tocavam nos Fenianos, Tenentes e Democraticos, além de executá-las diariamente ao piano nas «pensões alegres».

## [032]

Com produções de sua lavra e de autoria dos outros, que elle chamava a si, (quem o diz é o Prazeres – o consagrado autor da Mulher de Malandro) teve a maior das glorificações populares e eu mesmo pelo *Jornal do Brasil*, acclamei-o – o REI DO SAMBA !

Quantos sambas do *Sinhô*, NASCERAM no Morro do Salgueiro e MORRERAM nos discos da victrola ?

Nem tem conta !

Elle tinha bôa memoria, bom ouvido e o recurso do piano, da flauta, do violão, do cavaquinho, do pandeiro e do chocalho, instrumentos que sabia executar á contento.

Foi elle quem levou o samba para o theatro e durante muito tempo, as revistas theatraes tomaram o nome das suas produções, que eram facilmente

lançadas na Penha no meio de um sucesso ruidoso.

Parecia que toda a gente já conhecia aquilo que elle acabava de lançar !

O *Canninha*, sempre procurou seguir as pégadas do *Sinhô*, não logrando, porém, o mesmo successo.

Por mais que se esforçasse, o *Canninha* jamais conseguiu siquer aproximar-se do *Rei do Samba*, ou ter um logar de destaque na sua Côrte...

E' que as produções do conhecido muzicista, quasi sempre peccavam pelo imprevisto... asnatico, tão proprio do popularissimo compositor que teve o topete de dizer que o Maestro Francisco Braga, ouvindo no Cinema Odeon, este samba :

[033]

Esta nêga  
Qué mi dá  
Eu não fiz nada  
P'rá apanhá.

manteve com elle o seguinte dialogo :

MAESTRO F. BRAGA: – «Seu Canninha», o senhor sabe muzica ?

CANNINHA: – (*risonho e amavel*) Maestro eu engulo um bocadinho de cabeça de nota !...

MAESTRO F. BRAGA: – (*Enthusiasmado*) Pois

---

olhe, seu *Canninha*, este seu samba, até parece muzica classica !

Se isto é verdade, o maestro Francisco Braga está na obrigação de uma grande penitencia perante Santa Cecilia !

Já vae longo este capitulo e o assumpto dá margem a outros.

Prometto continuar, porque «piano, piano...»

[034]

## Na Batucada

---

**N**ão supponham que este capitulo seja reclame ao samba com que o CANINHA obteve o maior triumpho na sua vida de muzicista popular, como campeão de 1933.

Já que ferimos este assumpto, deixemos aqui consignado o nosso prazer, por não ter o premio cahido na mão de um profano e pelo accerto da commissão julgadora.

O trabalho não é perfeito, não é impecavel, mas, em comparação com os outros sambas do concurso, é magistral !

E' de um mestre do samba e o maior cultivador e unico defensor da escola do partido alto !

O CANINHA não é um *sambestro*. Na roda do samba, é um astro de primeira grandeza !

Fazemos votos para que obtenha sucessivas victorias, porque, tantos premios quantos ainda possa obter não compensarão os sacrificios que o samba lhe tem custado, pois, jamais d'elle se valeu para auferir lucros !

Basta dizer que, é empregado publico e consome os seus vencimentos na escola do samba, activando a propaganda, incentivando, animando, os «cathedricos» das Escolas do Estacio de Sá e do Cattete e encorajando o povo dos morros de São

[035]

Carlos, Kerozene, Mangueira, Salgueiro e os remanescentes da Favella.

\*  
\* \*

Na roda do samba, admitte-se a batucada, onde o camarada mostra si é bom na *banda* e prova si é agil nas pernas.

LUIZ JOSÉ DE  
MORAES

(Canninha)

Campeão do samba no

*concurso official de  
1933 e o maior defensor  
do "partido alto"*

[IMAGEM]

Taes demonstrações, eram feitas em publicco, antigamente, nas festas da Penha. O que arriasse, não tinha o direito de ficar zangado e dahi nasceu a gyria – MALANDRO NÃO ESTRILLA !...

Quem se mettia na roda, sabia ao que estava sujeito.

[036]

O derrotado, tratava de treinar para a revanche no primeiro encontro.

Taes revanches duravam ás vezes de annos para annos, quando se encontravam turrões com as mesmas habilitações, porque, se como diz o dictado – *dois bicudos não se beijam*, também é certo que *duro com duro, não faz bom muro...*

Hoje talvez não fosse assim.

Appelariam logo – para a melhor das tres...

Mas, não era só na Penha que os encontros se davam. Era tambem onde houvesse um «Choro», um «arrastado», um «vira-vira-mexe-mexe», uma festa qualquer e principalmente na velha Cidade Nova, onde

quasi sempre se realisava o baile na sala de visitas e um sambinha molle no quintal.

Ahi encontravam-se as summidades do samba e os «azes» da batucada.

Era um caso sério...

As pernas mais afamadas, eram as de «João Bemol» e Terra Passos.

JOÃO BEMOL, era um preto já idoso, alto, corpo regular. Ultimamente (1928) contava 82 annos.

Ainda nesta idade, era de uma agilidade espantosa ! Bom e seguro nas pernas, pulava como um gato !

Foi sempre o homem de confiança do Comendador Casemiro (Casemiro-Mãosinhão) nas famosas questões do Sumaré e Companhia Ferro Carril Carioca.

O «João Bemol» era lustrador e a sua arma predilecta, era um grande compasso que trazia sem-

[037]

pre na mão direita, embrulhado num *Jornal do Brasil*.

Nunca experimentou uma derrota !

Joaquim Antonio Terra Passos, era alto, branco, corpulento. Quando moço, foi um figurão: bonito e elegante. Teve boa voz e tocou violão no meio dos grandes mestres do mavioso instrumento. Era funcionario de alta cathegoria na Directoria Geral de

---

Obras da Prefeitura, para onde foi transferido da  
Directoria Geral de Rendas.

[038]

### **Samba, sambistas e "sambestros"**

---

**O** samba, como já dissemos, é bahiano de origem, isto é, o RAIADO que é do sertão e o CORRIDO que é o da cidade de São Salvador.

O samba CHULADO, é carioca. E' aquelle em que o «Sinhô» deante dos caprichos e das explorações de uma mulher a quem já não queria tanto, mas, não podia abandonar, escreveu o BURRO DE CARGA :

Pódes saltar  
Podes pular como «quizer»  
Pois muita força  
Tem o amor de uma mulher

#### II

Deus fez o homem  
E disse num sussuro  
Tu serás o burro de carga  
E a mulher a carga do burro.

## III

Não adeanta  
O homem se esconder  
Quando a hora é chegada  
O burro camba sem querer.

[039]

Não se póde negar o sucesso deste samba no Brasil inteiro e principalmente no Rio.

Foi precisamente, quando Luiz Nunes Sampaio, o Caréca, lançou o samba «NA FAVELLA TEM VALENTE :

Na Favella tem valente  
Eu me dou com essa gente  
Tiros e facadas eu dou  
Eu sósinho lá não vou.

Mulher !... O homem é meu !  
Elle é o meu marido  
Se não me obedeceres  
Te dou um tiro no ouvido.

Na Favella tem valente  
Etc.

Você mora no São Carlos  
E eu móro na Favella  
Quando eu tenho qualquer questão  
Commigo é só na «Parabella!...»

*Sinhô*, que era um extremado favellista, aproveitou a oportunidade, tangeu as cordas do «pinho» e atirou aos ventos da popularidade um grande samba, em que «chorava» aquelle morro, onde o *chulado* sempre encontrou guarida. E elle respondeu ao *Caréca* com «A FAVELLA VAE ABAIXO». Vejam só como isto é choroso :

[040]

I

Minha cabocla, a Favella vae abaixo !  
Quanta saudade tu terás deste torrão  
Da casinha pequenina de madeira  
Que nos enche de carinho o coração !

II

Que saudades ao nos lembrarmos das promessas  
Que fizemos constantemente na capella  
Para que Deus nunca deixe de olhar  
Para nós da «malandrage», pelo morro da Favella !

## I

Minha cabocla a Favella vae abaixo !  
Ajunta os «tróço», «vômo» embora p'ra Bangú  
«Buraco Quente», adeus p'ra sempre meu «Buraco»  
Eu só te esqueço no buraco do Cajú !

## II

Isso deve ser despeito dessa gente  
Porque o samba não se passa para ella  
Porque lá o luar é differente  
Não é como o luar que se vê desta Favella!  
No Estacio, Kerozene ou no Salgueiro  
Meu mulato, não te espero na janella  
Vou morar lá na Cidade Nova  
P'ra voltar meu coração para o Morro da Favella !

Este samba, é uma verdadeira canção á Favella. O pessoal do Morro deu-lhe vida e levou-o por ahi afóra.

Muitos outros sambistas botaram a Favella na berlinda, mas o *Rei do Samba*, volando ao assumpto, desbancou-os numa revista de Marques Porto,

[041]

representada no Theatro Recreio, com o «NÃO QUERO SABER MAIS DELLA»

1.<sup>a</sup> Parte

PORTUGUEZ

Porque foi que me deixastes  
Nossa casa da Favella

MULATA :

Eu não quero saber mais della  
Eu não quero saber mais della

PORTUGUEZ :

A casinha que eu te dei  
Tinha uma porta e janella

MULATA :

Eu não quero saber mais della  
Eu não quero saber mais della

2.<sup>a</sup> Parte

MULATA :

Portuguez tu me «respeita»  
Pois não vê que eu sou donzella  
E não vou nas tuas potoca ?

PORTUGUEZ :

Eu bem sei que és donzella  
Mas isto é uma coisa atôa  
O' mulata lá na Favella  
Mora muita gente bôa.

Deante das duas produções de *Sinhô*, os cantadores da Favella tomaram «nôjo» e desapareceram do scenario.

*A Favella vae abaixo*, é considerada, como letra e como expressão de sentimento, uma das melhores produções do grande cultivador do samba,

[042]

Quando elle cantou pela primeira vez, dei-lhe para bens e *Sinhô*, disse:

– Meu «tio Guima», eu escrevi esse samba, em represalia aos muitos que ha por ahi dizendo mal da Favella, que eu tanto adóro ! Ella vae abaixo e eu lhe dou meu adeus, deixo gravada a minha saudade e a minha gratidão, áquella escola onde eu tirei o curso de malandragem...

\*  
\* \*

**E**m Corytiba, acaba de ser fundada uma sociedade, que se destina a descoberta de plagios.

Que perigo para a maioria dos sambistas e dos «sambestros» !

Se a novel sociedade, estender as suas investigações á roda do samba e puzer mesmo o apito na bocca, o «Canninha» será o primeiro a sahir correndo.

Atraz delle, com o calcanhar batendo na... aba do palitot, á 220 kilometros á hora, veremos o *João da Gente* !

E' que o Rio, está cheio, está transbordando de plagiarios, de copistas, de imitadores e de autores de trabalhos dos outros...

O *Chico Viola*, por exemplo, não é um plagiario. Elle é apenas o padrasto, o pae adoptivo de uma infinidade de sambas de gente dos morros da Mangueira, da Favella, São Carlos, Kerozene, das zonas Nórte, Sul, Nordeste, Oeste e até da zona Leste, onde operou o General Góes Monteiro...

[043]

O *Chico*, surgiu ultimamente com um samba, uma

---

«novidade» de sua lavra – e que... ha dois annos nasceu no Morro de São Carlos e recebeu o baptismo num botequim do Estacio.

[IMAGEM]

*JOÃO DA GENTE*

*Sambista impopular*

Mas, isto acabará.

Acabará um dia, quando o Sr. Frederico Figner fizer uma das suas costumeiras sessões espiritas e o *Sinhô* se manifestar, contando os segredos do estro do *Chico da Viola*.

Neste dia, até o maestro Eduardo Souto, laureado autor do TATÚ SUBIO NO PÁU, entregará os pontos... Tudo acabará, quando desaparecer o

[044]

monopolio da gravação, constituido pelo beneplacito de uma dupla que adopta a doutrina de São Matheus... Surgirá então uma nova geração de autores e o samba voltará ao seu lugar, com o expurgo dos profanos.

\*  
\* \*

**R**ecordar é viver, diz o eminente mestre Julio Dantas, na *Ceia dos Cardeaes*.

Não há quem não se recorde com saudade deste samba

:

ESTRIBILHO :

Sabiá cantou na matta  
E anunciou : schiu ! schiu !  
No melhor da minha vida  
Meu amor fugiu.

2.<sup>a</sup> Parte (sólo)

Procurei me approximar  
Do sabia encantador  
Que sentindo o meu pizar  
Fez tal e qual o meu amor

Quem roubou o meu socego  
A Deus eu fiz entregar  
Pois eu hei-de ver no mundo  
Alguem por mim se vingar.

[045]

Papagaio, maitaca  
Periquito, sabiá  
Quando cantam fazem saudades  
Dos carinhos de Yáyá.

Catulo da Paixão Cearense, o grande cantor dos nossos sertões nordestinos quando cantava a sua modinha – Martha – chorava sempre.

Assim era o *Sinhô* quando cantava este seu samba denominado – SABIA' CANTOU.

Era a recordação de uma passagem da sua vida agitada de homem amoroso e sofredor.

A esse tempo, parecia que *Sinhô* ia sofrer um baque com a grande actividade desenvolvida pelo maestro Eduardo Souto, cujo sucesso, entretanto, não passou do TATU' SUBIO NO PÁU, cujo estribilho era:

Tatú subiu no páo  
E' mentira de você  
Lagarto e lagartixa  
Isto sim é que póde sê.

O maestro, é positivamente uma negação para o samba, e tanto assim, que depois do verdadeiro milagre do tatú, nenhum outro samba do competente e talentoso muzicista subiu... no agrado popular.

Assim também foi o *Canninha*. Marcou passo com *Esta Nega Qué Mi Dá*.

Agora é que apareceu com o «EU VOU CHORAR», que elle considera uma das suas «obras pri-

[046]

mas», porque, segundo diz, *é um samba que tem enredo*.

Quem quizer que descubra o enredo deste samba :

Eu vou chorar (bis  
Eu vou chorar  
Se você me abandonar (bis  
Se você me abandonar

Menina minha menina  
Zangou-se não sei porque  
Quero que você me diga  
Quem me intrigou com você

Eu vou chorar, etc.

Filhinha não acredite  
No que vieram contar  
Que tudo isto é intriga  
P'ra você me abandonar.

Eu vou chorar, etc.

Já sei que vae me deixar  
Pois esta vida é assim  
Você gostando de outro  
Que eu vou gostando de mim.

Descobriram o enredo? Pouco adianta. O que não se pode negar, é que o *Canninha* seja realmente popular, tenha uma roda grande de admiradores e

[047]

seja um grande, um dedicado da escola do samba. Hontem tentava ser um rival, mas, hoje é um dos que rendem as maiores e mais sinceras homenagens a *Sinhô*.

E' um trabalhador, um incansavel batalhador e defensor extremado e talvez o unico nos dias que correm, que cultive o «samba do *partido alto*» e conserve o seu rythmo.

Ainda agora elle acaba de produzir mais este samba, com o titulo de QUANDO DEUS ME AJUDAR :

Côro

Vae, vae  
Não precisa você chorar  
Quando Deus me ajudar  
Mando-te avisar  
P'ra você voltar.

I

Se tu commigo te casa  
Eu te digo com franqueza  
P'ra uso da nossa casa  
Não preciso comprar mesa.  
A mesa pede comida  
Comida gasta dinheiro  
Vamos cuidar d'outra vida  
Arranja a «grana» primeiro.

[048]

## Côro

Eu fêra da escola antiga  
Que nunca erra no bote  
Eu quero uma rapariga  
Que traga um bonito dote  
Porque sómente beleza  
Não nos traz lucro nenhum  
A beleza não pões meza  
E eu sou contra o jejum.

Realmente, o *Canninha* tem feito progresso, melhorando no estylo jocoso da letra e dando mais vivacidade as suas muzicas, sem comtudo logar ser o substituto de *Sinhô*, porque na sua frente está o Prazeres, cheio de inspiração, verve e melodia, como se vê na «MULHER DE MALANDRO».

Mulher de malandro  
Sabe ser  
Carinhosa de verdade  
Quanto mais apanha  
Quanto mais tem amizade.

Não sabemos como classificar «Mulher de Malandro», que obteve o primeiro logar no Concurso de Sambahas em 1932. O trabalho do Prazeres é bom, não ha duvida, mas, não se póde dizer que seja um samba.

Tudo menos isto. A commissão julgou, premiou-o, fazendo um acto de justiça, comprando-o aos outros trabalhos que foram apresentados, mas, pa-

[049]

tenteou desconhecer por completo o rythmo, a toada do samba.

Em todo caso, consagrou, popularizou, arrancou da penumbra, um homem modesto, até então desconhecido e verdadeiro autor de algumas produções de *Sinhô* e muitas do *Chico Viola*.

O Prazeres diz que a «*Malandragem*» de *Sinhô*, é de sua autoria, assim como aquelle samba que diz:

Um sou eu  
E o outro eu não sei quem é  
Elle soffreu  
Para usar collarinho em pé

que todos affirmam, é que *Prazeres*, perdendo o acanhamento, sahindo do anonymato, está disposto agora a vir para a praça e entrar em lucta, afim de subir ao throno, em substituição a *Sinhô*, obedecendo ao que diz o velho adagio – *Rei morto, Rei posto*.

Por sua vez, o *Canninha*, se julga com direito ao reinado, porque foi o unico que guerreou o Rei, sem todavia lograr uma victoria !

Aguardemos as competições, que appareçam os competentes, que surjam as bellas producções e sejam ellas julgadas com acerto e justiça.

Oxalá que appareça hoje, amanhã ou depois, um outro Rei, mas, que elle saiba honrar o throno como *Sinhô* soube honral-o.

Prazeres, *Canninha*, Eduardo Souto, *Donga* ou mesmo um *Chico Viola*, – mas, que venha um novo Rei, que venha um novo soberano que saiba

[050]

mostrar as suas «qualidades», para honra e gloria do samba.

\*  
\* \*

**H**a por ahi muita gente que conhece o samba porque foi creada dentro da roda.

Temos entre outros, o «Canninha», o «Donga», o «Juca da Kananga», o «Chico da Bahiana», o «Aymoré», o «Dudú», o «Marinho que toca», o «Assumano», o «Zuza», o Conceição, o Abút, o «Dedé», o Fidelis Conceição, o Oscar Maia, o Galdino Cavaquinho, o Napoleão de Oliveira, o Prazeres, o Belém, o «Amorzinho», o Dr. Enéas Brasil e muitos outros.

Temos ainda o Carvalho Bulhões – este sim, é que si se dedicasse ao genero, levaria vantagem sobre os «sambéstros», que por ahi existem, ao menos, pela facilidade da divulgação, como primoroso pianista que é, tocando nas principais sociedades recreativas e carnavalescas.

---

O Bulhões, porém, não quiz descer do seu throno de *Rei da Valsa lenta*, porque, em se dedicando ao samba, conhecendo-o profundamente como o conhece, talvez fosse o substituto de *Sinhô* pelo seu talento, pela sua fertilidade, pela sua inspiração e sobretudo pelo seu bom gosto.

O «Donga», além do – PELO TELEPHONE – conseguiu sucesso grande, sómente com este sambinha :

[051]

Nosso sambinha assim  
Táva bom  
Gente de fóra intrô,  
Trapeiô...

Assim como o «Donga», que dorme sobre os louros colhidos da sua primeira produção, Salvador Corrêa, dorme também sobre os louros colhidos na sua estréa com o SALVE JAHU! porque depois desta marcha escreveu, que fizesse grande sucesso e «pegasse de galho», um samba que tem este estribilho :

Estava na roda do samba  
Quando a policia chegou  
Vamos acabar com este samba  
Que o seu delegado mandou.

O Salvador, fez também um samba que deu sorte na Embaixada do Amor. Foi o DE MADRUGADA, cuja toada era daquelas que faziam o camarada ficar como a Inana – «flutuando no espaço, sem um ponto de apoio»... Este samba foi dedicado a dois cronistas carnavalescos, sendo um deles, o nosso bom e distinto amigo Augusto de Moraes, o popularíssimo e scintilante *Barulho*, que tanto vale pela vibração da sua penna diamantina, como pelo seu carácter ímpoluto; tanto vale pela sua independência como jornalista combatente, como pelo seu coração bom e generoso.

O estribilho do samba com que o autor glorioso do *Salve Jahú*, homenageou o não menos glorioso

[052]

chronista Barulho e ao autor destas linhas, é este estribilho :

De madrugada, he !  
De madrugada  
Do meu ranchinho  
Vejo Yáyá na batucada.

Logo a seguir apareceu um outro samba de *Sinhô* : «MEU BEM NÃO CHORA», cujo estribilho era :

Meu bem não chora  
Prepara a trouxa  
Diz adeus  
E vae-te embora.

Foi com este samba que elle se despediu dos sentenciados da Casa de Correção, que trabalhavam na Covanca em Jacarépaguá, numa domingueira muzical que lhes offereceu.

Elle, ao cahir da noite, sahio do acampamento cantando isto e bem poucos foram os que resistiram a lagrima.

[053]

---

## O reinado de Sinhô

---

**A** invasão dos poetas, será a decadencia do samba. Elle viram que o povo gosto mesmo do *chôro* e, mandaram ás urtigas, sonetos, alexandrinos, poemas, odes e o diabo á quatro com que recheiavam os seus livros, que entulham prateleiras das livrarias e cahiram no samba, com ambição no dinheiro...

Mas, elles não conhecem o rythmo e muito menos o «mettier», onde, talvez que com alguma praticagem,

conseguissem algumas coisa.

O Samba não é o que os literatos pensam.

E' uma coisa toda especial, com a sua toada propria, com o seu compasso natural (em geral é o binario) e uma tantas exigencias, que só os «cathedrauticos» conhecem.

O *Canninha*, por exemplo, conhece e muito o rythmo do samba.

Elle é criação do meio e póde falar com autoridade.

Bem poucos, nos dias que correm, são os que conhecem, como o autor de ESTA NEGA QUE' ME DA', os segredos de um samba do «*partido alto*».

Algumas de suas producções são decalcadas

[054]

em velhos trechos daquella escola e de autores desconhecidos.

O *Sinhô*, tambem profundo conhecedor e de muito mais inspiração e fertilidade, sobrepujou os seus rivaes e fez-se REI.

E de facto, era SUA MAGESTADE !

Com rima ou sem ella, com portuguez ou não, com ou sem nexo – tudo quanto era d'elle agradava, fazia successo e dava muito dinheiro !

Era uma coisa fantastica !

Nenhum autor, proporcionou maior lucro aos

editores, que o «Sinhô».

Muitas vezes, tive a honra de ser consultado sobre seus trabalhos, dando uma opinião desfavorável e elle respondia, com sinceridade :

– Meu «tio Guima», o senhor tem razão. Isto não rima nem fôrma sentido, mas, o *Sinhô* não é poeta nem literato.

Eu pego no lapis e escrevo, pego no «pinho» e executo e ahi está o samba feito ! O senhor quer ouvir ?  
Escute só A BAHIA E' BOA TERRA :

A Bahia é boa terra  
Ella lá e eu aqui  
Yáyá !...  
Ai, ai, ai...  
Não era assim  
Que meu bem chorava.

- Mas, *Sinhô*, onde está a rima ?
- Está ahi mesmo, meu «tio»...
- Heim?!...

[055]

– Depois o senhor vae ver. Escute só este estribilho :

Ai...

Olha a canga do boi  
Yáyá!...  
Que o luar já se foi  
Yôyô

E então meu «tio», tem ou não tem rima ?  
Encarei o homem e concordei :  
– E'... Você rimou...  
– Pois então ! E tangendo as cordas do violão,  
cantou :

Ai...  
Olha a canga do boi  
Yáyá!...  
Que o luar já se foi  
Yôyô

\*  
\* \*

**F**ervoroso adepto da religião africana, *Sinhô*, jamais abandonou o seu PAE ESPIRITUAL – o PRINCIPE DOS ALUFÁS, o grande, o conceituado e respeitado HENRIQUE ASSUMANO MINA DO BRASIL, o seu protector na Vida e que era também de JOSE' DO PATROCINIO FILHO (por intermedio de *Sinhô*) e o é de muita gente bôa, da alta sociedade e perfeitamente, optimamente installada na vida !

[056]

As primeiras audições das produções do grande e inolvidavel muzicista popular, eram feitas na residencia de ASSUMANO, no sobrado n.º 191 da rua Visconde Itaúna, onde *Sinhô* conheceu e fez amizade com o primoroso jornalista Raymundo Silva.

*J. B. DA SILVA*

*(Sinhô)*

[IMAGEM]

*O immortal*  
*REI DO SAMBA*

Depois da benção do ALUFA', o samba corria mundo com uma procura assombrosa.

*Sinhô* foi o musicista popular mais festejado, mais querido e mais preferido do publico.

Qual foi a sua produção de maior successo ?

Talvez nem elle mesmo soubesse, porque todas ellas – fosse por isso e por aquilo – agradaram sempre constituindo a novidade de maior procura para piano ou victrola.

Quasi sempre os seus trabalhos envolviam uma satyra a A. ou B.

[057]

Tivemos, por exemplo, o «PAPAGAIO LOURO», que era uma piada a Ruy Barbosa, quando por algum tempo as injunções políticas fizeram com que o «mestre dos mestres» silenciasse no Senado.

Este samba andou de bocca em bocca :

A Bahia não dá mais côco  
Para misturar com a tapióca  
Para fazer o bom mingão  
E embrulhar o carioca.

Papagaio louro  
Do bico dourado  
Tu falavas tanto  
Qual a razão que vives calado.

Não tenhas medo  
Côco de respeito  
Quem quer se fazer não póde  
Quem é bom já nasce feito...

Do Sul ao Norte, não se cantou outra coisa.

\*

\* \*

Logo depois deste real successo, *Sinhô* fez dois sambas, que lhe fizeram passar por grandes sustos.

Um foi o SEGURA O BOI, em que elle criticava uma pessôa com quem tivera um attricto, que lhe poz o lombo em perigo.

[058]

O estribilho, que peccava pelo portuguez, era este:

Segura o boi  
Que o boi «vadeia»  
Elle ainda vae parar  
Nas grades d'uma cadeia.

O criticado zangou-se e o *Sinhô* quasi viu as costellas em salmoura...

O outro susto que elle raspou, foi quando por occasião de uma campanha eleitoral que agitou todo o Brasil, lançou este samba :

Quero te ouvir cantar  
Vem cá, rolinha vem cá  
Vem para nos salvar  
Vem cá, rolinha vem cá

Não é assim  
Assim não é  
Não é assim  
Que se maltrata uma mulher !

Dizia elle, que o seu samba não tinha ligação com a politica. Tivesse ou não, o caso é que elle teve que metter-se em logar seguro, para não dar com os costados na cadeia, porque o successo foi tão grande, que no Brasil não se cantava outra coisa.

Acredito que este foi o samba de maior divulgação.

[059]

\*  
\* \*

**N**ão se póde precisar onde «*Sinhô*» mais agradou.

Elle fez tantas coisas boas e que «pegaram de galho», como se diz na gyria, que o chronista fica impossibilitado de dizer com precisão, qual foi o seu melhor trabalho.

Tivemos ainda o «PE' DE ANJO», que diziam que era um plagio, mas, que agradou em cheio com este estribilho :

O' pé de anjo

Pé de anjo  
E's resador  
E's resador  
Tens um pé tão grande  
    Pé tão grande  
Que és capaz  
De pisar  
Nosso Senhor.

Este samba deu nome a uma revista de Carlos Bittencourt e Cardoso de Menezes, e que foi a de maior sucesso do Theatro São José. Foi a primeira vez que *Sinhô* fez a partitura de uma peça theatral, merecendo elogios unanimes da imprensa.

A peça fez folgadoamente o seu terceiro centenario !

O autor da muzica na primeira representação

[060]

teve a sua glorificação – foi chamado á scena, muitas palmas e recebeu muitas flores.

Fez sempre companhia aos artistas e demais empregados do theatro – nunca perdeu uma representação e aguentava firme a primeira e segunda secções.

Uma noite, improvisei uma festa na casa de um amigo e precisei de um pianista.

Eram 21 horas.

Lembrei-me do *Sinhô* no Theatro São José.

O automovel «chispou» e num abrir e fechar d'olhos, eis-me junto ao *Rei do Samba* :

– *Sinhô*, amigo ! Preciso de você.

– Pois não. Meu «tio», dê as suas ordens.

– Organizei uma festinha na casa do nosso amigo F., que completa as bodas de ouro e você tem que ir commigo para animar a brincadeira, pois temos lá um bom piano.

– Não ha duvida «Guima» do coração. Você manda neste mulato.

– Então vamos. O automovel está esperando.

– Ah ! querido, já é impossivel. Só depois de acabar o espectáculo.

– Porque ?

– Porque sou o autor da muzica !

– E o que tem «Frei Thomaz com Izabel de Godoy» ? O que tem uma coisa a ver com a outra ?

– O que tem ? E se de repente os espectadores me chamarem á scena ?

– Mas, *Sinhô* a peça já está com 174 representações.

– Mas, o povo é exigente. De repente scismava

[061]

e começa a chamar : *Sinhô* á scena ! *Sinhô* á scena !... E

se eu não estiver no teatro – olha o «fuzuê» formado !...

Elle falou com tanta convicção, que eu me convenci mesmo de que podia ser...

\*  
\* \*

Fomos para festa logo depois que arriou o panno, no ultimo acto, porque ninguem chamou á scena o autor da muzica...

Feitas as apresentações, elle entrou logo com o seu jogo :

Amor, amor  
Amor sem dinheiro  
Meu bem  
Não tem valor  
Amor sem dinheiro  
E' fogo de palha  
E' casa sem dono  
Onde móra canalha.

Amor sem dinheiro  
E' canna sem caldo  
E' sapo no brejo  
Que canta cansado

Amor, amor  
Etc., Etc.

[062]

Depois enfiou um samba atrás do outro e nunca mais acabou de executar produções somente suas, attendendo aos pedidos que lhe faziam os convidados e os donos da casa.

E era de vel-o ao piano :

Eu hei de acabar  
Com este costume que você tem  
Falar da gente dizer horrores  
E querer bem.

Quando elle chegava neste estribilho, piscava-me o olho, fazia umas fosquinhas, mas, não me *dava por achado*, porque de vez em quando eu mettia-lhe o «malho», quando achava que o seu trabalho peccava pela falta de grammatica ou de rima. Criticava-o, «mettia-lhe o pao» nas minhas chronicas, quando elle pensava que era Rei mesmo de verdade e queria se *enfeitar com pennas de pavão*, mas, sempre lhe querendo bem.

São poucos os que sabem o «enredo» que envolve este samba :

E' moda agora  
Quando pega o namoro  
Beberem agua  
Na tal caneca de couro.

Num dos seus costumeiros arrancos apaixonados,  
após serios queixumes, o *Sinhô* pegou do violão e disse :

– Meu «tio» áquella ingrata, escrevi um samba :  
*O' minha branca*. Escute só :

[063]

O' minha branca  
Você pensa de me acabar  
Eu vou te deixar de tanga  
Não posso me amofinar.

Minha bella formosinha  
Eu não vou neste arrastão  
Não sirvo para trepadeira  
Nem para caramanchão.

Este samba, elle fez logo que houve a separação  
da pianista de uma casa de muzicas da rua do Ouvidor :

O' Gê – Gê  
Meu encanto

Eu só tinha medo  
Se não tivesse um bom Santo.

«João da Gente», mais tarde, plageou este samba, apesar de conhecidíssimo e já cantado por toda a cidade.

\*  
\* \*

**O** SAUDOSO muzicista tinha um samba que constituía as delícias da terra dos bandeirantes, onde agradou imenso e teve extraordinária procura.

Foi «A MALANDRAGEM».

Na Paulicéa toda a gente cantava :

[064]

A malandragem  
Eu não posso mais deixar  
Juro por Deus e Nossa Senhora  
E' mais fácil ella me abandonar  
Meu Deus do Céu  
Que maldita hora !

Havia aqui no Rio, um conjunto muzica denominado EMBAIXADA DO AMOR.

Por ocasião da chegada do Jahu', a Embaixada

foi a São Paulo, pois, o seu director Snr. Salvador Corrêa, é o glorioso autor da primorosa marcha «SALVE JAHU'!»

Pois lá na cidade dos «Arranha-céu» o maior successo do conjunto foi «A MALANDRAGEM.»

Na ultima campanha presidencial, o ex-deputado Machado Coelho, querendo ser agradavel a Madame Julio Prestes, na vespera do anniversario de S. Ex., levou aos Campos Elyseos a Embaixada do Amor e foi uma agradabilissima surpresa !

Organizou-se então uma festa intima, muito intima e que terminou á meia-noite com o Hymno Nacional !

A festa foi tão intima que até o Sr. Dr. Julio Prestes *gemeu* no «*pinho*» lembrando-se daquelles tempos... em que era bohemio. O «clou» da festa foi A MALANDRAGEM.

A todo o momento o coronel Fernando Prestes, chegava aos muzicos e dizia :

– Pedido de moça, não se nega. Outra vez A MALANDRAGEM !

E todos cantavam e dansavam.

[065]

E' o que se póde dizer – um successo real !

Num dos bellos salões dos Campos Elyseos, toda a familia Julio Prestes inclusive o Presidente eleito e o

velho Coronel Fernando Prestes, entravam no côro :

Ora vejam só  
A mulher que eu arranjei  
Ella me faz carinho  
Até de mais  
Chorando ella me diz  
O' meu bemzinho  
Deixa a malandragem  
Si és capaz.

A malandragem  
Eu não posso mais deixar  
Juro por Deus  
E Nossa Senhora  
E' mais facil ella me abandonar  
Meu Deus do Céu  
Que maldita hora !

\*  
\* \*

**U**ma vida accidentada teve o REI DO SAMBA.

As suas glórias, não estavam em relação ás suas alegrias.

Elle escreveu tanta coisa e de vez em quando deixava escapar um queixume, uma magua, mas,

[066]

nunca teve uma franca expansão como deveria ter tido !  
Que ao menos, escrevesse um samba com este titulo :  
MULHERES ! MULHERES ! E teria margem para  
desafogar todos os seus sofrimentos.

*Sinhô*, foi sempre um escravizado das suas  
paixões em excesso !

Quando um dia se viu trahido por um jornalista  
seu amigo, quasi morreu de paixão !

Assisti a um dos seus acessos de chôro. Falou  
até no suicidio ! Custei a convencil-o de que o amor  
mal correspondido de uma mulher, não vale a vida de  
um homem ! Elle reflectio, ficou por algum tempo  
pensativo e depois pegando do violão improvisou um  
samba com este estribilho :

Sabiá cantou na matta  
Annunciou – Sciu ! Sciu !  
Por falta de carinho  
Meu amor fugiu !

Decorridos, porém alguns dias, a esponja do  
perdão e do esquecimento era passada no succedido e...  
ficou tudo como dantes...

*Sinhô* perdoôu, dizendo aos seus mais intimos :

– E' da sagrada doutrina : «Perdoar os que er-  
ram ! »

E, posso afirmar, foi o seu samba de menor divulgação. Elle nunca mais o cantou, nem queria que cantassem :

[067]

Sabiá cantou na matta  
Annunciou – Sciu ! Sciu !  
Por falta de carinho  
Meu amor fugiu !

\*

\* \*

**I**ndubitavelmente o «Sinhô» fez jús á sua elevação a REI e soube reinar.

Já quasi dominado pela molestia que o victimou, foi á cidade de São Paulo e realisou um concerto no Theatro Municipal, com o comparecimento dos Srs. Drs. Julio Prestes, Presidente do Estado e Pires do Rio, Prefeito da cidade de S. Paulo.

Teve a honra de ser recebido no Palacio do Governo e nos Campos Elyseos.

O seu concerto, deixou gratissimas recordações. Tudo isto fazia crescer o numero de invejosos !

«Sinhô», ultimamente, era um *boycottado* na Casa Edison.

Foi elle mesmo, nos ultimos arrancos da vida, que

subio a escadaria do *Diario Carioca*, para fazer a mim a sua queixa e fel-a citando, uma por uma, das suas producções «presas» ha longo tempo, e eu publiquei o nome dellas com o respectivo estribilho. O *Sinhô* morreu quando devia morrer – no galarim da fama, sem deixar substituto legal, capaz e competente.

Morreu, levando com elle para a sepultura o segredo de fazer successo e o «don» de agradar.

[068]

Com grammatica, com rima ou sem nada disso, as suas producções agradaram sempre, pegaram e enriqueceram editores.

Parece, ao encerrar esta chronica, que o estou vendo no arraial da Penha n'uma festa dos barraqueiros, á frente de um grupo de umas quinhentas pessôas, cantando o samba do anno, para disputar uma linda taça.

Era somente elle com o violão e aquella massa compacta cantando sem harmonia.

Quero te ouvir cantar  
Vem cá, rolinha vem cá  
Vem para nos salvar  
Vem cá, rolinha vem cá  
Não é assim  
Assim não é

Que se maltrata uma mulher !

A comissão, por mim presidida e da qual fazia parte dentre outras pessoas o Dr. Eduardo França, conferio a taça ao *Canninha*, que apresentou melhor conjunto.

Os *coristas* que acompanhavam o Sinhô, quizeram tirar um desforço, desfeitando a comissão julgadora, que a meu conselho debandou, após o julgamento...

\*  
\* \*

[069]

**O** SAMBA, depois da morte de J. B. DA SILVA, o saudoso *Sinhô-Rei*, soffreu, como industria uma queda medonha, uma sensível depressão.

*Sinhô* era fertil, tinha inspiração, tinha verve, emfim, produzia e muito.

Os outros não querem imital-o e ao que parece, em vez de massa encephalica, têm no cerebro uma especie de tutano rançoso...

Quando apparecerá um outro *Sinhô*?  
Nunca mais !

---

## **O Diamante Negro**

---

**D**ESDE tenra idade, desde os saudosos tempos de garoto, que, fui habituado a respeitar os mortos, rendendo as justas homenagens que merecem aquelles que partem para a região do Além.

Eis porque dedico este capitulo a Eduardo Sebastião das Neves, aquelle saudoso artista-negro, que tanto honrou a raça a que me orgulho de pertencer.

E' uma homenagem posthuma, dictada pelos mais elevados sentimentos de uma amizade pura e sincera, que, jamais soffreu o menor abalo.

Que saudade daquellas noites passadas ao relento, ouvindo o grande cancionista popular, o arrebatador e electrificante Eduardo, empunhando o seu violão magico, cujas cordas habilmente tangidas, gemiam, sentiam, choravam com o inolvidavel cantor !

Parece que o estou vendo no palco do theatro Maison Moderne, entoando a maior das suas canções, ante a platéa em delirio :

A Europa curvou-se ante o Brasil  
E clamou parabens em meigo tom  
Surgiu lá no Céu mais uma estrella  
Appareceu – Santos Dumont

[71]

Terra adorada  
E' o meu Brasil  
O' terra amada  
De encantos mil.

Salve Estrella da America do sul  
Terra amada do indio audaz guerreiro  
A gloria maior do seculo vinte  
Santos Dumont – um brasileiro.

Terra adorada  
E' o meu Brasil  
O' terra amada  
De encantos mil.

O Brasil, cada vez mais poderoso,  
Menos teme o rugir fero do bretão ;  
E' forte nos campos e nos mares,  
E hoje nos ares com o seu balão.

Terra adorada  
Etc., etc.

A conquista que aspirava  
A velha Europa, poderosa e vil  
Rompendo o véu que a occultava,

Quem ganhou foi o Brasil !

Terra adorada  
Etc., etc.

[72]

Por isso o Brasil, tão magestoso,  
Do seculo tem a Gloria principal :  
Gerou no seu seio o grande heróe,  
Que hoje tem um renome universal.

Terra adorada  
Etc., etc.

Assignalou para sempre o seculo vinte  
O heróe que assombrou o mundo inteiro :  
Mais alto do que as nuvens, quasi Deus,  
E' Santos Dumont – um Brasileiro.

Terra adorada  
Etc., etc.

\*  
\* \*

QUANDO Eduardo regressou do Norte com esta canção, após o «Pae da Aviação» haver contornado a Torre Eiffel na sua *Demoiselle*, o povo fel-a repetir cinco vezes !

Foi um verdadeiro delirio !

O palco ficou juncado de chapéus e flores.

Invadiram a scena e carregaram-no entre ovações entusiasticas, como jamais tiveram Geraldo de Magalhães e Mario Pinheiro !

Foi tão delirante a manifestação, que quasi arrancaram a manga do seu «smouking». Ella ficou presa por um fiapo.

E as manifestações tornaram-se diarias, de

[A]

[Em branco]

[B]

[IMAGEM]

*EDUARDO DAS NEVES*  
(*O Diamante Negro*)

[C]

[IMAGEM]

---

*INDIO DAS NEVES*

*O consagrado poeta e musicista, que é hoje o maior vulto da modinha brasileira.*

[D]

[EM BRANCO]

[073]

modo que, Eduardo das Neves, no meio de um elenco de que fazia parte a grande «chanteuse» Jenny Couck, passou a ser o ultimo numero da segunda, encerrando ella a primeira parte do programma, que era variadissimo no genero «Café-concerto».

Ha quem diga por ahi, que Benhamim de Oliveira foi o maior concorrente de Eduardo das Neves.

Não é verdade.

O saudoso artista-negro nunca teve concorrente, e, Benjamim sempre o temeu e jamais permittio que Eduardo, que poderia ser o seu mestre no violão, no canto e até mesmo na arte de representar, ingressasse na Comapnhia Affonso Spinelli.

Benjamim não poderia substituir Eduardo das Neves, ao passo que, Eduardo o substituia com grande vantagem, como succedeu na Bahia, numa peça da

minha autoria : A PRINCEZA ENGEITADA, mais conhecida por A FILHA DO CAMPO.

Lili Cardona que o diga.

Nem Francisco do Nascimento, o velho e aplaudido palhaço-negro – o popularissimo *Chico Francisco de São Francisco* – rei do riso no picadeiro – o artista das famosas CONFRENCIAS, conseguiu em qualquer época, empanar o brilho de Eduardo das Neves !

Aquelle violão, era um caso muito sério, alliado áquella voz partida de uma garganta de ouro, era «um numero», como hoje vulgarmente se diz.

\*  
\* \*

[074]

**E**DUARDO não desconhecia o seu grande valor como artista unico no genero, mas, era de uma condemnavel modestia e um descuidado de si proprio.

Nunca se impoz, como, realmente, deveria ter feito.

Em compensação – aqui que ninguem nos ouça, – nunca se enfeitou com pennas de pavão... nem nunca se locupletou com os resultados dos trabalhos dos outros...

Certa vez, escrevi, a seu pedido, uma cançone-ta : PÉGA NA CHALEIRA – que elle muzicou,

emquanto o diabo esfregou um olho, para cantar duas horas depois, na noite do seu beneficio, em Santa Cruz.

Pois bem, quando teve que gravar a chapa na Casa Edison, veio pedir autorização e eu não consenti em figurar o meu nome como autor da letra.

Revi, concertei, ageitei uma infinidade de peças da autoria de Eduardo.

Elle era interessante escrevendo peças – não fazia a separação das scenas – era tudo corrido !

Quando annunciava uma peça, como de sua autoria, é porque o era mesmo.

Nunca botou o seu nome aos trabalhos dos outros...

Ha por ahi, quem não assigne com correção o proprio nome, e se inculque autor de varias obras theatraes... e já houve mesmo tempo em que nada subia á scena em determinada casa de espectaculos, sem o nome do *consagrado escriptor* !...

[075]

Eduardo, porém, era vinho de outra pipa, como vulgarmente se diz, e, submettia tudo quanto o seu bestunto gerava, á apreciação de pessoas que lhe pudessem corrigir os erros. Jamais o grande artista fez cortezia com o chapéo alheio – porque, o que apresentava como seu, era seu de verdade.

\*  
\* \*

**I**NSPIRADO, como bem poucos, de uma grande e admirável fertilidade, Eduardo das Neves produziu muito.

Nas épocas de gravação na Casa Edison, elle só á ultima hora pensava na organização do repertorio e o fazia rapidamente, em dois ou tres dias e muitas vezes na vespera ou «á minuta» – como se faz nos «restaurants» e sempre deixou longe o Bahiano, que tinha a presumpção de rivalisar com o grande cantor, e, não conseguindo, recorria á intriga, a picuinha, ao *disse-me-disse*, que deveria ter deixado na «Boa Terra», onde enterrou o umbigo...

Mas, quer na Casa Edison, quer no theatrinho do Passeio Publico, onde o Arnaldo enriqueceu, para depois ficar orgulhoso e «receber o castigo», o Eduardo distanciou-o sempre – um, era o diamante negro e o outro era uma «perola» cuja falsidade se descobria rapidamente, logo á primeira vista...

Os discos gravados por Eduardo das Neves, foram sempre os preferidos do publico, como mais tarde succedeu, com os sambas do *Sinhô*.

[076]

Um grande successo, foi esta modinha, que só

mesmo cantada por elle:

Fiz um delicto lá no sertão  
Vou me esconder  
Lá com as fêras que sabe ou não  
Irei viver !

Ai... bemtevi  
Não cantes que eu tenho medo  
Que o teu canto mavioso  
Vae descobrir o meu segredo.

*(Assobiava imitando o bemtevi)*

Não houve um movimento, um acontecimento nacional, que passasse despercebido ao estro do grande artista, com a collaboração do seu mavioso «pinho».

Nem elle mesmo escapou.  
Desde o

Nasci como nasce  
Qualquer vago-mestre

até o

Piff ! Paff ! não é nada  
E' o tiro do canhão

na primeira, contando a historia da sua vida attribulada, incluindo o tempo em que foi guarda-freio

[077]

da Estrada de Ferro Central do Brasil e na segunda criticando a revolta de 6 de Setembro de 1893.

Depois, com o desenrolar dos acontecimentos, houve o attentado de 5 de Novembro contra o Presidente Prudente de Moraes, tendo sido assassinado o Marechal Bittencourt, Ministro da Guerra e Eduardo das Neves appareceu em publico cantando a canção patriótica :

5 de Novembro  
Data fatal  
Em que mataram  
O grande Marechal  
Chora 9 Exercito  
Chora o Brasil inteiro  
A morte de um heróe  
De um grande brasileiro.

E o povo se habituou a ouvir Eduardo das Neves cantar ao violão, os acontecimentos de maior divulgação, occorridos no scenario politico da nossa Patria.

---

Quando a Marinha de Guerra foi augmentada com os poderosos couraçados *São Paulo* e *Minas Geraes*, o incommensuravel artista obteve um grande successo cantando :

Louros triumphaes  
O seculo nos traz  
Vamos saudar  
O Gigante do mar  
O Minas Geraes.

[078]

\*  
\* \*

**O** GENIAL cantor foi sempre grandioso.

Não houve plateia, por mais exigente que fosse, que não o recebesse com delirantes ovações.

Havia antigamente um certo preconceito entre os artistas theatraes, que, tinham pelos circenses, uma especie de menospreso e tanto assim que quando um actor comico se excedia, chamavam-no «*palhaço*».

Eduardo foi o primeiro que pisou no palco, para cantar ao violão, no Theatro Apollo, n'um grande festival de um outro genio que se chamou Xisto Bahia – mulato de qualidade !

Foi o sucesso da noite ! Nem o beneficiado, nem o saudoso actor França, que earm eximios no violão, sobrepujaram-no.

Elle fez uma – entrada comica – vestido de palhaço e dominou os espectadores. Todos os artistas, se postaram nas coxias, á espera de uma estrondosa pateada, mas, quando o *diamante negro* entrou em scena, acompanhado de Xisto Bahia e este annunciou :

– Uma grande revelação nacional – Eduardo das Neves !

A plateia cobrio-o de palmas !

E, sem vacilações, sem dar tempo a que o velho Xisto sahisse de scena, o então palhaço, ferindo as cordas do seu *piano*, que vulgo chamava o seu

[079]

violão, cantou uma modinha da lavra do proprio Xisto e que sempre foi um dos grandes sucessos do querido actor :

A renda da tua sáia  
Vale bem cinco mil réis  
Arrasta a sáia mulata,  
Te dou mais cinco e são dez

Isto é bom  
Isto é bom

Isto é bom  
Que dóe !...

Xisto Bahia ficou vivamente impressionado e cobriu de beijos e abraços o grande artista !

A plateia fel-o repetir e Xisto Bahia, correu ao seu camarim, apanhou o violão e ajudou o acompanhamento.

Estaria feita, com ruidoso sucesso, a – *entrada comica* – se a plateia não pedisse, com insistencia, o TIRO DE CANHÃO.

Foi outro *tiro*...

Chamado á scena repetidas vezes, Eduardo cantou, para despedida :

– Pae João, able porta neglo  
Por ordi di delegado  
– Eu não able minha porta  
Que Catilina tá detado...  
– Pae João, able pórtá neglo  
Por orde de zimpetô

[080]

– Eu não able minha pórtá  
Catilina já detô.

Quando elle entrou no estribilho :

Siricopaco  
Mango-mango  
Etc.

ninguém resistiu – uma apoteose ! Foi a recomendação do valoroso artista, que mais tarde, os paulistas consagraram na «tournée» do Grande Circo François.

\*  
\* \*

**C**OMO todo homem, Eduardo tinha as suas aspirações.

Uma, era ter um circo de sua propriedade e a outra era ser oficial da Guarda Nacional.

Quando foi proposta a sua promoção de Brigada para Alferes, deixou este mundo de ilusões.

Director-proprietario de um circo, conseguiu ser, para gaudío de um socio espertalhão, que esperava o momento em que Eduardo estava em scena, para arrecadar todo o dinheiro entrado na bilheteria e deixar o socio e os artistas sem um nickel para as suas necessidades mais urgentes.

Sempre patriota, Eduardo deu á sua casa de

[081]

diversões, o nome da Patria – Circo Brasil – que só lhe serviu para grandes aborrecimentos e enormes sacrificios.

Eu sou testemunha disso e o meu grande amigo Dr. Evaristo de Moraes tambem.

\*  
\*   \*

**A** MAIOR gloria de Eduardo das Neves, foi cantar e com uma grande vantagem – é que elle, sósinho era a garantia de um programma e o successo de um espectáculo.

Houve aqui um empresario aventureiro – foi João Apostolo – o homem dos anneis electricos e dono do leão *Marrusco*.

Certa vez, estando o leão no Maison Moderne e como o pranteado empresario Paschoal Segreto, não lhe quizesse fazer entrega da féra, requereu busca e apprehensão do animal.

O Juiz concedeu e os Officiaes de Justiça foram fazer a diligencia.

Quando chegaram na Maison Moderne e leram o mandado de busca e apprehensão, Paschoal Segreto chamou o Gerente, o Domingos *Dedo de Cabeça de Cobra*, e ordenou :

– Seu Domingos, faça entrega só do leão – aos

officiaes de Justiça.

– Faça entrega – só do leão, – porque a jaula é minha.

[082]

E virando-se para os Officiaes : Os senhores não trouxeram uma jaula ?

– Não senhor.

– Não faz mal, eu empresto uma corda...

Desnecessario é dizer, que o leão ficou *depositado* na Maison Moderne, todo o tempo necessario para João Apostolo mandar fazer uma jaula, tendo ainda que pagar o deposito...

Era João Apostolo, quem no seu Circo, armado na antiga *Cabeça do Porco*, dizia :

– Não preciso de artistas : eu com o leão e Eduardo das Neves com o violão, damos um espectáculo!

E davam mesmo.

\*

\* \*

**U**MA pergunta, certamente, fará o leitor :

– Qual foi a actuação de Eduardo das Neves na roda do samba ?

A resposta não se fará esperar :

– Foi a maior possível. Elle foi sempre um *cathedratico*, desde os tempos de guarda-freio e daquelles *bambas*, daquelles que se garantiam e cujas pernas eram respeitadas n'uma batucada.

Antes de se celebrar como cantor, foi sambista.

Durante muito tempo, ha uns quarenta annos passados, quando elle cantava aquella modinha com a muzica do Guarany :

[083]

Uma tarde na janella  
Pensativa eu te vi  
Estavas tão seductora  
Que fiquei louco por ti  
Vem cá minha morena  
Vem ser minha Cecy  
Vem ouvir a minha voz  
A voz do teu Pery.

tambem era figura de destaque nos sambas da casa da *Bambala* e fazia parte como «*docente*» da Escola de Samba Estacio de Sá.

Respeitavam-no e temiam-no, quando dava para fazer samba de improviso.

Na roda do samba, Eduardo pertenceu sempre a Cidade Nova, porque, se julgava *estrangeiro* lá para os lados de Botafogo...

O Eduardo, foi contemporaneo de Hilario Ferreira, *Dudu'*, *Marinho Que Toca*, *João da Harmonia*, Cleto, o Clemente, hoje continuo do Gabinete do Director da Imprensa Nacional, Aymoré e muitos outros que eram considerados *magestades*.

Com o seu grande talento, com a sua imaginação e fertilidade, Eduardo das Neves vivo, *Sinhô* não teria a sagração de REI DO SAMBA.

Não teria, porque o grande artista era mais popular, tocava tambem piano (muito pouco, mas tocava) tocava pandeiro, chocalho, cuica, cavaquinho e violão com maestria.

Sendo elle um «cathedratico», em qualquer destes instrumentos, *Sinhô*, não podia competir com o velho mestre.

[084]

Dada a sua grande pratica e o seu contracto para gravações com a Casa Edison, Eduardo subiria ao throno ! *Sinhô* seria apenas um Duque e *Canninha*, o Prazeres e outros seriam principes, caso o *Chico Viola* não o «engarrafasse», como «engarrafou» outros vultos, como «boycottou» *Sinhô* e como tentou «Comprar» Indio das Neves !

\*

\* \*

**E'** VOZ geral, que os genios, os grandes talentos, os artistas notaveis, dentro da propria familia, não deixam substituto.

Eduardo das Neves, porém deixou um substituto ; deixou um filho que tem sabido honrar o seu nome, muito embora não seguindo a mesma carreira do seu progenitor.

Si não ha regra sem excepção, Indio das Neves é uma excepção da regra.

Escolheu para inicio da sua carreira no funcionalismo, a mesma repartição em que seu saudoso pae deu os primeiros passos na vida publica – a Estrada de Ferro Central do Brasil, onde já é conferente de 2.<sup>a</sup> classe.

Indio das Neves, é hoje o maior poeta no genero de modinhas de alto estylo.

Na actualidade, elle é o *primus inter-pares*, é

[085]

o maior vulto da modinha brasileira, porque Catulo da Paixão Cearense, depois que adheriu a outro roda e passou a viver dos concertos para gente rica, abandonou a modinha.

Com Catulo agora, é só *poema de legua e meia*, porque, com elles talvez ingresse no Petit Trianon, pelos fundos...

Mas, ninguém reclama ou lamente sequer, a retirada de Catulo – o jocoso poeta sertanejo.

O Índio, honrando o nome do inolvidável Eduardo das Neves, não deixou que a modinha cahisse e morresse. Amparou-a deu-lhe maior vulto e beleza e lá do Reino da Glória, recebe as bênçãos e as inspirações de seu pai, porque, dizem os positivistas que – os vivos serão sempre e cada vez mais governados pelos mortos.

[086]

---

## Gente do outro tempo

---

**O** SAMBA, depois que industrialisaram-no, está perdendo a sua verdadeira cadência e vai assim aos poucos, caminhando para a decadência...

Antigamente, quando numa festa de samba, aparecia uma flauta, era uma novidade, e, se o flautista era, por exemplo, o JANGADA, a semana inteira o comentário era este :

– Ah ! Mano «véio», *Bambala*, deu um samba na hora !... Teve até flauta !

– O que está dizendo ? !

– Juro por essa luz que está me «allimiando».

– Quem «assoprô» o instrumento ?

- Foi o JANGADA.
- O' !... O que eu perdi !
- Onde você se meteu ? Todo o «cordão» encordoôu.
- Fui a um baile de aniversário.
- Tá bom... E qui tal ? Muito «gravanço» ? Muito «bebestive», heim? !...
- Que esperança ! De *comedoria* e *bebedoria*, nem o cheiro ! Baile «relé», de *taboleta virada*... Que pena !...
- O *Jangada* táva bão como quê!...
- E quem mais tocou ?

[087]

[087]

- Nem queiras saber. Foi mesmo a flô ! Escuta só :  
*Marinho que toca* (Antonio Marinho da Silva) no «cavaco»; Galdino, no «cavaco»; Dudu' no vio-

*HILARIO JOVINO  
FERREIRA*

[IMAGEM]

*Autor de vários sambas*                      *da escola do partido*  
*e defensor extremado*                                      *alto*

lão; Hilario, no violão; *Luiz da Flauzina*, no violão ;  
João Caparica, no pandeiro fritrolado; *Luiz Cabeça Grande*, no pandeiro e *Manoel Bahiano*, no «Camisão».

«Camisão» ! Bem poucos são os que hoje sabem o que seja «camisão». E' um pandeiro tocado á moda do Norte, para acompanhar chula.

Quando essa gente que constituia o «Estado Maior», se reunia numa brincadeira, parecia que o mundo vinha abaixo !

E se na roda, apparecia o Cleto, com a sua gente ? Era um «pau p'ra virar»...

[088]

O homem não dava uma folga e de vez em quando, lá vinha tirar um samba e embrulhava meio mundo, porque tinha muita verve e improvisava com facilidade.

A coisa rendia, quando elle se defrontava com o Hilario e o Dudu'.

Ia até o dia seguinte.

\*

\* \*

**B**ONS tempos aquellos !

Quando se formava a roda, os seus componentes eram as summidades e os convidados, gente escolhida, que merecia o tratamento de «Yáyá» e «Yôyô».

E as bahianas ? Mas que bahianas tentadoras, com suas alvas e lindas camisas de cretone bordadas com renda de linho; bellas «anaguas» de grande roda com babados e sandalia na ponta do pé !

E tão sedutoras se tornavam, envoltas no panno da Costa perfumado, ostentando custosas joias e lindos «barangandans», que contavam na roda innumeros admiradores, gente graúda : «seu» barão, «seu» commendador e o portuguez da venda ou do açougue.

O samba daquelle tempo, em que tomava parte a «elite», a alta roda, era o que se podia dizer, uma «coiza do outro mundo» !

Muita gente ia ás nuvens quando ouvia :

[089]

Ai, ai, ai.

Eu ahi

Deixa as cadeiras da nêga

Bulí.

Quando ella botava as mão nas cadeiras, ou na cabeça vinha em baixo, vinha em cima, em «parafuso», muita gente ficava *doente*...

De vez em quando, aparecia um gaiato, e gritava :

– Morre meu anjo e leva p'ro Céu com você...

E ella respondia :

– Yôyô, no Céu não entra peccadô...

Tivemos sambas memoráveis na casa da *Bambala*, a quem fizeram um sambinha cujo estribilho era este :

Eu vi «Bambala»  
Na Ponta da Areia.

\*

\* \*

**A**NTIGAMENTE, o samba era quasi sempre o estribilho, constituido de uma quadra ou dois versos apenas e o resto era feito a *la minuta*...

Era ali no momento e quando não entrava o improviso ou o desafio, batiam uma quadra conhecida.

Muitas vezes, o samba, (muzica e letra) era feito no calor da festa, no meio do entusiasmo.

[090]

O Hilario e o Cleto, eram para isso de uma fertilidade assombrosa !

O Aymoré, que anda hoje fazendo a *obrigação*

lá para os lados da estação de Mesquita, numa festa de São Cosme e São Damião, na casa da tia Thereza, na rua Luiz de Camões, festa que tinha como Rainha a Gracindda, que foi no tempo da sua mocidade uma das mais lindas e sedutoras filhas da *Boa Terra*, lá pela madrugada, depois de roer muita *coirana*, improvisou este samba :

Ai bahiana  
O samba do Rio é «bão»  
Tem flauta tem cavaquinho  
Tem pandeiro e violão.

Ou pela popularidade do Aymoré, ou porque o samba fosse mesmo o «succo», durante muito tempo ficou no «terreiro».

Ainda hoje faz sucesso, quando alguém se lembra e diz :

– O samba do Aymoré !

Ahi o pessoal «abre o bico» e aquellas «negas-cheirosas» se desengonçam todas na pontinha da sandalia, fazendo o côro :

Ai bahiana  
O samba do Rio é «bão»  
Tem flauta tem cavaquinho  
Tem pandeiro e violão.

\*  
\* \*

[091]

AS festas na casa da tia Thereza, sempre tiveram nome na historia.

Os bohemios chamavam-na «tia Thereza», mas, as bahianas, suas conterraneas, tratavam-na de *Tetéa*. Foi o appellido que recebeu em Maragogipe aos primeiros dias de nascida, porque, segundo dizem, era muito bonitinha e depois de moça foi typo de bellezaa na terra onde se fabricam os melhores charutos do mundo, na opinião do Rei Alberto.

Durante muito tempo, tia Thereza vendeu na rua, á noite.

O seu grande taboleiro, era um verdadeiro restaurante. *Prat du jour* : angu' á bahiana. Nas sextas-feiras e na quinta-feira santa, o angu' era substituido pela vatapá ou caruru' de peixe.

Durante muito tempo vendeu no largo de São Francisco, junto á Escola Polytechnica. Depois o delegado de policia Dr. Vicente Reis, do 3.º districto, para *mostrar serviço* e dar provas de «energia», transferiu-a para a rua Uruguayana, no portão do gradil da igreja do Rosario, mas, constantemente implicava com a bahiana, sujeitando a sua freguezia a vexames.

Numa madrugada de 15 de Novembro, elle se

«estrepou todinho». E então, vejamos :

No meio da festa de anniversario do *Jornal do Brasil*, fizemos um appello em verso (de autoria de Mucio Teixeira), pedindo ao Dr. Fernando Mendes de Almeida – então Director-Redactor-Chefe, o «arame» para a ceia. O Dr. Fernando, tambem em verso, fez como Poncios, mandando que nos diri-

[092]

gissemos Herodes, que no caso, era com o Dr. Candido Mendes de Almeida, Director-Gerente, ou melhor o «Ministro da Fazenda» da casa e homem *sempre abonado*.

O Dr. Fernando, á vista delle, era um «prompto» e não raro, entrava tambem com o seu *vale-roseo*, porque o talão de vales do Dr. Candido, era verde e o da *arraia-miuda*, que eramos nós, era branco e assim mesmo por intermedio do Grande Secretario que foi o velho Arthur Costa.

Recebendo a petição, o Dr. Candido, meticoloso contou o numero de signatarios e fez um calculo : (*Cinco mil réis por cabeça*)... elles são 26..... 130\$000; mais uns quatro que appareçam ..... 150\$000 – que naquelle tempo era dinheiro á beça !

O thesoureiro acclamado, foi o finado Mario Cardoso.

Eu fui o encarregado do «menú» e como tal

áquella hora – 3 da madrugada – propuz o *restaurant* ao ar livre da *tia Thereza*, emfrente a Igreja do Rosario, o que foi unanimemente approvedo.

Seguimos. Na frente iam : o Dr. Carlos de Laet em animada palestra com o Coronel Gaspar de Souza, director tecnico do *Jornal do Brasil* e Mucio Teixeira ; a seguir : Mario Cardoso, Campos Melo e Camargo, que discutiam as probabilidades de um «saldosinho»... O Eugenio Pereira e o Amadeu Rohan, discutiam coisas da Santa Sé e da secção religiosa, que na edição especial commemorativa do anniversario, traria um bello artigo do Dr. Felicio dos Santos ; o Francisco Calmon e o Valle Ju-

[093]

nior, conversavam sobre cavallos de corridas, jockeys e proprietario e das possiveis «barbadas», que «Lourencinho» sabia arrumar ; o Caldeira só pensava em assumptos commerciaes ; o Dr. Dunsch de Abranches, «deu o fóra», para não desmoralisar a sua inseparavel cartola de abas redondas. Francisco Valente nem sonhava morrer na catastrophe do *Aquidaban* e via o *Tamandaré* navegar em mar de rosas ; Otto Prazeres vinha respeitoso ao lado do seu velho pae, o estimadissimo Dr. Feliciano Prazeres, redactor theatral, que fez da Pepa Ruiz a *archi-graciosa* e do actor Brandão o *popularissimo*.

Placido Isasi, Bambino, Julião Machado, conversavam sobre as ilustrações da edição especial e sobre os trabalhos que Celso Herminio mandára de Portugal.

O Dr. Eduardo Machado, pensava na restauração da monarquia...

E eu... só pensava no menú.

Chegámos ao taboleiro.

A «tia Thereza», quando vio toda aquella gente ficou assustada, porque para ella, eram *caras* estranhas.

Ceguei e tranquilisei-a.

Toda a «boia» estava por nossa conta !

E ella, sempre com aquelle sorriso cheio de bondade e de candura, disse logo:

– Eh ! Eh !... Onde o sinhô foi arranjà tanta gente graúda ? Porque não avisô, que eu esperava lá em casa e servia mió, preparava umas coisas especiá ?

– A «boia» chega, tia Thereza ?

[094]

– O chega, chega, Yôyô. Temos angú, picadinho com batata, arroz, carne assada, fígado de cebolada, linguiça frita, peixe frito, farofa de ovo e mingáo.

Consultei o Dr. Laet, que respondeu alegre :

– Ah ! Que bella recordação d'outros tempos !

– Dos tempos da mocidade, heim mestre.

Retorqui.

– Menino, você precisa aprender a ser diplomata. Perto de homens como eu, o Coronel Gaspar e o Mucio, nunca se fala em mocidade...

– Porque serão capazes de pensar que somos velhos, não é verdade Dr. Laet ? Ponderou o Coronel Gaspar.

– Não é precisamente isto. Serão capazes de pensar que nos falta, aquilo, que aliás nos sobra...

O Calmon atalhou :

– Que é justamente o talento.

E o Dr. Laet retrucou :

– Está você enganado – é energia... Eu vou ao grato dia !

– Oh ! Ha muito, que não como um «angú de quitandeira» e tenho ouvido falar no angú desta bahiana.

– Dr. Laet, angú a esta hora ?

– Ora Coronel Gaspar, você tem cada uma ! O estomago não tem relógio, para saber quantas horas são, para receber um angú !

Quasi todos foram ao angú, que passou o ról do *não tem mais!*

Aquelle pessoal todo reunido, falando alto, gar-

[095]

galhando, chamou a atenção da patrulha, que communicou o caso ao delegado, que não se fez espe-

rar : partiu da delegacia disposto a virar o restaurant da Tia Thereza, em frége !

Quando lá chegou, como verdadeiro «espanta patrulha», o pessoal recebeu-o com uma salva de palmas.

Quando elle vio o *Jornal do Brasil* em peso, com Carlos de Laet, Mucio Teixeira, Gaspar de Souza e et caterva, «virou sorvete» – adheriu !

Pouco depois chegava o carro com o Dr. Fernando Mendes, que adheriu tambem, confessando :

– Eu estava doido que o mano (Dr. Candido) descesse para as machinas, para vir fazer companhia a vocês ! E entrou num pão com carne assada.

Mucio começou a dizer poesias, Laet a contar anedotas, eu a fazer contas com a tia Thereza, que de vez em quando tinha que attender a voz do commando do Capitão Campos Mello :

– Mais um *café bem quente*.

«Café de bem quente», para a gente, era aguardente...

Depois, os Drs. Laet, Fernando Mendes, Mucio Teixeira e Coronel Gaspar seguiram no carro para a redação, em companhia do Dr. Vicente Reis, afim de assistirem a machina rodar.

Nós outros, formámos um grupo e cantámos um samba, que era sempre cantado no sabbado de carnaval, quando um cordão dos suburbios ia buscar o estandarte exposto no *Jornal do Brasil* :

[096]

Viva Yáyá  
Viva Cecy  
Viva a redacção  
Do jorná do Brasí.

O Dr. Vicente Reis, dias depois voltou a implicar com a tia Thereza e para evitar qualquer violencia, no que elle era useiro e vezeiro, consegui que o Coronel Meira Lima, então delegado do 1.º Districto, permittisse que a pobre velha em cuja casa abrigava orphãos, para educar, viuvas sem lar, crianças abandonadas e servia tambem de depositaria de menores sem que a policia lhe indemnissasse as despezas de estadia de dias, semanas e ás vezes, mezes, collocasse o seu taboleiro na rua do Rosario, esquina da de Gonçalves Dias – ali na fronteira com o 3.º districto !

Depois tia Thereza, não podendo mais ficar exposta ao sereno, devido o seu estado de saude, passou a servir a sua freguezia na propria residencia.

Mas, que no taboleiro, quer na residencia da tia Thereza, é que os sambistas sabiam das novidades.

Qualquer brincadeira que houvesse, tinha que ir ali – ao «bureau» de informações.

A tia Thereza, foi para a Bahia, viver entre os

---

seus parentes, deixando-nos uma grande saudade e eterna recordação dos seus sambas, dos seus petiscos saborosos, do seu marido que era o Chaves – Guarda nocturno – e daquelle busto de D. Pedro I, que havia na sala de visitas.

[097]

O «Didi», foi talvez quem deu mais sorte nos sambas da tia Thereza, a quem offereceu este :

Esta gente enfezada  
Que nas pernas tem destreza  
Vem cahir na batucada  
Na casa da tia Thereza.

Bahiana do outro mundo  
Eu sinto a perna bamba  
O meu prazer é profundo  
Aqui na roda do samba.

O *Didi* levou depois este samba para o rancho carnavalesco MACACO E' OUTRO..., onde o Germando, o *Dédé*, o Abut e outros eram as principaes pessoas da directoria, tendo como figuras de destaque entre as pastoras a *Ziza*, a *Catita*, a *Pequena* e outras da casa da tia Asseata á rua Visconde de Itauna n.º 117.

Este samba do *Didi*, logrou grande sucesso.

\*  
\* \*

**A** GENTE DO OUTRO TEMPO, quando ia para a roda do samba, só tinha um objectivo – brincar, mas, *brincar na regra*, como então se dizia, respeitando uns aos outros e principalmente tendo em mira o *nono mandamento*...

[098]

Os sambas de João Alabá, também tiveram fama e deixaram nome na história.

Em geral, a eles compareciam os seus «filhos de santo», os habitués do seu «terreiro».

A's vezes enfiava a semana inteira ; era, para bem dizer, o oitavario de um grande «candomblé» de iniciação de um «filho», de uma obrigação de alguém que tinha que dar *comida á cabeça* ou oferecer um *amalá* a seu santo ou mesmo o pagamento de uma multa. Vinha gente de longe, dos suburbios, dos arrabaldes, de Nictheroy, São Domingos, de Maxambomba, Macacos, Belém e até da Barra do Pirahy !

Assim, eram também as festas preliminares na casa de Cypriano Abedé, que até bem pouco tempo foi

o maior Babalaô do Brasil e o mais entendido em negocios da religião africana, apesar dos seus cem annos de idade !

Sendo Cypriano Abedé o unico «Pae de Santo» que possuia diploma de Doutor em sciencias occultas, de uma academia norte-americana, era tambem o unico que possuia a *Ossain* que tanto surprehendeu e abysmou o ex-Senador Irineu Machado, quando o encarregou de fazer por 20:000\$000 os *trabalhos* para a sua eleição. No dia em que viu e ouviu a *Ossain*, ficou tão emocionado que depositou aos seus pés a quantia de 1:100\$000 !

Os grandes candomblés na casa de *Sua Magestade* Abedé eram precedidos de festas, dansa e canticos, em que o samba tinha preferencia.

Os sambas e os candomblés de Abedé, na rua João Caetano, 69, se recommendavam pela gente es-

[099]

colhida que os frequentava e nos dias de taes funcções, era de ver a grande fileira de automoveis naquella rua, sendo alguns de luxo e particulares na sua maioria.

Era gente de Copacabana, Botafogo, Laranjeiras, Cattete, Tijuca, São Christovão, emfim gente da alta roda que ali ia render homenagens a seu *Pae Espiritual*.

As funcções na casa de *Sua Magestade* Abedé,

eram permissivas pela polícia, em vista de ser ali uma sociedade de Ciências Ocultas, com organização de sociedade civil, sendo que os seus Estatutos aprovados pela polícia, cogitavam da religião e dansas africanas.

Em Setembro de 1930, iam em meio da maior animação um candomblé, quando parou á porta, um automovel e delle saltou um deputado, acompanhado de um amigo.

O deputado, era o filho do Sr. Dr. Washington Luis, então Presidente da Republica.

E o chamado «Principe da Republica Velha», gostou tanto, achou tudo tão bem, tão em ordem, que comeu, bebeu e ficou na festa até ás 3 horas da madrugada !

\*  
\* \*

**O**UTRO samba afamado, era na casa da *tia Asseata*, que nestes ultimos tempos foi, sem duvida, a bahiana de maior nome aqui na Bahia... de Guanabara.

[100]

No seu tempo de moça, deu dôr de cabeça a muita gente... Era da classe das – nêgas cheirosas – e que serviam de figurino ás demais bahianas.

Uma saia bordada á ouro ou seda, uma sandalia

acompanhando o bordado da saia, quem quizesse ver do que havia de mais rico, apreciasse em cima de *Asseiata* !

Vendeu doces toda a sua vida de moça e durante a sua velhice. Trabalhou, trabalhou muito, para ajudar seu marido o popularissimo João Baptista, da Imprensa Nacional, que, nos dias de samba, *candomblé* ou carnaval, ficava doido e não contava com a esposa, porque, se si tratava de *candomblé*, ella como «Mãe de Santo» que era e das boas, ia ver arriar os «ourixás» e então levava em sua companhia as filhas : Isabel, *Pequena* e *Mariquita*; si se tratava apenas de samba, ella estava dentro da roda e quando era pelo carnaval esquecia tudo, porque como foliona de primeirissima, transformava a sua casa, quer na rua da Alfandega, quer ultimamente na rua Visconde de Itauna (onde falleceu) em verdadeira *Lapinha*. Rancho que sahisse e não fosse á casa da *Asseiata* – não era tomado em consideração, era o mesmo que não ter sahido.

Os sambas na casa de *Asseiata*, eram importantissimos, porque, em geral quando elles nasciam no alto do morro, na casa della é que se tornavam conhecidos da roda. Lá é que elles se popularisavam, lá é que elles soffriam a critica dos «*cathedrauticos*», com a presença das summidades do violão, do cavaquinho, do pandeiro, do réco-réco e do «*tabaque*».

[101]

Foi na casa da tia *Asseiata*, num dos seus famosos sambas que o «Donga» *apanhou* o – PELO TELEPHONE – e fez aquelle arranjo muzical que o celebrizou como o precursor da «industria» que hoje é o regalo do *Chico Viola*...

Tem apparecido ahi muita coisa, como novidade muzical e que naquelle tempo cahio em desuso.

Quando não quizessemos appellar para os marmanjos, teriamos o testemunho dessa bahiana que tem o segredo da juventude e da belleza – essa Maria Adamastor – que ainda é a mesma carinha seductora, que ainda é a mesma bahiana cheia de «dengues» e que sambando, se desmancha «todinha» em verdadeiros exercicios de contorcionismo e que á frente de um rancho carnavalesco, como mestre sala, só respeitava o Hilario Ferreira e o Germano Lopes da Silva, que atacado de pertinaz enfermidade, falleceu em 2 de Maio de 1933, sendo sepultado na cova rasa n.º 18.544, do Cemiterio de Maruhy, em Nictheroy.

A gente do outro tempo !

Que differença da gente de hoje !

[102]

---

**Gente de hoje**

---

**H**AVEMOS de convir que ha muita differença da gente do outro tempo para a de hoje.

Ha no meio dos de hoje, quem possa testemunhar que a distanci é muito grnde.

Que o diga : o Dudú, o Canninha, o «Cuba» da Flor do Abacate ; o Bomfim, o Donga, o João da Bahiana, o Juca da Kananga, o Dr. Enéas Brasil, o Coronel Arthur José da Silva, o Aymoré, o Theodoro (*Massada*), o guarda civil aposentado Conceição, o Galdino «Cavaquinho», o Valentim Franco, o Didi, o Oscar Maia, o Dédé, o Paiva mestre sala ; o Eloy e o Juventino (a «trinca» Abacate), o Major Verissimo José Nogueira, Gentil o «titio», o Carvalho Bulhões, Manoel Ignacio de Araujo, Cleto de Oliveira, Marinho que Toca, Bemzinho, Napoleão de Oliveira, Cap. Arthur Albuquerque, Maximiano Martins, José Rabello, Ten. Camargo, o Ernani (Sabiá), o outro João da Bahiana (que hoje é capitalista), o Eloy (que deu para inventar samba e gravar como «ponto» de «candomblé»), José Cupertino Corrêa de Pinho (que comprou em leilão o balão de José do Patrocinio), Manoel LeoncioBahia, (que hoje se diz «Pae de Santo» e fez o «ébó» para o Djalma de Jesus, não sahir da Associação Beneficente dos Empregados Municipaes), o Amorzinho (irmão do Oscar Maia), o Mauro de Almeida,

O *Mocego* (hoje aposentado nas rodas carnavalescas), Hestor dos Prazeres, Maria Adamastor, o Zuza e a Ziza, Henriqueta (do angú do Mercado), as irmãs Laura e Etelvina, o Arlindo Apostolo, o Valentim (da Mulher Vermelha, hoje mestre no Arsenal de Marinha), o Capitão Gregorio Amorim, o Dr. Jupiaçara Xavier, o Bijú (do Recreio das Flo-

[IMAGEM]

BICOHYBA

Extremado defensor do  
samba

res) e muitos outros que poderão contar que a gente do tempo antigo, os que cultivavam o samba, eram em tudo e por tudo incomparáveis com os sambistas e «sambéstrós» de hoje.

Antigamente, o samba primava pela originalidade da letra e muzica, que jamais se afastavam do

[104]

rythmo, ao passo que, hoje o que mais se observa é o plágio com o maior descaramento.

Na relação acima, ha nomes que figuram no meio da gente de hoje, mas, que foram criados na roda

da gente de hontem e que embora fossem muito crianças naquelle tempo, ainda guardam recordações do que faziam os seus maiores.

Lançado um samba, passado nas Escolas do Estacio e do Cattete, elle era cantado por toda a parte, sem que o seu autor tivesse a menor pretensão nem pensasse em lucros.

Hoje, o que inspira os sambistas e «sambéstrós» é a ambição do ouro...

Elles não têm mãos á medir e ha mesmo quem viva unica e exclusivamente do samba, apresentando coisas antigas como de sua lavra, não respeitando a memoria dos seus antepassados.

O que foi cantado a uns 60 annos, sem se saber quem era o autor, apparece hoje gravado nos discos das victrolas, como originalidade de A. ou B.

As musicas de hoje, são muito semelhantes umas com as outras, differindo apenas no andamento, na mudança de compasso.

Estamos no Imperio do Plagio.

O samba industrializado, despertou a cobiça e fez surgir uma nova geração de autores... de produções dos outros.

Ha quem faça como Fonseca Moreira – que compre a resto de barato, aos «enforcados» uma letra e muzica e tenha o desplante de apresentar como de sua autoria, como ha tambem quem compre, apenas, os direitos autoraes.

[105]

Estes são mais correctos ou mesmo mais honestos, porque afinal, não se enfeitam com pennas de pavão.

Tivemos em 1932 a «encrenca» de um samba pernambucano lançado aqui no nosso mercado com o nome de um conhecido sambista – Lamartine. O protesto não se fez esperar.

Tiveram então que entabolar um accordo.

E' innegavel que toda a cidade cantou :

O teu cabelo não nega  
Mulata  
Porque tu és mulata na côr  
Mas como a côr não péga  
Mulata  
Mulata és o meu amor.

Este samba – (se é que samba possa ser denominado) foi o que mais lucros deu, mas, tiveram que ser divididos, entre os verdadeiros autores (os irmãos pernambucanos) e o «*autor de emergencia*» aqui no Rio, afim de que não houvesse a intervenção da justiça, dando o seu a seu dono.

\*

\* \*

**A**NTIGAMENTE, lançado o samba, a roda se incumbia da sua propagação.

Hoje mandam fazer folhetos, se empenham com os cronistas de publicá-lo, organizam «chôros» e percorrem as batalhas, como fez o Eduardo Souto

[106]

com o «Tatú Subiu no Páo» e como fazem o José Francisco de Freitas e o *Canninha*.

O *João da Gente*, quasi estende a mão a caridade publica, pedindo a esmola... de cantar os seus sambas, que nem assim logram divulgação !

O *Chico Viola*, que compra o que é dos outros e grava na Casa Edison – é uma mina ! – tendo, porém, o cuidado de boycotter ou prender, o que não consegue negociar...

E' por isso que muita gente se admira da sua «fertilidade» e do seu «grande talento !»

Temos na geração moderna, nomes de valor : ALFREDO VIANNA (*Pichinguinha*). E' o homem da flauta magica. E' realmente um grande muzico e muzicista – o discipulo do inolvidavel Irineu de Almeida. Quizesse ele trabalhar e com a inspiração que tem, seria o substituto de Paulino do Sacramento, que foi quem mais produziu nestes ultimos 20 annos.

Mas, se *Pechinguyinha* é um bom flautista, é melhor flauteador...

Quizesse elle – seria *Sua Magestade Rei do Samba*.

ERNESTO DOS SANTOS. (*Donga*) Este é filho de peixe... Nasceu na roda do samba. Bem poucos como elle, sabem os segredos de um samba do *partido alto*. Filho de Amelia do Aragão, de saudosa memoria, a quem a gente do outro tempo idolatrava, não só porque, na roda, era – *Sua Excelencia* – como pelos raros dotes do seu bondoso coração. Desde pequenino, Donga foi vendo, ouvindo e aprendendo. E' um esforçado e um resultado de

[107]

si proprio. O *Donga* é o precursor da industria do samba. Foi quem abriu caminho a toda esta gente que hoje forma um exercito de «Sambéstros»... Trocou o violão pelo banjo, já foi á Argentina, já se exhibio em Paris, mas, ao que parece, resolveu dormir sobre os louros, depois que esticou o cabelo...

[IMAGEM]

*PATRICIO TEIXEIRA*

FREIRE JUNIOR. – Figura de destaque, de grande destaque.

E' modesto. No meio dos autores de samba, é o mais competente quer como muzicista, quer como autor das letras. Uma e outra coisa, para elle não

[108]

tem segredos, casando bem a muzica chorosa com a letra chistosa.

Coisa interessantes : Eduardo Souto tambem é muzicista, tambem é sambista, escreve por anno um grande volume em brochura, de produções suas que são condemnadas ao esquecimento. Freire Junior qualquer coisa que faça *péga de galho*, como se costuma dizer, quando um trabalho agrada logo de primeira vista.

O autor da marcha *João Pessoa* (o samba *Toca para o pão* do pianista allemão) não gosta que se diga estas coisas, mas, o que é verdade, deve ser dito.

Freire Junior, continúa a ser o «*primus inter pares*».

O mulato é bom mesmo...

JOSÉ LUIZ DE MORAES (*Canninha*). – E' filho do Samba com a Malandragem. Não nega que foi nascido e crescido na róda e, por isso mesmo, é talvez o unico que não foge, que não abandona e segue religiosamente a escola do *partido alto*. Funcionario publico, é dos poucos que não vivem do samba e está nelle como que por obrigação, por devoção, *cumprindo uma promessa...*

Foi o unico competidor sério que *Sinhô* encontrou e que por varias vezes temeu, porque o *Canninha* é de uma tenacidade e persistencia pouco vulgares. Não desanima nunca e cada vez entra com mais fé na lucta. *Canninha* hoje, é um victorioso. E' o campeão de 1933.

Precisa, porém completar a sua victoria e encerrar então a sua longa carreira, – precisa vencer

[109]

com letra e muzica da sua lavra. Luctando sempre só, tambem só é que deve vencer – e vencerá.

LAMARTINE BABO. – E' incontestavelmente um moço de valor e um bom elemento que ingressou

[IMAGEM]

PAULO MARQUES DE  
OLIVEIRA

*Um dos maiores  
defensores do samba  
chulado*

no meio dos sambistas, sem que, entretanto, pertença a roda do samba. Tem produzido muito e a sorte o tem bafejado, em se tratando da parte commercial do samba. Ficaria bem collocado entre Freire Junior (muito abaixo) e *Canninha* muito pouco acima, porque o co-autor da *Batucada* tem progredido e agora é que

está tomando gosto... Em se tratando de samba mesmmo de verdade, dentro da es-

[110]

cala, observando o rythmo e então se fôr do *partido alto*, o campeão de 1933, póde dar «*handicap*», por que ainda vence e muito longe. Si, porém, o samba for no genero «almofadinha», Lamartine nem dará confiança ao *Canninha*.

Mas, se tiver o arrojo de competir com Freire Junior, prepare o costado, que a lambada é certa...

No estylo do *partido alto*, nem mesmo o Freire Junior vencerá o *Canninha*.

ARY BARROSO. – Não se pode contestar que seja um grande muzicista e principalmente para o nosso theatro de hoje. Mas, não é um sambista na expressão da palavra. Não será capaz de fazer a partitura de um samba, com a mesma facilidade e precisão de um *Pexinguinha*, que conhece, que é do «*mettier*». E' um «*az*» nestes sambas «gelatinosos» que agora apparecem e que antigamente tinham o nome de lundú, tango ou coisa que o valha.

Ary Barroso hoje é um nome de cartaz, mas, na roda do samba é um profano.

Que o diga o J. Thomaz, que no meio do samba é um mestre.

JOÃO DA BAHIANA. – Este, póde formar ao

lado do *Donga* e do *Canninha*, porque foi criado na mesma roda e conhece, como elles, todos os segredos do Samba e do rythmo do *partido alto*. E porque conhece muito, *confunde quasi sempre* aquillo que ouviu e aprendeu no tempo de garôto, com as originalidades que pretende lançar nos discos de victrola. E' possivel que a imaginação, que o bestunto do *João da Bahiana*, nos dê ainda um trabalho apreciavel, mas, nunca como aquelle :

[111]

Querê, quê pê  
Que tê ó ganga !  
Chora na macumba  
O' ganga !

NOEL ROSA

[IMAGEM]

*Um dos "azes" do  
samba chulado*

Isto é uma chula de palhaço cantada no carnaval de 1882, e que o jovem sambista, educado na escola antiga, veio gravar como sendo seu, em 1933, isto é, 51 annos passados !

Esta *novidade*, é do mesmo tempo desta outra chula de «velho» :

O' raio, ó sol  
Suspende a lua  
Bravos do velho  
Que está na rua !

[112]

Ainda, também desta época, é esta chula :

Eu quero ver  
O'zan! zan !  
O Chininha bater  
O'zan! zan !

No começo deste capítulo, citei 56 nomes de pessoas que conhecem perfeitamente a história do «Querê Quê Pê – Que Tè – O' Ganga» ! O *João da Bahiana* está na obrigação de apresentar um trabalho bom e original.

Allie ao seu talento e a sua competência, uma boa dose de força de vontade, que certamente botará muita gente tonta...

Porque esta gente moça, não procura ao menos seguir o exemplo dos velhos?

*João da Bahiana* tem gosto e ainda vai dar provas do seu valor.

JOSE' FRANCISCO DE FREITAS. – Dos

sambistas de gravação, este é o unico que em numero de discos pode competir com o *Chico Viola*.

Ha apenas uma diferença : o Freitas escreve a letra e faz a muzica e *Chico* (adeus viola!...) não faz nem uma coisa nem outra...

O Freitas organisa chôros e sáe com elles por ahi a cantar o que é seu... Promette taças a quem melhor executar o seu samba (promette e não dá, como succedeu com o Turunas de Botafogo, numa festa organizada pelo *Diario Carioca*).

E assim o homem vae vivendo feliz, abiscoitando reclámes á bessa e applicando o «bluff»...

[113]

HEITOR DOS PRAZERES. – Conhece o samba e é da roda. Muito jovem ainda, é bem possivel que reapareça no cartaz como em 1932, que teve as honras de campeão. Mas, em 1933, pouco se falou no seu nome. Sabe-se de duas producções suas e de pouco valor : «Olha a rôla» e «Fon-Fon» que não são absolutamente trabalhos com que se apresente, quem se diz autor da maioria dos sambas do *Chico Viola* e dos de maior successo do pranteado *Sinhô*. O Prazeres, precisa se rehabilitar, porque foi formidavel o tombo que lhe deu o *Canninha* em 1933 !

*Off-side* como ficou, precisa bater o *penalty* e fazer «goal» para não ser eliminado do «team»...

FRANCISCO ALVES. – Não é da roda, nem conhece o rythmo do samba. Conhece, entretanto, os fazedores de samba, os muzicistas, emfim, – os «enforcados» – com os quaes negocia, comprando-lhes os trabalhos e occultando-lhes os nomes.

E quem tiver um trabalho bom, seja de que genero fôr e quizer gravar na Casa Edison, tem que vendel-o ao *Chico Viola*, porque do contrario nada conseguirá !

Dizem, quasi todos, que o *Chico* é um magnifico interprete e mais nada. Affirmam que é incapaz de produzir qualquer coisa, pois que, o que é bom não é seu e o que é seu não presta.

O *João da Bahiana*, nos impingio o *Querê Qué Pé Que Tê*, mas, aos intimos, áquelles da «Velha Guarda», que entendem do *riscado*, elle confessa o «*seu peccado*» e promete apagar o erro com uma

[114]

produccão de grande successo. Pode fazel-o porque tem elementos para isso.

E o «Chico ?» O melhor é comprar, mas, respeitando o nome do autor.

Mesmo como interprete ha que não acceite o *Chico* como primeiro e aponte o Carlos Vasques – o *Nôzinho* – Official de Justiça de uma Vara Federal – que estreou auspiciosamente cantando no Radio. Com

mais um bocadinho de treino com a pratica que forçosamente adquirirá, porque tem muito talento, será o *primus inter pares*.

Não resta a menor duvida, que *Nôzinho*, é unico, é incomparavel como interprete, como cantor, quer da modinha sentimental, quer do poema ou do samba chulado.

O *Nôzinho* seria um dos artistas mais completos si se dedicasse a arte de representar.

Mas, agora não ha mais quem desbanque o *Chico*, formando uma *dupla* com o Souto, uma vez que, os dois se fizeram espiritas, para gosarem das boas graças do Sr. Frederico Figner...

MIRANDELLA. – Dentre os maiores vultos do samba, ha um nome que devemos citar com respeito e tratar com carinho. E' o do Mirandella.

E' um cultor do samba e um respeitador sincero da sua toada. Foi elle quem primeiro nos deliciou com as emboladas do Norte.

Quem não se recorda do Mirandella no velho Club dos Democraticos, á frente de um grupo, cantando os seus sambas e as suas emboladas ?

Foi elle quem introduziu no grande club, o gru-

[115]

po do samba e desde logo, os outros procuraram imital-o.

Era de vel-o cantando :

*MIRANDELLA*

Eu quizéra ser a rola

*Côro*

Pois é.

*MIRANDELLA*

A rolinha do sertão.

*Côro*

Pois é.

*MIRANDELLA*

Só p'ra ver aquella ingrata

*Côro*

Pois é.

*MIRANDELLA*

Dona do meu coração

*Côro*

Assim é que é.

Foi ainda o Mirandella quem nos ensinou a Rolinha que o *Donga* nos impingiu no *Telephone*.

Eil-o fazendo meia-lua no grande salão dos Democraticos, na rua dos Andradas, em frente ao largo da Sé :

*MIRANDELLA*

Olha a rolinha

*Côro*

Sinhô ! Sinhô !  
*MIRANDELLA*  
Que se embaraçô

[116]

*Côro*  
Sinhô ! Sinhô !  
*MIRANDELLA*  
Cahio no laço  
*Côro*  
Sinhô ! Sinhô !  
*MIRANDELLA*  
Do nosso amô  
*Côro*  
Sinhô ! Sinhô !

Não é de hoje, que o Mirandella, pertence á roda do samba. Elle é da Velha Guarda, nos saudosos tempos da Guarda Velha ! Sempre foi «persona-grata» quer na Escola do Estacio de Sá, quer na do Cattete.

Amavel, maneiroso, diplomata, sempre soube se impôr ao respeito, á estima e consideração, quer no meio dos sambistas, quer no meio dos carnavalescos, quer entre os sportmans, porque, tambem pratica o sport nautico. Como se vê, trata-se de um «encyclopedico»...

Não devemos esquecer que o Mirandella, é o

«*vasilina*», é o introductor diplomatico de tudo quanto é embaixada nortista que vem ao Rio.

Uma especialidade sua : tem um ouvido e uma memoria, como deveriam ter os grandes maestros.

Quem quizer saber de um plagio como foi feito e quem foi que o fez, consulte o Mirandella.

JOÃO DA GENTE. – Este moço é uma negação ! Elle começa trahindo a si proprio – De Wilton Morgado ! O nome d'elle, de verdade, é João

[117]

da Silva Morgado. E' filho de um portuguez constructor Eduardo da Silva Morgado e de Emilia Morgado ambos fallecidos.

.....  
 .....  
 .....

Como «sambestro» é plagiario marca... Picolé !  
 SALVADOR CORRÊA. –Não se póde dizer que o Sr. Corrêa seja realmente da roda do samba ou mesmo um sambista.

Em todo o caso, escreveu – *De Madrugada* – que é mais uma batucada que umsamba e deu o seu cartão de visita na roda do samba, quando nos deliciou com este :

Estava na roda do samba  
Quando a policia chegou  
– Vamos acabá com este samba  
Que seu delegado mandou !

Até certo tempo, o Sr. Corrêa, foi o Salvador da Embaixada do Amorzinho. Depois escreveu a marcha JAHU' e veio o bafejo da celebridade e a Embaixada penetrou nos Casinos, nos Palacios, nos theatros, recebeu uma tremenda pateada no Theatro Sant'Anna, em São Paulo na estréa da «troupe» Josephine Baker e morreu ! O Sr. Corrêa transformou o seu pandeiro em *ferro velho* e a deusa da Fortuna abriu-lhe a porta e... chuá !... chuá !... Só lhe despeja sobre a cabeça cornucopias de ouro...

\*  
\* \*

[118]

**DIARIAMENTE** vão surgindo novos elementos.

Os sambistas e «*sambéistros*», surgem como cogumellos...

Todos elles correm para a Victor, onde realmente, ha gente que merece os mais francos elogios, dando alma, dando vida muitas vezes a verdadeiros «*calháos*» que nasceram, e, deveriam

morrer no nascedouro...

E' um dever citar em primeiro lugar CARMEN MIRANDA – *menina de ouro*, – que vale um thesouro, cantando, chorando ou rindo.

PATRICIO TEIXEIRA. – E' grande cantor, uma verdadeira alma de artista e é a graça personificada.

ELISA COELHO. – Pela sua comicidade irresistivel.

ALMIRANTE. – O homem das batucadas.

MARIO REIS. – O Frederico Fróes do Samba, com uma bella voz privilegiada.

Tem surgido tambem elementos valorosos como :

ASSIS VALENTE, que entrou no Samba com o pé direito e promette muito porque tem talento e é capaz de fazer muita coisa boa, procurando se enfronhar no rythmo do samba.

ANDRE' FILHO é tambem um elemento novo e de grande valor. Para o carnaval de 1933, produziu tres trabalhos que muito o recommendam.

Segundo o boletim da Victor as producções para o Carnaval de 1933, foram as seguintes :

[119]

*SAMBAS* :

A tua vida é um segredo – Beijo de Moça –

Cartão de visitas – Eu vou p'ro Maranhão – Fiz um Samba – Empurra – E ella não jurou – Fui louco – Implorei sua amizade – Maria – Mulato de qualidade – Nosso amor vae morrendo – Olha a rôla – Oi Maria – Piassaba p'ra Vassoura – Por favor vae embora – Samba de facto – Tarde na serra – Tenho uma nega.

Como autores de Sambas e Marchas, figuram os seguintes nomes

Autores	Produções
Lamartine Babo	7
Assis Valente	4
André Filho	4
Ary Barroso	3
Heitor dos Prazeres	2
Paulo Valença	2
Nelson Ferreira	2
B. Lacerda	2
João da Bahiana	1
F. Alves	1
N. Rosa	1
I. Silva	1
Ary Pavão	1
Luiz Peixoto	1
Gilberto Martins	1
Alcebiades Barcellos	1
P. Netto Freitas	1
J. Tolomei	1

---

F. Ribeiro de Pinho 1

[120]

Paulinho 1

Jurandyr Santos 1

J. B. de Carvalho 1

José Luiz da Costa 1

F. R. Pinho 1

Cicero de Almeida 1

O. Silva 1

W. Baptista 1

Alfredo Vianna 1

Oswaldo Vaz 1

João de Barros 1

I. Kolman 1

De toda esta lista, só dois nomes pertencem a roda do Samba : Heitor dos Prazeres e Alfredo Vianna.

Os outros são os sambistas industriaes dos discos da Victor, porque na Casa Edison – só o *Chico Viola* !...

[121]

---

## Do Samba ao Carnaval

---

**H**A analogia entre o Carnaval e o Samba ? Ha e muito grande.

O maior successo do Samba, é no Carnaval e o maior successo do Carnaval, é o Samba !

O Samba é immortal e o Carnaval, é apenas o triduo de Momo.

Emquanto o Carnaval cae na lethargia, o Samba caminha triumphante o resto do anno, para aumentar de vulto na Penha e reforçar os dias de loucura.

O Samba, não precisa do Carnaval, mesmo porque, o Carnaval está morrendo, precisando da ESMOLA DO GOVERNO PARA VIVER, ao passo que, o Samba, viverá sempre e resistirá ao golpe dos poetas, que na ambição do dinheiro, tentam contra a sua integridade e a sua tradição.

Não sahio ainda ninguem do Carnaval para salvar o Samba.

Do Samba é que tem sahido os grandes enfermeiros do Carnaval, applicando no moribundo umas injeções de oleo camphorado...

Emquanto o Carnaval esteve com o Sr. Adolpho Bergamini na cabeceira, os foliões, os adoradores de Momo chegaram até a subir o Morro de Santo Antonio... para implorar um milagre do Céu.

[122]

De nada valeram as preces – porque o Sr.

Bergamini é dos taes que só se lembra de Santa Barbaar, quando ronca trovoada...

Simples Escrivão de Policia, mettiu a cara na politica, teve á sua disposição a bolsa amiga do Sr. João Pallut, foi Intendente, foi eleito e reeleito Deputado, rastejando, curvando-se deante do eleitorado carioca e guindando-se ao cargo de Prefeito ou Interventor, tirou dos cariocas a sua maior alegria, tentou matar a sua unica festa – o Carnaval.

Em 1931 é que o Samba foi em seu auxilio, animando-o, dando-lhe uma injeção de coragem.

Em boa hora, para salvação de Momo e para uma satisfação aos cariocas, collocaram na governança da cidade um brasileiro !

E o grande cirurgião, o grande mestre da cirurgia no continente Sul-Americano, esse luzeiro da sciencia medica para honra e gloria do Brasil, deu vida ao Carnaval officialisando-o e restituindo á cidade a sua maior e mais tradicional festa, agindo de modo a que não perdessemos o titulo de Campeão Mundial !

Dando vida ao Carnaval,o Dr. Pedro Ernesto fez-se o unico Santo que figura no altar do coração carioca !

Nunca tendo sido politico, nunca tendo cortejado o eleitorado, sempre indiferente aos pleitos, sendo perfeitamente a antithese do seu antecessor, o Dr. Pedro Ernesto officialisando o Carnaval veio ao encontro do maior desejo do povo desta terra, que hoje

é perfeitamente solidario com S. Ex. em

[123]

qualquer terreno e irá com S. Ex. até onde os caprichos da sorte o arrastar !

Officializando o Carnaval, *ipso-facto*, officializou o Samba.

O julgamento, porém, é que precisa ser feito, não sómente por medalhões, por leigos, mas, também por gente que entenda, que seja do «mettier».

\*

\* \*

**O** CARNAVAL, principalmente o regional, esse chamado pequeno carnaval de ranchos e blocos, deve tudo a gente do Samba.

Não ha uma só organização, que não tenha no seu seio um cathedratico da Escola de Samba do Estacio de Sa' ou do Cattete ; gente dos morros do Kerozene, de São Carlos, do Salgueiro, da Favella e da Mangueira.

E' porque são elles que constituem a valvula de segurança, o pulmão, o aparelho respiratorio do pequeno carnaval ; esses foliões sem jaça, que cogitam primeiro de dar o grito de *carnaval na rua*, para depois indagar das possibilidades de fazer um carnaval

externo !

Desde os saudosos tempos do DOIS DE OURO e da ROSA BRANCA, que a linha de frente foi sempre constituída de gente da *roda do samba*.

Quaes foram os fundadores da Flôr do Abacate ? De onde vieram os iniciadores do Ameno Resedá, na Ilha de Paquetá, naquelle famoso pic-nic ?

[124]

Quem era a gente das Filhas da Jardineira, no morro de São Carlos ? Quem organisou o Quem Fala de Nós tem Paixão ? – A gente do Samba.

\*  
\* \*

**J**A' está perfectamente provada a analogia existente entre o Carnaval e o Samba.

Pelo exposto, vê-se que o Carnaval deve muito ao Samba e embora seja hoje «official», o seu soldo não chegará jámais, para saldar a divida...

Ninguem duvidará que durante o colapso, o Samba foi o unico arrimo do Carnaval.

Foi a gente do Samba, que jamais fez o Carnaval com o dinheiro do governo, o que equivale a fazer cortesia com o chapéo alheio, foi essa gente pauperrima e sem «fumaça» de «grande» nem «farofa»

de rico, que animou, que deu vida ao Carnaval.

E' realmente um crime, que meia duzia de moços, que exprimidos, reduzidos a bagaço, não dão nada, tenham o topete de ameaçar o Governo dizendo que se não lhes fôr dada uma certa importancia, *não farão carnaval*.

[125]

---

## O samba e a grammatica

---

**O** SAMBA, é como o pão que nasce torto – tarde ou nunca se endireita.

Assim, as suas relações com a grammatica.

Sendo elle de origem um tanto africana e tendo ensaiado os seus primeiros passos com a gente do sertão, não é possível confundir o samba, com as modinhas de Catullo, Hermes Fontes, Indio das Neves e Oscar Almeida.

O Samba pode não ter grammatica, mas, não deve ter asneira, nem bobagens, como ha muitos por ahi, em que os seus autores tiveram apenas a preocupação de fazer *uma obra*, esquecendo de fazer um samba...

E'sem grammatica, que nós o queremos, é sem concordancia, é não ligando a collocação dos

pronomes, porém, nos tocando á alma, nos falando ao coração, dizendo qualquer coisa, de carinho e amor ou glosando um facto, criticando A o B, como fazia o inolvidavel *Sinhô* !

Queremos o samba sem grammatica, mas, bulindo com a gente, attrahindo a creoula, a cabrocha, a mulata e até mesmo a branca, aos requebros dos quadrís, ao roncar da cuica no estylo do *partido alto* !

[126]

Queremos o samba, sem grammatica, sim, mas nunca fugindo ao seu rythmo, nunca trahindo a sua escola e nunca desmentindo o seu passado !

Queremos o samba sem grammatica, mas, exprimindo o sentir de um homem rude, que ao som do *pinho-gemedor* e do pandeiro barulhento, abre o peito e dá expansão a dor que opprime, que caustica o coração de um homem que ama sem saber deffinir o que é o amor.

Queremos o samba sem grammatica, daquelle que diz o que sente e que nós sentimos que elle diz.

\*  
\* \*

**N**O dia em que o samba se relacionar com a grammatica, perderá toda a sua belleza, todo o seu

encanto, porque passará a ser monopólio dos poetas e será até apresentado na fonética, como prova de habilitação para a Academia de Letras...

Oh ! senhores letrados, deixem o samba divorciado da gramática ; deixem o samba na boca da gente do morro, não mudem o samba do Estácio e do Cattetete para o Petit Trianon ; deixem-no em paz – sem gramática – mas com graça, com sentimento, com amor, com alegria e com sinceridade ; deixem o samba sem gramática, mas, dentro da sua escola, dentro do seu ritmo, com a sua expressão de ternura, com a sua dose de malícia e o seu frasquinho de veneno...

[127]

Quando a gramática penetrar no samba surgirão literatos com ganância no ouro, depondo e escorraçando a gente do Morro, para tornar o samba de assalto e então – só nos restará o recurso de fazendo uma genuflexão ante o seu tumulto, exclamar : – *Requiescat in pace...*

\*

\* \*

**Q**UANDO o samba tiver gramática, quando elle passar da roda em que foi gerado para a dos gramáticos e dos maestros, quando elle sahir do seu

proprio meio e fôr para o seio dos poetas, deixará de ser samba e tomará um outro nome qualquer que elles inventem, porque por muito que se esforcem, com toda a sua concordancia, jamais farão coisa, que pelo menos, observe a tradição do «*corrido*» ou «*chulado*» e serão mesmo incapazes de fazer uma approximação do «PARTIDO ALTO».

A transformação se fará, mas, durará muito pouco, porque será tão grande a repulsa, que o protesto partirá dos editores, que, notarão a quéda da industria, com a diminuição assombrosa da renda.

\*  
\* \*

[128]

**E**STE capitulo foi inspirado na critica feita por Freire Junior, numa das suas ultimas revistas, onde havia um numero com a denominação de *O Samba e a Grammatica*.

Anda hoje em vóga um samba que diz :

Macaco, olha o teu rabo...

[129]

---

## O samba e o "rancho"

---

**O** RANCHO carnavalesco, é oriundo do samba.

Aquelles que «no outro tempo» eram julgadosos «azes» do CHULADO, foram os iniciadores do rancho no Rio de Janeiro.

E' que o pessoal do samba, é páo para toda obra !

Age na roda e fôra della, anima o carnaval e se desenvolve num *terreiro*, na hora de arriar os *ourixás* !

O pessoal do samba, não regeita parada e diz com muita propriedade :

– Quando a farinha é pouca, o *primeiro pirão é nosso...*

E o outro diz logo :

– Na casa de caboclo velho, *quem não come surucucú não almoça...*

Ou então :

– Quem tem o seu vintem bebe logo...

De qualquer modo, a gente da roda do samba se garante, porque tudo passa e o samba fica !

Elle conheceu D. Pedro, como Principe Regente.

Elle conheceu D. Pedro I Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil ; conheceu-o depois de abdicar, como D. Pedro II de Portugal e conheceu

[130]

o segundo Imperador do Brasil, tambem D. Pedro II.

Depois de 15 de Novembro de 1889, o samba adheriu á Republica e esteve sempre em boa harmonia com os Marechaes Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto (o immortal «Marechal de Ferro»), Dr. Prudente José de Moraes e Barros, Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, Dr. Affonso Moreira da Penna, Dr. Nilo Peçanha, Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, Dr. Wencesláu Braz Pereira Gomes, Dr. Epitacio da Silva Pessoa, Dr. Arthur da Silva Bernardes e Dr. Washington Luis Pereira de Souza.

Ahi o samba gosou um pouco, porque o Dr. Washington Luis era e é um apreciador extremado – *do que é nosso* – e gostava mesmo á valer de ouvir cantar um samba *chulado no rythmo do partido alto*.

O samba estaria bem mesmo, se o Dr. Julio Prestes chegasse a assumir a presidencia da Republica.

Ahi sim, elle seria introduzido no Palacio Guanabara, com todas as honras.

Com o Dr. Julio Prestes, o samba gosaria de todas as distincções, porque o homem o apreciava muito e muito e tambem gostava de fazer a sua *pestanda* no braço do violão...

Mas, 21 dias antes do Samba passar a ser palaciano, fizeram a Republica Nova e elle não chegou

a rua Guanabara – ficou mesmo pelo Cattete...

Tambem com o Dr. Julio Prestes, não seria a primeira vez que o Samba galgasse as escadas de marmore do palacio presidencial.

No governo do Dr. Nilo Peçanha, quantas ve-

[131]

zes foram tangidas as cordas da lyra, para S. Ex. ouvir a *musica nacional*, tão emotiva, tão harmoniosa e até mesmo arrebatadora !

O samba não tem sorte.

Quando consegue uma «aragenzinha» e a gente pensa que elle vae subir, fica marcando passo...

\*

\* \*

**N**A Republica Nova tudo é official...

O Carnaval, o Samba, o «Chôro», o «Rancho» e o «Bloco».

Está tudo officializado, havendo até uma Federação – *carnavalesca* – na expressão da palavra...

O Chefe do Governo Provisório, sendo gaúcho, aprecia mais um churrasco ou chimarrão, que um samba choroso batido no terreiro, no meio da batucada !

S. Ex. não gosta do Samba !

---

E a gente do Samba gosta tanto de S. Ex...

\*  
\* \*

**M**AS, voltemos ao samba, nas suas relações íntimas com o «rancho» carnavalesco.

Os homens dos morros e das escolas do Estacio de Sá e do Cattete, foram sempre elementos de grande valor dentro do carnaval, dando-lhe animação e fazendo o chamado carnaval regional.

Nos tempos dos cordões, os sambistas entravam

[132]

com o seu fortíssimo contingente e eram elles os «velhos» os palhaços, os «Pai João», «Rei de Diabo», etc. que constituíam aquelles bellissimos grupos, que eram a sua alma e a vida do carnaval.

Eram ainda elles, que formavam os «sujos», para dar «trotos», para fazer criticas, para animar o carnaval das 8 horas até meio dia.

Os «sujos» foram despertando um certo entusiasmo e então os «azes» do Samba fundaram um rancho á moda da Bahia – o «2 DE OURO» e logo a seguir fundaram o REI DE OURO, vindo depois a ROSA BRANCA.

Qual era o pessoal que constituia esses

ranchos ?

A gente do Samba.

Lá estavam Hilario, Cleto, Germano Theodoro (Massada), Assumano, falecido em 22 de julho de 1933, Galdino, Oscar Maia, *João da Harmonica*, *Marinho que Toca*, Bambala, Maria Adamastor, Maria de Santo Amaro, Asseata, João Alabá, Zuza, a gente toda do terreira de Sua Magestade Cypriano Abedé, Gracinda uma das mais lindas bahianas e falecida no mez de Janeiro de 1933.

Depois João Alabá formou um rancho em estylo africano, que sahio apenas um anno, em 1906.

\*  
\* \*

**D**ATA dahi, o desenvolvimento dos ranchos.

O povo do Cattete, pela sua Escola de Samba, fundou então a Flôr do Abacate, que entrou com o pé direito, alcançando ruidoso successo.

[133]

Ha um velho adagio que diz : *comer e coça, a questão é começar.*

[IMAGEM]

Resedá)

OSCAR MAIA

*Um dos mais reputados  
pandeiristas nas  
escolas de samba*

(o n.º 1 do Ameno

No proprio bairro do Cattete, houve quem não visse com bons olhos a Flôr do Abacate e d'ahi num *pic-nic* de gente do Cattete, na Ilha de Paquetá, foi fundado o Ameno Resedá, que se constituiu o maior competidor do Abacate, inflingindo-lhe varias e esmagadoras derrotas.

Hoje o Ameno Resedá vive tão somente da sua fama, dos seus louros obtidos quando tinha como seu Presidente o grande, o incommensuravel, o incomparavel Maximiano Martins – Sinhô Velho – que deixando a direcção, reduziu o Ameno Resedá de Rancho-Escola, a Mafuá de segunda ordem, cobrando entrada *na porta*, o que sempre condemnou nos outros Clubs...

E' assim mesmo – o peixe morre pela bocca...

[134]

Dahi em deante, os ranchos foram apparecendo e desaparecendo, sempre num grande successo sendo de justiça salientar a Flôr do Abacate, que tem sido o

mais resistente.

Com a fundação da Federação, os ranchos foram miseravelmente sacrificados !

Deveria ser fundada a Congregação das Pequenas Sociedades, sem a menor ligação ou entendimento com as grandes.

Por outro lado, foi muito bom o «bluff» em 1933, porque o Resedá, ouvindo falar em auxílio monetário, resolveu *fazer o favor* de sahir e para isso, queria apenas – 25:000\$000 !

Não sendo atendido, *não fez o favor...*

Na gyria, os malandros, neste caso, dizem :

– E' na batata ! Ellas por ellas, não dóem...

\*

\* \*

**C**OMO ficou perfeitamente demonstrado, também os ranchos tiveram a sua origem no Samba, que até hoje, é um dos seus maiores factores.

Olhemos para os principaes elementos dos tricampeões : Recreio das Flôres e Flôr do Abacate ; do Quem Fala de Nós Tem Paixão, Moreninhas de Bangú, Flôr da Lyra de Bangu', Caprichosos da Estopa, e, vamos encontrar justamente, a gente da roda do samba, servindo de alicerce ou servindo de esteio, a estas pequenas sociedades, que fazem o carnaval das familias, que é o carnaval do futuro, como não cansarei

de repetir.

[135]

### **A decadencia da victrola**

---

**A** VICTROLA, a condemnavel victrola, que condemnou os muzicos á fome, essa terrivel injeccão que levamos em todos os recantos desta Sebastianopolis, vae pouco á pouco sendo atirada para o canto e cahindo no esquecimento.

Tudo é assim no mundo. Emquanto é novidade, – é um successo, mas, quando se abusa do uso, – passa a ser paulificante e entra no ról das injeccões»...

E' perfeitamente como a mulher – emquanto joven e formosa – é uma «bellezinha», todos cortejam-na. Vem o tempo e ella passa por uma metamorphose fica velha e feia – todos evitam-na e a «bellezinha» de hontem é o «canhão» de hoje...

Cinira Polonio, a actriz que esteve no apogeu, cheia de adoradores, enfeitada de joias carissimas, tendo sempre a sua bolsa «super lotada» e a caderneta do Banco accusando fabulosos augmentos de dia para dia, como se vem arrastando no ultimo quartel da vida ?

O que foi preciso fazer, para que ella regressasse de Paris, onde passou o melhor da sua mocidade e desfructou o fulgor da sua belleza ?

Aurelia Delorme, uma das mais festejadas actri-

[136]

zes do nosso theatro ! Pois bem, acabou como cosinheira no Meyer, numa casa á rua Getulio !

Todos desprezaram-na, como desprezaram Cenira Polonio !

O mesmo succederá á victrola.

Cinira e Delorme, deixaram muita gente de «tanga» e a victrola vem arrancando o pão da bocca de centenas e centenas de artistas !

E dizem todos que a victrola, é muito mais economica para um baile, embora seja a ortophonica accionada a electricidade.

O meu grande amigo Coryntho de Andrade, convidado para uma festa de anniversario, gentil como sabe ser, offereceu um grupo muzical para abrilhantar e animar as dansas.

O dono da casa respondeu logo :

– «Seu» Coryntho eu lhe agradeço muito, mas, dispenso os muzicos.

– Quer isso dizer que não ha baile.

– Quem foi que disse que não ha baile ? Ha e daqui... da pontinha.

– Então já arranjou os muzicos, não é verdade ?

– Não, senhor, não arranjei muzicos.

O Coryntho ficou um tanto intrigado, deixou

escapar aquelle seu sorriso secco e objectou :

– Ah !... Comprehando, já te offereceram os muzicos, não é ?

– Tambem não.

– ?

– Eu tenho uma victrola e o meu visinho, o «seu» *Cazuza*, que o senhor conhece, emprestou uma porção de discos, de modo que vamos dar um bailão !

[137]

Como sabe, meu sogro, já está velho e não dança mais – fica então no *instrumento* mudando as chapas e as agulhas. Já comprei tres caixas de agulhas. O senhor acha que chega ?

– Deve chegar. Mas, agora escuta, ó Fausto, um baile com muzicos, é do *outro mundo* !... Eu offereço os muzicos.

– «Seu» Coryntho, muito obrigado... Mas, muzico *come e bebe muito* e de vez em quando nos deixa na mão... Com a victrola, não ha disso... E' ali na batata !...

\*

\* \*

**E'** POSSIVEL que o amigo do meu amigo Coryntho, tivesse motivos para assim proceder, mas,

positivamente, não tinha razão.

Não se diga que o muzico *come e bebe muito*. Elle não é um ser privilegiado, que tenha um estomago differente do dos seus semelhantes ; elle é um homem educado e que sabe se conduzir em qualquer meio ; elle sabe que quando vae a um baile, a um funcção qualquer, é um artista contractado e pago para exercer a sua funcção – tocar – haja ou não *comestiveis e bebestiveis...*

Em geral, quando os muzicos são chamados á meza, é alta madrugada e já tocaram muito e qualquer que seja o instrumento, pelo exercicio forçado, provoca a fome ou melhor despertta o appetite.

O muzico vae á meza uma vez e já sabendo

[138]

disso, *como de uma vez...* por todas que os convidados entendam petiscar...

Baile, de victrola, é uma especie de festa de indigente...

O que o Centro Musical deve fazer, é regulamentar as gravações e arranjar uma lei taxando pesadissimamente todos os discos estrangeiros.

A gravação deveria ser regulamentada, de modo que as nossas muzicas não ficassem á disposição, e ao beneplacito de qualquer allemão ou norte-americano, *que passou na Alfandega como contrabando*, mesmo

porque a Policia Maritima que conhece os indesejaveis e talvez não lhes deixasse desembarcaar, embora exhibindo os passaportes...

\*  
\* \*

COM os seus dias contados, a victrola caminha em passos acelerados para a decadencia.

Para matar a victrola surgiu o radio... á prestações e estas, quanto menores forem sendo, mais depressa fará chegar o dia do DE PROFUNDIS do instrumento predilecto do *Chico Viola*...

Não pensem que haja nestas chronicas, «partepriis» com o applaudido cantor, tão «endeosado» pela critica.

E' a tal coisa...

O elogio demasiado, immerecido, engrossativo ou remunerado é *prejudicialissimo*.

E' que a *victima* pensa que tudo aquillo é verdade e passa a acreditar, cegamente na mentira,

[139]

sem nunca lhe passar pela sua mente que está sendo ridicularisado.

Concordemos que o *Chico* seja um bom cantor, um excellente interprete.

Tem boa voz, bella dicção, diz ás vezes com sentimentalismo cantando pelo coração, e, alliando a tudo isto, uma boa indumentaria, boas joias, tem como se diz nas rodas turfistas, – *performance* – sempre alinhado, mostrando uma bella dentadura que o *Canninha* diz que custou os «tubos» !

O applaudido cantor, é um *artista*, porque, de vez em quando, vae dáqui para ali e acolá e bate justamente um repertorio escolhido de tudo quanto ESCREVEU (letra e muzica ?!...) e depois da gravação manda espalhar os discos pelos lugares onde semeou... popularidade e mesmo amizades que elle as sabe conquistar e cultivar, porque, sabe ser um cavalheiro, emfim um homem de sociedade.

Quem diz bem, é o Heitor dos Prazeres, que não deixa repetir :

– O *Chico Viola* «é de circo...».

Ha, porém, quem goste muito mais do Patricio Teixeira.

Ainda ha pouco, discutia-se numa roda, na casa do Dr. Ramos Porto :

– Eu sou um apreciador do Francisco Alves.

Muito naturalmente alguém interpelou :

– E' ou foi ?

– Sou.

– Foi.

– Sou.

– Foi. Porque o Francisco Alves, já morreu

[140]

e até deixou a sua fortuna inclusive a grande livraria para a Academia de Letras.

O mocinho sorriu e disse :

– O Francisco Alves, que eu falo, é outro. E' o sambista.

O velhote ficou desconcertado e objectou com certa ironia :

– Ora eu pensava que o senhor vinha falar de coisas serias. E retirou-se da roda.

Todos acharam graça e o mocinho continuou :

– Elle canta, que encanta !

Um bacharel em direito ponderou :

– Pois olhe, em canto, acho mais encanto no Patricio Teixeira.

– Gostei do trocadilho.

– Como deve gostar da verdade, que elle encerra.

– Sim, mas, o Patricio não tem aquella apresentação, aquella *mise-en-scena* do Francisco Alves.

– Mas, meu caro, no radio ou na victrola, não ha *mise-en-scene*; a gente não vê – ouve – o artista. Eu se fosse empresario theatral, pegava do Patricio e do Alves e fazia um contracto para uma «tournée», mas, sem um saber que o outro ia. A indumentaria do

Patricio ficaria por minha conta. Quando nos theatros de Portugal, Hespanha e Paris apparecesse o grande cantor negro mettido na sua casaca, perfeitamente alinhado, Francisco Alves teria que cavar muito, para fazer um bocadinho de figura, ante o ruidoso successo de Patricio Teixeira.

– Ahi, não digo nada.

– Então o senhor não aprecia o cantor, ap-

[141]

plaudes os bellos termos do *Chico*. Disse muito acertadamente o Sr. Angelino Cardoso, que neste momento regressava do *buffet*, em companhia dos amigos Meirelles e tenente Euclides Pereira, muito conhecido nas rodas bohemias por *Barrigudinho* e que já fez «tremar» um famoso delegado de policia que confundia a sua função, com a do «esbirro» e bancava no 14.º districto, o «*Vidigal famoso...*»

Deixemos, porém, entregue ao remorso das violencias que praticou, o Dr. Dario de Almeida Rego.

Toca o bonde.

Quando o Angelino Cardoso deu aquelle aparte, o bacharel sorriu e o partidario do *Chico* tonteou.

O *Barrigudinho* tomou a palavra :

– Olhe mocinho, diga ao *Chico Viola*, que quando elle quizer aprender a cantar com alma, com sentimento, com expressão – que o *Nôzinho* ensina! Dá

*handicap* a elles todos e depois, sabe cantar, sabe dizer, sabe sentir o que está escripto, sabe ler e comprehender...

O mocinho atalhou :

– E' o que nem todos sabem – é ler e comprehender.

O *Barrigudinho* perfilou-se todo, ficou assim numa attitude de *Tenente Interventor* e fazendo um gesto de quem ia desembainhar a espada, disse :

– Meu amigo, parodiando o proverbio latino eu digo – «*ligere e non intelligere é de burrigere...*» Mas vamos ao que serve : o senhor é partidario do *Chico Viola*, por causa das roupas ; aqui o doutor é partidario do *Patricio Teixeira* e eu do *Nôzinho*, que como o *Patricio*, é tambem nosso patricio e de pouca

[142]

roupa... O *Chico*, entrará em scena todo «chic», *smart*, *up to date*, cheio de joias e dentes de ouro ; o *Patricio* póde entrar mesmo com a sua roupinha modesta e o *Nôzinho* para não entrar nú, entrará de cuécas e vamos a ver quem canta – da modinha sentimental ao samba do *partido alto*, samba *chalado*, *raiado* e quem vae do fado á embolada ! Eu acho que no fim, quem sáe vestido é *Nôzinho*.

– E o *Patricio* ? Perguntou o *Angelino*.

– O *Patricio*, deverá sahir com a sua roupinha

direita.

– E o *Chico* ? indagou o Meirelles.

– O *Chico*, ficará atrapalhado para sahir do theatro em cuécas...

Foi gargalhada geral.

O Sr. Francisco Alves, que se prepare. Não tardará a quéda da victrola e a sua quéda tambem...

\*

\* \*

**PORQUE** a victrola, atravessa o periodo agudo da sua decadencia ?

Porque profanou o samba.

Como se explica a profanação ?

Pela falta de escrupulo dos editores, pela ganancia de alguns autores e principalmente pelo monopolio exercido por certo grupinho, que constitue a *commissão julgadora* d'aquillo que deve ser gravado ou que entre em concurso. A selecção das 50 musicas do ultimo concurso d'A NOITE, causará um profundo desgosto aos directores do brilhante

[143]

vespertino, caso seja aberta um syndicancia a tal respeito.

Sem o beneplacito dos negociastas, nada se fará.

Dahi resulta, um certo retrahimento daquelles que poderiam apresentar trabalhos apreciaveis, com originalidade e arte.

Hoje, o que está dando dinheiro é o samba. E os editores querem sambas em quantidade, sem olhar a qualidade !

Ha muita producção bôa «enforcada», «boycottada», atirada no fundo das gavetas, para daqui a um certo tempo, surgirem nos discos... com uma pequena modificação no compasso, como succedeu com o TOCA P'RO PÁO, que sendo samba, appareceu gravado, cantado com ruidoso successo, como «marcha JOÃO PESSOA !»

Com o retrahimento, vem a escassez de novidades e então fazem a exhumação de coisas velhas, do *tempo da corôa*, como succedeu com o

Querê – Quê Pê  
Que Té ó Ganga  
Chora na macumba  
O' ganga !

Embora o *Pexinguinha* tivesse, muito habilmente, vestido a partitura de bellissima harmonia, comtudo, apenas enfeitou um producção que pelo tempo cahio no dominio publico e que não deixa de ser velharia.

São estas coisas que vão matar a victrola.

A terra lhe seja leve...

[144]

---

### "Omelê" ou "Batá"

---

**B**EM razão teve o «Sinhô», quando disse que – «*a Bahia é bôa terra*».

Eu, se não fosse brasileiro, quizêra ser japonês e se não fosse carioca, quizêra ser bahiano.

Em todo caso, sou da Bahia... de Guanabara.

A Bahia nos deu o samba e seus «azes» ; nos deu o Visconde do Rio Branco, Barão de Cotegipe, Ruy Barboza, Zama, Mangabeira, Seabra e agora acaba de nos apresentar com o *tio Faustino* – Faustino Pedro da Conceição !

\*

\* \*

**E'** um dos maiores vultos da religião africana aqui no Rio – que o diga, o maestro J. Thomaz (e também o «*Pechinguinha*» poderá testemunhar, reforçado pelo «*Donga*».

*Tio Faustino*, tem proporcionado milhares de benefícios áquelles que recorrem á sua caridade, promovendo o socego de espirito e do lar.

Elle é tambem dos que pugnam pela tradição e pelo progresso do samba.

Tem varias producções, que, graças a collabo-

[145]

ração musical de *Pechinguinha*, alcançaram ruidoso successo.

\*  
\* \*

**U**LTIMAMENTE, *Tio Faustino* – ficou em evidencia na roda do samba com o seu – *Omelê* que vem a ser Batá africano ou melhor uma assi-

[IMAGEM]

*Inventor de um novo  
modelo de cuica e autor  
de varios sambas em  
africano*

*TIO FAUSTINO*

milção desse instrumento, com varias modificações e melhoramentos, de modo a substituir no samba a *cuica*.

[146]

O *batá* africano, é um instrumento feio para ser

apresentado em publico num conjunto de salão e tem um grande inconveniente : não afina nos dias chuvosos ou logares humidos (como a cuica), por muito que procurem esquentar a pelle, porque a corda cede facilmente, havendo o retrahimento do couro.

O *Omelê-brasileiro*, substitue perfeitamente o tambôr, a caixa-surda, o bombo, o tamborim, a cuica e o tabaque.

É bonito e vistoso, pois, é todo nickelado, sendo a sua afinação feita por meio de chaves, como a caixa moderna.

*Tio Faustino*, já tirou privilegio do seu invento (dois modelos), para que se possa garantir e defender contra os *officiaes de obras feitas*.

Officialmente, elle inaugurou o seu *Omelê*, num club de dansas da rua Frederico Fróes, na noite em que o *João da Bahiana* apresentou como *novidade* o – «*Querê Quepê Quetê ó Ganga*», – irmão gêmeo do « O' raio, ó Sol, suspende a lua » !

\*  
\* \*

**N**ÃO resta a menor duvida de que o *Omelê* será em breve o instrumento obrigatorio de todos os centros onde se cultive o samba. Elle é a condemnação da cuica, que já não satisfaz nem condiz com a harmonia do samba *chulado*.

---

Temos, porém, um pressentimento : muito em breve os *autores de produções alheias*, surgirão

[147]

por ahi com o *Omelê* do Tio Faustino, ganhando rios de ouro, sujeitando-o aos mesmos dissabores de Heitor dos Prazeres com o seu, *Methodo de Cavaquinho*.

É que o Rio de Janeiro, é o *paraiso das aguias* e em cada esquina, ha dez «sabidos», á espera de um «tôlo»...

«Sabidos» ha muitos e «tôlos» tambem.

O que não ha é policia.

[148]

---

### **Veritas super omnia**

---

**H**A na roda do samba, grandes valores, talentos brilhantes, mas, sem cultura ou lapidação e respeitaveis summidades debaixo da concha da modestia, amargurando o anonymato.

Estes é que são os verdadeiros autores de produções de *consagrados «azes» do samba*...

O leitor dirá :

– Adeus viola, (sem allusão ao Chico) lá vem

você, seu *Vagalume*, batendo na mesma tecla.

E eu responderei :

– Não tenho dito tudo.

\*

\* \*

**N**O dia 3 de Maio de 1933, pelas 11 horas, quando eu abordava os amigos (e os Irmãos da Irmandade do Rosario) pedindo votos para Sampaio Corrêa, Jones Rocha, Pereira Carneiro, Amaral Peixoto e o Henriquinho, no Café dos Embaixadores, ouvi o seguinte dialogo :

– Você tem alguma coisa para dizer ?

– Si tenho...

– Então diga.

– Homem, eu não sou bahú de ninguém, nem

[149]

caixa de segredo. Quer saber de uma coisa ? O *Salve Jahú !*, é do Amorim e o Atilla Godinho.

– Que Amorim ?!

– O *Morceguinho*. Aquelle bohemio cheio de talento e graça, que canta, tóca e recita com expressão e sentimento. Aquelle bohemio cheio de verve, que Deus privilegiou com a arte de declamar. O *Morceguinho* é um dos que debaixo da concha da modestia, amarguram

o anonymato. Elle, sem favor nenhum, sem lisonja, é um cultor da modinha, da canção, do samba e tendo um talento privilegiado, tudo quanto é d'elle, si não é bom, é optimo !

– Mas a marcha *Salve Jahú !...*

– Segundo estou informado, a letra é do Amorim e a musica é do Attila, antes de ir veraneiar lá... (Quem tiver muito interesse de saber onde, que vá indagar).

– Mas, não póde ser – é do Salvador.

– A letra é do *Morceguinho* e a musica é do Attila e então para *a composição não ficar perdida*, o Salvador tratou de salvar-a...

– Chi !...

– Ora, isto não é nada. Procure o Mirandella e elle que é um verdadeiro archivo falado, abrirá o registro de casos identicos a este e de plagios vergonhosissimos de autores consagrados !

Em compensação temos homens da nova geração que vivem por ahi ignorados, produzindo muito, mas, nunca apparecendo.

\*

\* \*

[150]

**P**OR um desses acasos felizes, encontramos-nos na

*Casa de Caboclo*, com «*De Chocolate*» e o Duque.

Dois bahianos distintos, talentosos, que têm honrado o nome do Brasil na Europa e duas palestras agradabilíssimas. Como não podia deixar de ser, á certa altura eu toquei na tecla :

– «*Na Roda do Samba*», vae desmascarar muita gente e principalmente, os *consagrados autores de produções dos outros*.

– Faz muito bem Vagalume. Retorquio *De Chocolate*. Quer saber de uma coisa ? Aquelle sambinha «do *Donga*» :

Nosso sambinha assim  
Tava bão  
Gente de fora entrô  
Trapaiô.

é meu ! Elle se apossou da autoria, do meu trabalho, com a maior disfaçatez ! Com o «*Donga*», todo o mundo come mosca!...

Eis como se escreve a historia.

\*  
\* \*

**N**ÃO se póde negar que o *Cartola*, do Morro da Mangueira, seja uma verdadeira revelação na roda do

samba.

[151]

Como attestado irrecusavel, ahi estão os seus ultimos trabalhos, que lograram successo.

Não resta a menor duvida que se o jovem sambista estudar e melhorar, estará dentro em breve no apogeu.

\*  
\* \*

**H**A sambistas desconhecidos na propria roda do samba, mas, que promettem, porque as suas producções (letra e muzica) nada ficam a dever ao que de melhor por ahi existe.

Apenas escrevem e executam para os amigos ouvirem, quando poderiam apparecer brilhantemente, publicando os seus trabalhos, mesmo por intermedio das casas editoras, si houvesse uma lei que estabelecesse uma tabella de preços entre autores e editores.

Esta iniciativa, bem poderia ser tomada pela Sociedade de Autores Theatraes, que é a unica instituição existente no Brasil, com autoridade bastante para cuidar do assumpto, defendendo mesmo interesses de muitos dos seus socios que não são estranhos á industria do Samba.

São estes novos e ignorados autores, que seguem o caminho do apogeu da gloria, na roda do samba.

Para elles, volve-se toda a esperança de novas produções que honrem o samba *chulado* principalmente, do *partido alto*, que não devemos aban-

[152]

donar ou esquecer, porque representa um passado, uma tradição, que será um crime renegar.

Que outros o façam, mas, nunca aquelles que se presam de ser da roda do samba, aquelles que o defenderam com ardor e pugnaram pela sua tradição ; aquelles que formam ao lado de *Canninha*, vivendo para o samba, sem fazer delle um commercio, sem auferir delle o menor provento ; aquelles que professam o samba, como se fôra uma religião, defendendo o seu rythmo, mantendo a sua toada e auxiliando o *Canninha* na manutenção do *partido alto*.

São estes heróes, como J. Thomaz, «*Pechinguinha*», «*De Chocolate*», «*Donga*», «*João da Bahiana*», Patricio, Heitor dos Prazeres, «*Nôzinho*», «*Morceguinho*», C. Bulhões, Tio Faustino e outros, que como «azes» do samba, deverão cerrar fileiras e defendel-o com ardor e enthusiasmo.

Todos merecem a nossa admiração e a veneração toda a gente, pelo muito que fazem e pelo

---

muito que valem.

[153]

### **A quem couber a carapuça...**

---

**O** SAMBA, tem evoluído nestes últimos vinte annos.

Do mesmo modo que Catulo da Paixão Cearense, levou a modinha e o violão para os grandes salões, *Sinhô* – o pranteado Rei – de saudosissima memoria, ingressou o samba nos theatros, nos clubs e nos palacios !

*Sinhô*, despertou a cubiça dos exploradores desta bella e rendosa industria, para gaudio dos editores inconscienciosos, que vivem de dia para dia, vendo o transbordamento dos seus cofres, porque, para dentro delles, o samba despeja cornucopias de ouro ; para o gaudio de moços elegantes, que, se não fôra o samba, estariam no olvido, pobres como Job, amargurando os horrores da *phalange dos sem trabalho*.

Ao contrario, porém, vem succedendo, porque estes, estão optimamente installados na vida, explorando a inexperiencia, a necessidade, as privações de homens modestos e desconhecidos, comprando por uma bagatela os seus trabalhos, sonegando-lhes o nome, chamando a si, a autoria de producções

preciosas, porque tiveram o cuidado de preparar o monopólio da gravação !

A estes podemos chamar os coveiros do Samba !

São as aves de rapina e agoureiras também,

[154]

que alceiam o vôo até o alto dos morros e de lá trazem o samba, como presa das suas garras aduncas !

\*

\* \*

**F**OI tão sómente para isso, que elles ingressaram no meio dos sambistas, roubando-lhes o nome, sugando-lhes o suor, explorando-lhes as produções, sonogando-lhes os lucros e deixando-os sempre no ultimo degráo do esquecimento !

E, enquanto isso, elles augmentam a sua fama, a sua popularidade, a sua *bagagem literaria* e desfructam nababescamente uma vida regalada, em bellas vivendas, lindos *bungalows*, revestindo as suas carcassas de indumentarias carissimas, em commodos automoveis que *fonfonam* audaciosamente pelas ruas da metropole, zombando da miseria dos seus explorados !

\*

---

\* \*

**O'** SENHOR DEUS de infinita bondade !

Tende compaixão dos explorados, descortinando-lhes novos horizontes, livrando-os da tentação das garras dos exploradores e castigae áquelles que tiram o pão da bocca de quem tem fome, para exemplo das gerações vindouras !

[155]

O' SANTA CECILIA !

O' milagrosa padroeira dos muzicos – protegei vossos filhos e fiéis devotos, livrando-os desse bando de *Lampeões*, que, em vez do bacamarte e da chave denominada gazúa, usam o monopolio do disco da victrola com as tres armas muzicaes chamadas claves de SOL, FA' e DO'.

Promovei, ó SANTA CECILIA, ó Santa milagrosa – *um grandioso final* – com grande pancadaria, mas, sem bombo, nem caixa, nem pratos, nada de bateria... Pancadaria mesmo de verdade, em que entre em scena o cacete, para dispersar o bando e impedir que os muzicos – vossos filhos e fiéi devotos – venham para a rua bater de porta em porta, implorando a caridade publica !

O' SENHOR DEUS, todo mizericordioso !

Mandae um castigo para os exploradores de

produções alheias !

O' SANTA CECILIA !

Fulminae, com um só raio do vosso olhar,  
áquelles que querem condemnar os muzicos, vossos  
filhos, ao supplicio da fome !

[156]

---

### Unico appello

---

**A**O terminar as minhas investigações, sobre o samba, agradeço a todos que as acompanharam, da primeira á ultima linha e peço desculpa da massada que lhes dei.

Creio, porém, que prestei um serviço – pelo menos ao Samba, declarando a sua origem e pugnando pela sua manutenção, pela sua escola e pela conservação do seu rythmo.

Não se diga que nós, os que pugnamos pelo samba, desejamos ou nos batemos pela exclusão dos poetas.

Não. O Samba não tem dono, é nosso.

Queremos é a conservação do seu rythmo, porque é tradicional e no dia, em que desaparecer a cadencia e a toada sómente sua, o samba tambem desaparecerá.

Que venham os poetas, mas, que respeitem a

tradição.

Não façamos com o samba o que fizeram com a mazurka, que o «fox-trot» depoz e a quadrilha, que os dansarinos abandonaram, condemnando-a ao mais atroz esquecimento !

Havemos de pugnar e sempre pelo samba CHULADO dos cariocas ou pelo samba CORRIDO dos

[157]

bahianos, que a gente dos morros, as escolas do Estacio de Sá e do Cattete, não deixarão que os profanos trucidem – á pretexto de melhoral-o !

Não queremos este samba dos *concursos officiaes, com orchestra de companhia lyrica...*

O samba, o tradicional samba, deverá ser executado com todos os seus instrumentos proprios : a flauta, o violão, o réco-réco, o cavaquinho, o ganzá, o pandeiro, a cuica ou melhor o omelê e o chocalho.

Neste andar, exigirão amanhã uma prima-dona, uma soprano-leigeiro, um tenor, um barytono e um baixo, com o respectivo corpo de córos, para cantarem, e umas bailarinas russas para dansarem o samba.

Não sejamos inimigos do progresso, mas, tambem, não permittamos que desapareça tudo quanto é tradicional.

O Samba, é uma tradição da nossa roça.

Conservemol-o

\*  
\* \*

**Q**UANDO um dia pensaram na demolição da igreja de São Domingos, o Conego Dr. Olympio Alves de Castro, á frente de alguns catholicos, teve um entendimento com o Prefeito Commendador Antonio Prado Junior e S. Ex. disse que permittiria na reconstrucção daquelle templo historico, com uma unica condição : – de ser conservado o estylo colonial.

E assim se fez.

[158]

A Igreja do Rosario, a mais historica do Brasil, em cujo consistorio por muitos annos funcionou o Senado da Camara, onde se fizeram ouvir os proceres da Independencia, onde se preparou a apothese de 7 de Setembro de 1822, onde José Bonifacio, Gonçalves Ledo, José Clemente Pereira e outros se bateram pela nossa emancipação politica, tem passado por innumeras reformas de melhoramentos, mas, sem que modifiquem seu estylo colonial que o mestre Valentim lhe deu.

E porque ?

Para tão sómente respeitar a tradição de um povo.

Logo, tudo aconselha que respeitemos o Samba, como uma das tradições brasileiras.

Melhoremos o Samba – mas, sem tirar-lhe o seu característico, que é o seu rythmo, que é a sua escola. Respeitemos o chamado partido-alto.

Não seja o samba transformado em modinha, em lundú ou tango.

Que formem na vanguarda dos seus defensores *Canninha*, *Pechinguinha*, *Donga*, *João da Bahiana*, *Dudú Aymoré*, «Didi», *Zuza*, *Galdino* e *Prazeres*, que são os unicos, que hoje pódem defendel-o com ardor.

Que o Prazeres se atire ao samba, mas, escrevendo sambas de verdade, porque, *Mulher de Malandro* com que venceu em 1932, é o que se póde chamar uma boa modinha, com as suas varias passagens.

Respeitemos o samba e executemol-o, como elle deve ser executado.

[159]

\*

\* \*

**E**NCERRANDO esta serie de chronicas, fazemos um unico apello – não deixemos morrer o samba.

Cuidemos delle, com o mesmo desvello, com o mesmo carinho, com a mesma dedicação que se

dispensa a um moribundo !

Cerremos fileira, afim de impedir o avanço da horda invasora, – ó gente do Estacio e do Cattete, ó povo dos morros !

Continuemos a alimentar o Samba, com os instrumentos proprios do Samba.

Continuemos a produzil-o e a entoal-o, com o mesmo rythmo, sem desprezar nunca a grande escola do partido alto.

Não deixemos que o samba morra nas mãos dos aventureiros.

Salvemos o Samba !

[160]

[EM BRANCO]

[161]

2.<sup>a</sup> PARTE

## **A VIDA DOS MORROS**

[162]

[EM BRANCO]

[163]

---

## **Os morros**

---

**N**ÃO ha cidade no Brasil, que tenha mais morros que a nossa.

Existem cento e tantos, na terra carioca !

Os morros no Districto Federal, são cheios de poesia e belleze e cada um tem a sua historia, mais ou menos, empolgante, a sua lenda ou a sua fama.

Logo á entrada da barra, dominando a cidade vemos o monumento do Soberano dos Homens, com os braços abertos em cruz, dominando a cidade e protegendo os seus habitantes.

E' o CORCOVADO outr'ora gigantesco, hoje sagrado, por sustentar no cume, o monumento do Salvador da Humanidade, do Grande e Divino Mestre – o Christo Redemptor !

E' para elle que nos momentos afflictivos levantamos o nosso olhar supplice, rogando a Misericordia do Céu.

Quem no mundo possui um morro assim?

A fazer «pendant», temos o PÃO DE ASSUCAR, com os seus 395 metros sobre o nivel do mar ligado ao da URCA por conducção aerea. A Urca, conta 224 metros, ou sejam 171 metros menos que o seu alliado.

Temos depois os seguintes :

[164]

BABYLONIA, com 238 metros de altitude, com algumas casas, estação de telegrapho optico e posto radiographico.

SÃO JOÃO, com 241 metros de altitude e em cuja fralda fica o Cemiterio de São João Baptista.

MATHIAS, com 63 metros.

VIUVA, com 79 metros. Tem um reservatorio de agua. O seu nome provém de haver pertencido á viuva de Joaquim de Figueiredo Pessoa de Barros. Tambem foi propriedade da Marqueza do Paraná.

GLORIA, com 61 metros de altitude. Este morro tem nome na historia do Samba. Nunca foi *accademia*, nem *escola*, mas, até 1888, constituiu serios cuidados de muito boa gente, num dia só – era em 15 de Agosto, dia de Nossa Senhora da Gloria !

*(Era uma segunda festa da Penha, naquelles tempos que os quatro domingos de Outubro empolgavam a população carioca. Hoje, já não é tão grande a animação, porque, com a perseguição aos «talassas», veio de Portugal um padre portuguez, que uma vez investido das funcções de Capelão, instituiu a taxa «minima obrigatoria» de 10\$000 por cabeça nos «baptisados de cambulhada». Não satisfeito com o «commercio de fazer christãos», transferio a belleza da festa campestre que se realisava no arraial, para a*

«Chacara do Capitão», o que resulta «uma renda fabulosa» ! E' tão grande o «negocio de baptisados por atacado», que foi preciso «mandar buscar em Portugal» um outro Capelão tambem «talassa», para ajudante do que substituiu o Padre Ricardo Silva. Hoje, os dois capellães pro-

[165]

*tuguezes, ostentavam luxuosas batinas de alpaca seda e sapatos com fivellas de platina !...)*

Continuemos, porém, com a festa da Gloria. Naquelle tempo, o «chic» era botar uma *vianna* nova, no dia da Milagrosa Santa. Mas, não era só o terno – era tudo : dos pés á cabeça ! A's 10 horas, Sua Magestade D. Pedro II, subia ao Outeiro e ia assistir a missa. O povo acompanhava-o em delirio ! Depois da missa das 10, era a grande romaria !

Todas as *academias e escolas* do Samba lá iam render as suas homenagens ! Cada uma levava uma novidade, – um samba novo. Ainda hoje, Nossa Senhora da Gloria é padroeira de varios ranchos carnavalescos (nascidos da escola do samba) como : Ameno Resedá, Flôr do Abacate, Alliança Club, Arrepiados, etc.

MARTHA, 100 metros ; MUNDO NOVO, 120 metros ; CANDELARIA, 90 metros ; QUILOMBO, INGLEZ, CINTRA, 250 metros ; GRAÇA, NEVES, 70

metros ; ORIENTE, 90 metros ; PAULA MATTOS, 95 metros ; PEDRA RASA, BANDEIRA, PRAZERES, TUNEL DO RIO COMPRIDO, PEDRA GRANDE, FORMIGA, 117 metros ; SÃO BENTO, 32 metros ; CONCEIÇÃO, 50 metros ; SAUDE, GAMBOA, PROVIDENCIA, 117 metros ; PINTO, SÃO DIOGO, 57 metros ; SANTO ANTONIO, 63 metros ; SANTA THEREZA, SANTOS RODRIGUES, MIRANTE, PEDRA DA BABYLONIA, 102 metros ; S. JOÃO, BARONEZA DA LAGE, BARRO VERMELHO, LAZAROS, RETIRO DA GRATIDÃO, 110 metros ; RETIRO DA AMERICA, 90 metros ; TELEGRAPHO, 184 me-

[166]

tros ; S. JOÃO, PAIM, 30 metros ; GONGA', JACARE', VINTEM, 46 metros ; URUBÚS, MARIANNA, DENDÉ, BOMSUCCESSO, CERRO, CARICO', RAMOS, PENHA, 69 metros ; OLARIA, PENNA, 160 metros ; CARAMBADA, SALVADOR, QUINCAS, BOA VISTA, COQUEIRO, POSSE, CABOCLO, BARATA, MANOEL DE SA', LUIZ BOM, PALMARES, PEDREGOSO, CAPITÃO IGNACIO, RIO DA PRATA, VIÉGAS, SANTISSIMO, PACIENCIA, CATIMBO', PONTAL, GIGOMBO, CAVADO, MAGARÇA, CABUNGUI, TRIUMPHO, VENDA GRANDE, ENGENHO DE FORA, SANTO

ANTONIO DA BICA, CABEÇA DO BOI, CONCEIÇÃO, SANTA CRUZ, CHA', PETROPOLIS, FREGUEZIA, MINEIROS, SEPETIBA, AR, BOA VISTA (2.º), PEDRA DA TIJUCA, RANGEL, CAIETE', PEDRA DA PANELLA, PEDRA de GUARATIBA, CABRITOS, com 382 metros, SAUDADE, com 243 metros, LEME, com 130 metros.

\*  
\* \*

**O**S morros onde nascem as chamadas academias de samba ou que constituem reductos de *bambas*, são capitulos especiaes que vamos agora apresentar aos leitores.

Não houve preocupação de uma descrição minuciosa sobre o historico de cada um, como *faria* Rocha Pombo de saudossissima memoria.

[167]

Damos apenas ligeiras impressões, ligando as suas relações com os bambas e os sambas.

Em cada um morro, escolhemos um cicerone.

Se o leitor quizer acreditar nelle, fará muito bem e se não quizer acreditar, fará melhor ainda.

Em todo o caso, sempre é bom acreditar um bocadinho, porque o bamba mente, é só quando conta

as suas proesas de valentia.

E' como o caçador relatando as suas aventuras com os leões e os tigres, que conhecem mais... atravez do jogo do bicho...

Nos caçadores a gente deve acreditar, mas, não é muito... muito !...

Elles começam a contar um caso e nunca mais acabam.

E' precisamente como faz o Sr. Raul Cardoso, Director do Patrimonio Municipal, quando entende de contar a historia da sua arvore genealogica...

[168]

## O morro do Kerozene

---

**E'** INTERESANTE e curiosa a vida dos morros. Cada um delles tem a sua historia e abriga a sua gente, especializada neste ou naquelle mister, na roda dos que trabalham, dos que trabalham muito, affrontando as intemperies, sem que tenham um dia a compensação dos seus esforços, ao menos, com um simples sorriso da Felicidade ou um ligeiro aceno da deusa da Fortuna.

Ha os que procedem de modo justamente contrario : – adeptos da *lei do menor esforço* – não fazem força... não trabalham e levam a vida folgadoamente, confiados na autoridade que a valentia

lhes impõe ou nas suas habilitações – *na roda do samba...*

Os primeiros, se dedicam sómente ao trabalho que nobilita o homem e os outros, «matam o tempo», tentando a sorte na «orelha da sota», como exímios que são no preparo de um «kagado» ou arranjo de um «massête».

Um baralho e um violão ou um cavaquinho, uma harmonica, um pandeiro, um réco-réco, um chocalho, uma cuica, chegam para garantir a zona...

Os «cathedraticos» dos morros são respeitados e se fazem respeitar.

[169]

São ageis nas pernas e por isso heróis na batucada. Não fazem cerimonia de apertar o dêdo no gatilho da *F. N...*

Para ser «cathedratico» e chegar a empunhar o «bastão de leader», é preciso ser «bamba» mesmo de verdade, porque, no dia em que «entregar os pontos» e lhe rasgarem a «carta de valente», ficará reduzido a «sub-nitrato de coisa nenhuma...»

\*

\* \*

VIVER NOS MORROS

**H**A quem diga que viver nos morros, é morar perto do Céu e ser vizinho de Deus, Nosso Senhor...

Deve ser assim mesmo...

Mas, havemos de convir que nem sempre os vizinhos nos agradam : uns são bons e se fazem excelentes amigos e outros são, como dizem os sertanejos – *cabras safados da peste...*

Eis a razão porque Deus, ás vezes, se aborrece com alguns dos seus vizinhos e «*cabufa bom...*»

Ha os que vivem nos morros, arrastados pela necessidade e ha outros que, fóra delles, a vida lhes seria tormentosa com todo o seu cortejo de miserias.

Para estes, o morro é um Paraizo e para aquelles um Inferno.

[170]

Todos, porém, se confundem – *na roda do samba* – principalmente aos sabbados á noite, entrando a batucada pelo domingo.

As noites de segunda e sexta-feiras, são geralmente destinadas aos segredos do fetchismo ou magia negra, na solemnidade do camdomblé...

Os morros sempre tiveram fama e os seus habitantes são orgulhosos de si mesmos e cada um preconisa o morro em que nasceu ou viveu ou reside.

Lá está o do

KEROZENE

**E'** DE todos elles, o mais immundo e infecto.

Tres ou quatro individuos de nacionalidade portugueza tomaram-no de assalto, como se aquillo fosse «gado sem dono...»

Construiram uns cochicólos, verdadeiras «arapucas» armadas «a sopapo», com taboas de caixões e cobertas de folhas aproveitadas das latas de banha e kerozene.

Taes pardieiros que são alugados de 30\$000 a 60\$000 mensaes, constituem verdadeiros atentados aos fóros de uma cidade limpa, habitada por um povo civilisado.

Lá em cima não ha ruas.

São picadas perigosissimas, á noite principalmente, pela falta de iluminação.

Nos dias chuvosos, é uma temeridade chegar ao alto do morro.

[171]

Ha subidas ingremes, dando passagem apenas a uma pessoa e deixando ver o medonho despenhadeiro !

Pelas picadas, á guisa de ruas existem vallas abertas, que servem de escoadouro dos «pardieiros.»

Quando o sol á pino, é insupportavel o fetido

desprendido de taes vallas.

Ha quem ache tudo isto um verdadeiro Eden e nos seus sambas choroso, conte o Morro do Kerozene desta forma :

Deixa eu viver sómente aqui  
A minha vida não envenene  
Quero morrer onde nasci  
No meu Morro do Kerozene.

Minha vida desta maneira  
E' de encantos, é tão bella !  
Não me passo p'ra Mangueira  
Nem para o Morro da Favella...

O Salgueiro não vale nada  
Nem a cópa do meu chapéo  
O Kerozene na batucada  
Só respeita a Chacara do Céu

\*  
\* \*

#### INIMIGOS DO PROGRESSO

**C**OMO dissemos, o Morro do Kerozene foi tomado de assalto e quando o legitimo dono daquellas terras, quiz entrar realmente na posse do

[172]

que lhe pertencia, eis que, surgiram os «grillos», reclamando um supposto direito, que, absolutamente não se enquadra na lei, e que portanto, não pôde ter a almejada guarida na Justiça.

O que elles pretendem – tão sómente – é continuar na posse de terras que exploram gananciosamente, zombando, da miseria alheia !

E' irrisorio ! Allegam bemfeitorias !

Póde acaso, considerar-se bemfeitorias – arapucas, sem luz, sem ar, sem agua, sem esgoto ?

Como considerar bemfeitorias – um attentado contra a hygiene, um fóco epidemico ?

Ainda ha juizes no Brasil, para repellir os botes audaciosos de individuos exploradores, que, numa cidade onde ha leis e policia, julgam-se com o direito de avançar na propriedade alheia, provocando a colera dos seus «inquilinos», contra os legitimos donos do Morro do Kerozene.

Comparecendo em Juizo, os assaltantes allegaram em sua defeza, serem *terceiros prejudicados*, julgando um direito, avançar na propriedade alheia.

Ao que ouvimos, a Côrte de Appelação, não lhes reconheceu direito algum sobre aquellas terras, estando já publicado o accordão.

Agora, os exploradores indignados, percebendo

que vão perder aquella «mina», se dizem *donos do morro* e aconselham até que joguem morro abaixo, quem lá apparecer como tal !

Como se vê, elles abusam da inexperiencia daquella gente e aconselham como recurso covarde, a violencia, o espancamento e quem sabe mesmo – se o assassinio ?

[173]

#### O PLANO DE EMBELLEZAMENTO

**O** MORRO DO KEROZENE vae ter a mesma sorte do morro da Favella.

Não é possivel continuar, aquelle fóco epidemico a espalhar cá para baixo todas as suas impurezas, infeccionando todo o ambiente.

O que os legitimos donos pretendem fazer, é melhorar, embellezar o morro.

O plano é o seguinte :

Feita a devastação do matto, serão abertas ruas amplas e bem calçadas.

O Morro será então dividido em lotes, que poderão ser adquiridos por preços ao alcance de todas as bolsas.

Os pardieiros actuaes, serão substituidos por pequenos grupos de casa, tendo cada uma o seu terreno, a sua fóssea, etc.

Todo morro será abastecido de agua e illuminado á luz electrica.

\*  
\*   \*

#### O DESTINO DOS HABITANTES DO KEROZENE

**U**MA coisa nos pôz muito intrigados : o destino dos actuaes habitantes do Morro do Kerozene.

Procurámos então pessoa conhecedora dos planos de melhoramentos e indagámos :

[174]

– Qual será a sorte daquella pobre gente que habita o Morro do Kerozene ?

A resposta foi decisiva:

– A melhor possivel – a melhor que se póde imaginar. Não supponha que aquella gente vá ficar ao relento, ao desabrigo. Não senhor. Não somos deshumanos. O plano de prophylaxia e embellezamento do Morro do Kerozene, não traz no seu bojo a maldade ou a vingança. Maldade porque e contra quem ? Vingança ? Não ha razão para isso contra uma gente que até hoje só tem sido explorada ! A questão em Juizo, visa um fim unico – garantir uma propriedade, invadida por intrujões.

– E qual será o destino daquelles que habitam o Morro do Kerozene ?

– Qual será o destino ? O Morro do Kerozene.

– Como assim ?

– Até hoje, os que lá residem, vivem naquelles pardieiros infectos, pagando alugueis e não tendo o menor conforto nem a menor garantia.

– E com o embellezamento ?

– O plano traçado é o seguinte : quem lá está continuará, si quizer.

– Si quizer ?

– Eu explico : aquelles que entrarem em entendimento comnosco, pagando os terrenos que occupam, certamente, serão os preferidos nas casas que forem sendo construidas.

– E os que não quizerem pagar ?

– Terão que deixar o morro. Os que lá ficarem serão instalados com o necessario conforto, a que

[175]

o pobre tambem tem direito e com muito maior garantia que actualmente.

– Qual é a garantia ?

– De serem amanhã donos da casa em que residem, podendo para isso obtel-as, pagando prestações que forem combinadas.

– Sendo assim, outros poderão tirar o direito dos

actuaes moradores ?

– Nunca. Sem que todos os actuaes moradores que estejam em entendimento comnosco fiquem installados, não serão localizados outros de fóra. Já está organizada uma relação dos moradores actuaes, afim de que se possa dar preferencia por ordem de antiguidade e até, podendo algumas casas serem construidas de accordo com as necessidades dos que tenham de habital-as. Eis o plano em linhas geraes.

– Como serão construidas as casas ?

– O primeiro grupo será de duzentas, de pedra e tijolo, não sendo para admirar que mais tarde appareçam algumas de cimento armado.

#### O QUE NOS DISSE UM HABITANTE DO MORRO

#### **M**EU DIA.

Sól á pino.

Calor de rachar.

Um inferno ! Um supplicio ! Um horror ! Um verdadeiro castigo, galgar o Morro do Kerozene, pela rua do Itapirú !

Não sabemos em quantas etapas, fizemos o arrojado «raid».

[176]

Mas, foram muitas e com descanso demorado,

como fez o *Jahú*, seguindo o exemplo de Saccadura Cabral e Gago Coutinho...

Em meio do caminho, encontrámo-nos com um velho morador do morro, que, pelo nosso cansaço, pela afobação que demonstrávamos, percebeu logo, que se tratava de *estrangeiro*... e nos disse :

– Está estranhando, heim, patrão ?!...

– Que horror ! Uff !... Nunca mais voltarei aqui.

– Ainda, que «mal lhe pergunte» – o senhor é da policia ?

– Não.

– «Prestação» não é que eu conheço... Então é Oficial de Justiça. E' só estas tres «casta» de gente de fóra, que se «*atreve*» a subir o Morro a esta hora.

– Eu sou da imprensa.

– Olá... lá !... Ainda melhor ! Veio fazer alguma reportagem ?

– Vim ver isso...

– O Morro do Kerozene, meu chefe, «é uma *cuíca* para conferir...» Ahi está uma coisa que eu appróvo e sou capaz de lhe auxiliar.

– Terei nisso muito prazer.

– Olhe, só lhe peço um favor : quando o «páu comer» não bote o meu nome na folha, porque sinão, sou um homem «intralhado na vida».

– Como assim ?

– Porque o senhor, por força, vae «*metter o*

*malho*» e elles não vão gostar. Mas, commigo quem acha «*ruim faz meio dia...*»

[177]

– Elles quem ?

– Estes piratas e exploradores do nosso suor.

– Os donos destes «BARRACOS» : o Lindolpho Magalhães, o José Reis e o outro lá do alto, dono da falada «Venda do Gallo».

Estavamos no meio do morro.

O nosso cicerone nos disse :

– Repare só : aqui, é a tendinha do José Reis. Lá está elle.

– E' brasileiro ?

– E' portuguez-africano. Aquillo que está vendo ali, é de «má raça, de má casta, de mão pello e mão cabello» ! O que tem de pequenino e socado, tem de sabido ! Como elle, só o Manoel Martins, que figura em tudo quanto é testamento encrencado...

E fomos passando.

O homem portuguez-africano, pequenino, socado e sabido, veio até a porta nos espiar, assim como quem diz :

– Cara estranha na zona !... Temos mouro na costa...

Em palestra, parece que a subida do morro torna-se mais suave.

Chegámos, afinal, ao cimo.

Lá se destaca a «*Venda do Gallo*».

E' um armazem de seccos e molhados, com respeitavel sortimento.

A' entrada do estabelecimento, ha um alpendre, á guiza de «*Marquize*», sustentado por duas columnas de madeira.

[178]

O armazem não tem tabella, funciona aos domingos e feriados e abre á qualquer hora da noite, como as *pharmacias*...

O alpendre, toma a unica passagem que ha, obrigando assim, toda a gente a passar pela «*Venda do Gallo*».

O nosso cicerone nos segredou :

– Lá está o homem que tem ganho mais dinheiro neste morro ! Isto para elle é um *chuí* !... *chuí* !... Não paga impostos e não dá satisfação a «*hyngienica*». E' o maior proprietario de «*barracos*».

Encaramos o gajo.

E' um portuguez, forte, robusto, gorduxo, barrigudo, ostentando uma grande medalha redonda, cravejada de brilhantes.

O cicerone continuou :

– Está riquissimo á nossa custa ! Elle já fez quatro viagens á Europa ! E' proprietario de varios

predios em Santa Thereza e em Irajá.

– Então, elle está bem...

– Aquelle homem, que ganha dinheiro aqui, explorando a gente com esses «barracos» immundos, é incapaz de fazer o menor beneficio a esta zona.

Depois de pequena pausa, continuou :

– Para o «seu reporte» fazer uma pequena idéa, vou lhe mostrar um «barraco» por dentro.

Entrámos então num cortiço !

As familias vivem numa verdadeira promiscuidade, pois, de um para outro chamado «barraco», ha apenas uma parede divisoria de latas de kerozene

[179]

enferrujadas e esburacadas, divulgando-se o que se passa do outro lado !

E' um horror !

O visitante sente logo um máo estar, chega mesmo a ter nauseas.

Como pode aquella gente viver assim ?

Deus que se apiede, dos moradores do Morro do Kerozene.

\*\*\*

O PRECIOSO LIQUIDO

**A**GUA no Morro do Kerozene vale ouro !

O H<sub>2</sub>O, o precioso liquido, não se dá a ninguem !

Lá no alto do Morro, que quizer beber um pouco d'agua numa canéca, pagará 200 réis e se pedir *mais um bocadinho*, a pessoa que fez o «negocio» *acha ruim* por não gostar de dar *quêbra*...

Durante o dia, vê-se aquellas pobres mulheres galgarem o morro curvadas ao peso de uma lata cheia d'agua !

Para obterem-na, descem ás ruas Itapirú e Azevedo Lima, pedindo, como esmola, um pouco do precioso liquido, para os misteres mais urgentes.

Nem isso os exploradores daquela gente lhes proporcionam – a canalisação da agua, o que poderiam fazer mesmo entrando num accôrdo entre aquelles que não pagando impostos, auferem lucros

[180]

fabulosos, sugando gotta a gotta, o sangue daquela pobre gente, arrojada áquelle verdadeiro inferno, pelos azares da sorte.

O dono do morro, projectou canalisar agua e inaugurar no dia de Natal, comprando todo o material necessario.

Não o fez, pela ameaça que recebeu de serem os

encanamentos arrancados e inutilizados !

Porque ?

E' o resultado da campanha dos assaltantes do Morro do Kerozene e inimigos do progresso.

\*\*\*

#### A VISITA DO DR. PEDRO ERNESTO

**O** SENHOR Dr. Pedro Ernesto, digno e honrado Interventor no Districto Federal, não tem se descuidado dos mais legitimos interesses da cidade, em boa hora, confiada a sua governança.

Não lhe preocupa sómente a chamada zona «chic» ou a central.

S. Ex. vae tambem aos suburbios, á zona rural e sóbe aos morros, como já subio ao de São Carlos e ao do Kerozene.

Em São Carlos, que é uma verdadeira cidade alta, como Santa Thereza, o grande Interventor notou que muito ha que fazer para tornal-o digno dos seus honrados habitantes.

Tudo quanto ha ali, é devido unicamente á iniciativa particular.

[181]

No Morro do Kerozene, porém, a impressão do

Governador da cidade foi muito outra.

E' uma vergonha !

O Dr. Pedro Ernesto quer como Interventor, quer como medico, condemnou-o. A impressão foi a peor possivel.

Ali, só ha uma coisa á fazer, á bem da hygiene – é pôr abaixo tudo aquillo, mesmo como medida preventiva, acauteladora da saude, não só dos moradores do Morro do Kerozene, como de todo o bairro onde elle se levanta ameaçadoramente como um fóco epidemico.

Ou o Morro do Kerozene será saneado e embellezado ou terá destino muito peor, que o da Favella.

E' este o modo de pensar do «super-homem», á quem para felicidade dos cariocas, o Chefe do Governo Provisorio confiou os destinos da nossa terra.

[182]

---

## **O morro da Mangueira**

---

**J**A' dissemos, minuciosamente, pondo os pontos nos ii, o que é o Morro do Kerozene – é o mais immundo, o mais infecto, o mais perigoso e o mais explorado !

A gente, porém, que o habita, não é má, como

em geral, a que reside nos morros, porque, os ruins que aparecem, ou se regeneram ou *cáem no mangue*... E' raro encontrar-se um ladrão-valente, na extensão da palavra, razão porque, o «bamba» sempre lhe infunde respeito.

O valente de verdade, não é o pirata vulgar.

Quando os «bambas» descobrem no morro um ladrão *pirado* na sua zona, é *canja*...

Fazem, como faziam os *tiras*, antigamente – exigem logo o *tôco*, sob pena de dar a *canna*...

O *tôco* não impede o *ultimatum* : o ladrão *pirado*, tem o prazo muito limitado para *desinfectar o reducto* e si não o fizer, ou vae conversar com o *majorengo* para receber o bilhete para a *justa* ou na melhor das hypotheses o *páo come gente* e o *lunfa*, *entra nas comidas*...

\*  
\* \*

[183]

**N**ÃO se diga que um *buliçoso*, não possa ir num morro.

O morro não é privativo dos seus habitantes e elles até gosta, quando veem a «zona floreada» com caras estranhas...

Quantos e quantos *lunfas*, acossados pela policia

cá por baixo, sobem ao morro e lá ficam *arribados*, num daquelles casebres de um amigo, em *segredo de justiça*, sem *dar a cara na rua*, até que o – caso policial – cáia em *exercícios findos* ?

Quando não se trata de cara conhecida, o dono da casa que serve de refugio, diz logo que se trata de um parente que veio de Minas, de São Paulo, da Bahia, etc., para se tratar ou cuidar dos negocios aqui no Rio.

Mas, o ladrão que deprésa, não se refugia nos morros. Elles têm cá por baixo os seus reductos bem seguros e garantidos, onde facilmente se communicam com os seus *socios* e advogados.

Quando um *lunfa* está *veraneando* num morro, não *opera* e faz tudo para não ser visto, principalmente por um collega, porque, se tal succeder, é obrigado a mudar de *galho*, visto que, a *sujeira* será certa.

A classe é muito desunida...

\*\*\*

[184]

#### NOITES DE SERENATA

**V**IVER nos morros, é tambem gosar um pouco da vida bohemia, que vae morrendo cá em baixo...

E' uma bohemia differente, mas, é ás vezes mais sincera.

No meio desta gente simples, é que se encontram os amigos leaes, incapazes de uma *falsêta*, como hoje se diz na gyria.

O malandro seresteiro do Morro, é muito diferente do malandro «alinhado» dos cafés e dos «bars», que frequentam a *zona torrida*, que aguardam nos botequins que as amantes os venham buscar para almoçar, jantar, ceiar e dormir.

Não confundamos uns com os outros.

O malandro do morro, «explora» um baralho de cartas, fazendo o *massete* e preparando um *kagado*.

Mas, pode muito bem virar o feitiço contra o feiticeiro e ser descoberto o «truc» por um *sabido* e o *otario* ir nas aguas deste.

Uma serenata no morro, tem ainda os seus encantos. Ha por lá, quem numa flauta improvisada de bambú, faça os mesmos gorgeios do *Pexinguinha* na sua magica flauta de prata, cheia de chaves e complicações.

E' o muzico anonymo, que tóca de ouvido e é o muzicista desconhecido que compõe de *orelhada*...

Não confundamos as noites de serenata lá em cima, no alto do morro, onde se aprecia um sau-

[185]

doso samba *corrido*, um bello samba *chulado* no estylo do partido alto ; onde de vez em quando se molha a

garganta com um pouco de *marajo* ou uma *barrigudinha preta*, com os seresteiros de *chops* e *Whisky*...

Volvamos agora nossa atenção para o grande e celebre

#### O MORRO DA MANGUEIRA

**N**ÃO se póde negar a sua fama, a sua tradição.

Quando a Favella estava no apogeu, Mangueira olhava-o com indiferença !

Era a certeza da sua importancia, do seu grande valor no futuro.

De vez em quando anunciavam que uma caravana favelliana, salgueirense, kerozenense, ia fazer um *raid* á Mangueira e então o pessoal se preparava para receber os visitantes como *personas-gratas* ou como *personas-ingratas*, conforme o modo de proceder dentro da zona e principalmente com referencia ao – Nono Mandamento da Lei de Deus – porque o pessoal do Morro da Mangueira, por ser muito catholico, respeita a mulher do proximo e é *sujo* com este negocio de *divorcio* apressado...

Eis a razão porque algumas caravanas *acharam ruim* e passaram mãos quartos de hora na Mangueira...

E' a gente melhor que ha no mundo para se viver com ella, sabendo corresponder a lealdade e sinceridade que lhes é peculiar.

[186]

Quem nos sabe levar, arranca-lhes a ultima camisa.

No Morro da Mangueira, é como em Minas – é considerado covarde, typo nojento e asqueroso o que ággride ou mata o outro pelas costas !

*Viram-lhe o quadro* e na primeira oportunidade o camaradinho paga com juro, mas, apanhando os *tapas* pela frente, que é para aprender a dar, *nos dominio dos homens que vestem calças*.

Na Mangueira não é valente quem quer – é quem póde.

Lá ninguem passa, a si mesmo, *carta de valente*, sob pena de rasgarem-na logo no primeiro *sururú de corôa* em que o gajo der a cara e tentar bancar o *bamba*.

Neste dia, vira a pelle de «adufó...»

Todo o mundo bate nelle !...

Conhecemos um bacharel em direito, que não terá coragem, pelo menos, nestes 10 annos de subir ao Morro da Mangueira !

E' que o seu nome ficou gravado lá em cima, entre o estandarte e a lança de um bloco e emquanto a magua não desaparecer, o que custará, o odio, a prevenção, o desejo de vingança dentro da zona, para exemplo aos seductores, aos que embrulham no seu pergaminho, o que de mais precioso uma familia pobre

possue, áquelles que fazem do pergaminho a gazua que arromba as portas dos lares habitados por gente pobre e honrada – esses seductores não tem guarida no Morro da Mangueira e pagam com a propria vida, na primeira opportunidade que se of-

[187]

fereça e que o gavião vá em procura de nova victima !

Eu quizera viver no Morro da Mangueira – pela lealdade e sinceridade daquelle gente boa e generosa, porque em toda a sua pobreza, nos tempos que correm, elles praticam a verdadeira cari-

## CARTOLA

[IMAGEM]

*Um dos "azes" do  
samba no Morro da  
Mangueira.*

dade, socorrendo os que têm fome, dividindo o seu pão dormido, com aquelles que estendem a mão á caridade publica.

Não ha, no meio delles a menor hypocrisia, como tambem não admitem que se use para com elles de falsidade – é cartas na meza e jogo franco.

No Morro da Mangueira vae quem quer.

Para aquella gente, não ha caras estranhas.

Todos são amigos, desde que andem muito direitinhos

[188]

A Mangueira diverge em tudo e por tudo do Kerozene.

Ha ruas abertas e mesmo alinhadas ; ha casinhas bem construidas e ha até logo na subida um palacete mandado construir por um bicheiro !

Temos por lá os cazebres, os cochichollos, mas, que á vista dos do Kerozene são verdadeiros *bungalows*...

Nem a Favella nos seus tempos saudosos,

poderia ser comparada ao Morro da Mangueira de hoje.

\*\*\*

#### A MAGESTADE NO MORRO DA MANGUEIRA

**A**NTIGAMENTE, o Morro da Mangueira, era uma especie de reducto militar.

Ali só moravam, soldados do exercito : do 22.º de Infantaria e dos regimentos de cavallaria e artilharia.

Eram em geral nortistas, que, aqui chegando com familia, construam as suas barracas proximo ao Quartel e se alojavam no Morro.

Em 1887, construíram a estação de Mangueira logo depois que acabaram com o Prado da Villa Izabel e o Hypodromo Nacional, que ficava entre as ruas Maris e Barros e Haddock Lobo.

Havia antes o chamado maxixe que era o Prado da Villa Guarany e emfrente a Mangueira construíram o Turf-Club.

[189]

Alguns habitantes da Favella, do Salgueiro e do Kerozene, em numero muito reduzido, foram se passando para a Mangueira.

Veio então a revolta da esquadra em 6 de Setembro de 1893 e que terminou em 13 de Março de

1894, com a victoria do governo.

Com os bombardeios diarios, o Marechal Floriano Peixoto, de saudosissima memoria, mandou construir uns galpões, para abrigo das familias que fugiam do centro da cidade.

De Setembro de 1893 a Janeiro de 1894, os ladrões aproveitando as casas abandonadas, praticavam diariamente audaciosos assaltos.

O Marechal de Ferro, baixou um decreto cujo theor fez affixar em todas as ruas da cidade : «TODO O LADRÃO PRESO EM FLAGRANTE, SERA' SUMMARIAMENTE FUSILADO».

Os ladrões tornaram-se homens honestos e os melhores vigilantes da propriedade alheia !

O Morro da Mangueira, finda a revolta da esquadra, ficou habitado por civis tambem, porque, muitos dos que construíram barracas provisórias, lá se deixaram ficar até hoje.

Mas, a Mangueira, sempre se orgulhou de ter melhor gente que a Favella em tudo e por tudo : mais ordeira, mais caprichosa, mais valente e menos sanguinaria.

As construcções, as ruas, o commercio da Mangueira sempre foram superiores ao Kerozene, Favella e Salgueiro.

O Morro da Mangueira, sempre teve Magestade !

[190]

\*\*\*

## A INVASÃO DOS BARBAROS

**O** DISTRICTO FEDERAL, até o inicio do governo do saudoso Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, era uma cidade que observava o seu estylo dos tempos coloniaes.

Operou-se então uma grande metamorphose.

Lauro Müller no Ministerio da Viação, tendo a seu lado o immortal Paulo de Frontin ; na Prefeitura, o inolvidavel Pereira Passos e na Saude Publica, o grande sabio Oswaldo Cruz.

Tudo isso junto, constituiu a força dynamica da espantosa evolução porque passou a cidade, num movimento simultaneo.

Em todos os recantos, operava a alavanca do progresso !

As derrubadas, eram geraes, e até se previa, que fossemos ficar, por muitos annos, com uma cidade em ruinas.

Foi então quando um delegado de hygiene, teve a idéa de fazer demolir em curto prazo, os morros da Favella e da Mangueira.

As estalagens começaram a ser condemnadas e as casas de habitações collectivas tambem tiveram a

mesma sorte.

Só os grandes *pistolões* faziam recuar as exigências...

A gente das estalagens e das casas de commodos corria para os morros e ahi encontrava a mesma barreira !

[191]

Findo o prazo, eis que surgiu no Morro da Mangueira uma grande turma da Saude Publica e deu inicio a demolição dos casebres, tentando até levar tudo de vencidapelo fogo !

Era, para bem dizer a invasão dos barbaros, pondo ao relento homens, mulheres e crianças !

Houve, como era natural, uma seria resistencia e o Governo teve de intervir em favor dos pobres, para acalmar os animos.

\*\*\*

COMO FEZ O CLAUDIONOR...

**E**STE foi o maior golpe, que soffreu o Morro, da Mangueira e do qual se defendeu com heroismo, fazendo recuar a horda invasora, que operava em nome do progresso...

Agora, se a sua gente não vive no fausto, pelo

menos, não tem grandes preocupações nem sustos de uma nova invasão.

A Saude Publica, vae por lá, mas, para o mesmo serviço que faz na zona «chic» – *visita sanitaria* – para inglez ver, porque assim nos disse o Waldemar, que daqui ha pouco o leitor vae conhecer :

- Os mata-mosquitos, quando eram do governo, andavam lá em cima muito direitinho.
- E agora ?
- Agora elles têm que andar muito mansinho.
- Porque ?
- Porque aquillo é de estrangeiro...

[192]

- E se não andarem mansinho ?
- «Entram nas *comida*» – e...
- E o que ?
- Descem o morro á nove pontos e tem mesmo que fazer como fez o Claudionor.
- Que Claudionor ?
- Pois não se «*alembra*» do tal samba :

Eu fui a um samba  
Lá no Morro da Mangueira  
Uma cabrocha  
Me falou desta maneira  
Não vá fazer

Como fez o Claudionor  
Que p'ra sustentar familia  
Foi bancar o estivador.

Se o mata-mosquito não andar direitinho, terá  
mesmo que bancar o estivador. Toma nojo do Morro.

\*\*\*

**E**M vesperas dos folguedos de Momo, o povo da  
Mangueira também cáe na folia e faz a obrigação...

Elle se organisa num grupo numeroso, «chic»,  
harmonioso com umas mulatinhas dengosas e  
perfumadas. Quem sabe tocar violão, flauta,  
cavaquinho, pandeiro, réco-réco, chocalho, ganzá,  
cuica, tamborim, foram constituindo a orchestra, onde  
se encon-

[193]

tram muzicos de real valor, mas, completamente  
ignorados cá por baixo.

Ha na Mangueira, uns cinco tocadores de  
violão, que poriam o *Donga* tonto e não fariam feio ao  
lado de *Quincas Laranjeira*, apesar de não conhecerem  
patavina de theoria muzical.

São dos taes que tocam de ouvido, mas, que não  
devem ser chamados muzicos de orelhada...

Como os sertanejos, que nascem poetas, elles nascem muzicos.

São elles que constituem tambem a Academia de Samba do Morro da Mangueira.

Quanta coisa boa tem descido da Mangueira e corrido mundo com o nome de *consagrados autores*, quando, em verdade, sahio da cachóla de um anonymo da Academia da Mangueira, que não sonha com a immortalidade...

Mas, no carnaval, a gente da Mangueira *dá panca!*

Apparecem umas bahianinhas do *outro mundo*, a botar todo o mundo tonto.

E aquelle bando chic, garrulo, perfumado e harmonioso, desce o morro e vem recrutando gente.

Quando chega cá em baixo, os *gibirús* ficam tontos, porque parece que aquillo tem visgo de jaca...

E' gente assim... peruando as morenas !

Muitos se contentam em acompanhar, segurando na corda, mas, com um olho na mulata ou na creoula e outro nos Cerberos que vigiam o grupo, que só vae á Praça Onze, para cumprir a obrigação ou melhor, assignar o ponto.

\*\*\*

[194]

## A PALAVRA DE UM PAREDRO

UMA coisa notavel no Morro da Mangueira : não ha tempo para se prestar atenção ás pessoas estranhas que sobem e descem, aquelle *pedaço de respeito* do 18.º districto policial.

Dentro da Mangueira, ha outros morros...

Aproveitamos a tardinha de um sabbado, quando o Sol cambava no Occaso e subimos pela rua Visconde de Nictheroy.

Iamos perfeitamente á vontade : calça de brim kaki, camiseta de chita, palitot de pyjama e chapéo de palha.

No inicio da subida fomos descobertos.

Quem nos havia de surgir pela frente ?

O Waldemar.

Waldemar Luiz, ex-continuo d'A *Rua*, actualmente empregado na Light, e que o Pimenta do *Bar Mundial*, numa *excessiva curvatura* aos freguezes em quem *enterra o dente*, dizia : «*Quaim butou o Baldimaire na Laite, foi o seu dutor Curintas...*»

Era *visagem* do Pimenta, para ser *agradavel* ao ex-Dictador do Cordão do Socego, que por mais que dissesse :

– Pimenta, quem empregou o Waldemar na Light, foi o *Vagalume*, não fui em.

Elle retrucava logo :

– Qual nada ! Pensa que eu não sei ?!...

Dahi sahiu o tal samba – Pensas que eu não sei ?

[195]

Mas, o Waldemar não faz segredos e desmente sempre o Pimenta.

\*\*\*

**I**NDUBITAVELMENTE, o Waldemar é uma figura de cartaz, no Morro da Mangueira.

Antes de ingressar na imprensa – na redacção... como continuo – vivia do seu choroso violão – instrumento que tem o justo orgulho de saber tocar bem, tendo ainda a habilidade de metter umas «*difficultades...*»

Assim é que no meio de um acompanhamento o *crioulo frajola*, joga o *pinho* para o ar, aparou-o, sem perder o compasso !

Tambem ou o Waldemar tocando violão ou o Dr. Enéas Brasil surrando aquelle clarinete amarello, que o Corintho diz que pertenceu ao inventor do realejo...

Cada vez que praticava ou pratica a façanha, o beijo do Waldemar cresce mais duas pollegadas e um bocadinho...

Como o cantor, julga-se o rouxinol da Mangueira...

Mas, como diziamos, antes do ingressar na

imprensa, elle fazia parte de um pequeno grupo muzical, que tocava nos cafés da *zona torrida*, e , era duplamente respeitado : como turuna no violão e *bamba* na valentia.

Logo que nos vio, Waldemar, exclamou com espanto :

[196]

– Uê !... Será possível ?! Estarei sonhando ?!

– Vamos deixar de *visagem*...

– Mas, o senhor nestes «*trage ?*» Isto é alguma novidade !

– Vim á tua procura e para encontrar com o Diabo, não é preciso fazer força. Onde vaes ?

– Eu ia até a esquina da rua São Francisco Xavier, dar uma prosa para saber das novidades, mas, já que o senhor chegou, vamos até lá em casa. Emquanto descansa a patrôa vae preparando uma *boia* para o amiguinho.

– Dispenso a *boia* e prefiro dar uma voltinha contigo ahi pelo morro.

– Já sei... Resultado do carnaval... Veio ver alguma morena, não é verdade ?

– Nem morena, nem branca e nem preta.

– Então é reportagem.

– Justamente.

– O que quer saber ?

– Quero ter uma impressão do Morro da Mangueira.

– Vamos então, passar lá em casa primeiro.

– Vae buscar alguma arma ?

– Arma ? Para que arma aqui no Morro ? Então elles não respeitam as caras ? Se qualquer moleque, tiver o desaforo de lhe dizer uma liberdade, elle vae achar ruim, porque o tapa canta. Tem que comer ruim e achar bom.

– E se elle não «comer ?»

– Vou muito por mim. *Quando a farinha é pouca, o primeiro pirão é meu.* Meu chefe, na hora

[197]

da molleza, *quem tem o seu vintem bebe logo*, porque *feijão na pedra não dá...*

– Bravos !... Estão gostando do teu phraseado, *cheio de sustemidos...*

– Perdão, não me chame assim burro ! Isto não é sutenido porque não é muzica quando muito são flores de rethorica, ou *pernostiquidade* da minha parte.

– Bravos ! Você agora acertou. *Pernostiquidade* – ganhou 5 X 0 !!

Elle deu uma bruta gargalhada e perguntou :

– Gostou ?

– Si gostei !...

– Mas, com sinceridade, aqui ninguem lhe fará

mal. Quem é que não conhece o *Vagalume* ? Assim no primeiro momento elles podem estranhar pelo vestuario, mas depois...

Descia um mata-mosquito e cumprimentou :

– Waldemar, nêgo velho !... Está contando potóca ?

Elle achou ruim e chamou-o a fala :

– Venha cá, seu audacioso. Commigo não quero confiança, porque sinão metto a mão na sua cara, está ouvindo ? Estou aqui com o Capitão, que é meu amigo, mas, peço licença a elle *para lhe exemplar*. Quer ver só ?

– Mas, Waldemar...

– Diz só que quer ver.

– Eu estava brincando Waldemar.

– Mas, p'ra você não ser *desabusado*, eu agora vou *aproveitar o appetite* e vou lhe *dar uma banda*.

[198]

Fomos obrigados a intervir :

– Agora quem pergunta sou eu. Você não respeita mais ninguem ? O homem já pediu desculpa.

– Pois bem, elle agora teve um *abres-córpos*, mas, vae para o *livro negro* !

O homem nos agradeceu :

– Obrigado, Capitão.

E desceu apressado.

O Waldemar, agora risonho, nos disse :

– Eu já me tinha preparado para fazer elle *penerá firme, rente a poeira do chão na alegria do tombo!*...

– E depois ?

– O mais que podia succeder, era elle fraturar a *basea do craneo*.

– E a cadeia ?

– Que cadeia, que nada ! Então por uma brincadeira atôa, a gente vae p'ra cadeia ? Se fosse assim, a policia não fazia mais nada sinão estar pegando, pegando gente ! Aqui em cima não ha disso não.

– E a policia aqui, como se arranja ?

– Bem. Nós aqui fazemos o policiamento e mantemos a ordem ! O cabra se faz de besta entra no porrête ! Agora quando fere gravemente ou mata, ahi elle vae conversar com o «*seu Fragoso*».

– Quem é esse Fragoso ?

– *Fragoso é fraglante* no 18.º.

Encaramos o Waldemar e elle sempre risonho objectou :

– E' do que ha...

Já havíamos caminhado um pedaço e o *creoulo*

[199]

*frajola*, mettido no seu uniforme kaki, da Light, e

calçando tenis branco insistio :

– Agora, vamos ao menos tomar um cafézinho lá em casa, que faço questão que a patrôa lhe veja nesta *elegancia*. Ella todos os dias pergunta pelo senho.

Chegando á casa do Waldemar – que sem favor nenhum – é uma das melhores do Morro e mobiliada com decencia.

A esposa do Waldemar é branca e elle tem nisso muito orgulho e ella o idolatra.

Ella é uma verdadeira Santa e o marido diz que mora na Mangueira, para ficar mais perto do Céu.

\*\*\*

### COMO SE VIVE NO MORRO DA MANGUEIRA

**A** VIDA no Morro da Mangueira, é muito mais facil que no do Kerozene ou mesmo da Favella e Salgueiro.

Não ha aquella revoltante exploração, aquelle verdadeiro captiveiro, sendo o inquilino obrigado a comprar na tasca do seu senhorio.

Se na Mangueira alguém se lembrasse ou si se lembrar de abrir uma tasca e construir cochichólos para explorar miseravelmente os inquilinos pode contar que é *rifado*, *rufada* e recebe logo o *bilhete* azul, em forma de «ultimatum», porque, ali, não é o morro do Kerozene.

[200]

Os estabelecimentos da Mangueira, têm os seus generos tabellados e não podem abusar no preço porque são muitos e a concorrência, é a dominadora da ganancia do varejista.

Aos domingos come-se muito boa carne de porco por preço inferior ao de cá de baixo.

E' que sempre ha um camarada que mata o suino e *passa* o que lhe sobra.

As encomendas são feitas de vespera.

Não ha nisso nenhuma infracção de postura municipal

Uma pessoa qualquer cria um porco para comel-o num dia determinado – quasi sempre anniversario ou baptisado. Na data aprasada, mata o suino, fica com a quantidade que julga necessaria e o resto distribue baratinho pela visinhança.

A criação de gallinhas, perús e cabritos é abundante.

Sendo todos os generos tabellados não ha exploração nos preços nos armazens, botequins e quitandas.

O bom pagador, tem credito no Morro da Mangueira. Eis a razão porque a vida é relativamente facil e toda a gente vive perfeitamente bem, alegre e feliz naquelle monte maravilhoso.

As casas são em conta.

\*\*\*

[201]

## MUSA BREJEIRA

**O** «CAFE'» que o Waldemar nos offereceu, foi regularmente «solido» e a *rubeacea* só tomou parte na apotheose final...

Depois da *boia*, habilmente preparada por Mme. Waldemar, viemos para a sala de visitas.

– Agora, o meu amigo, vae ouvir um sambinha de successo.

– Quem é o autor ?

– Este seu criado. E' obra do seu creoulo !

– Bravos ! Você agora deu para poeta ?

– Graças a Deus, sempre fui !

– Ouvil-o-ei com muito prazer.

O Waldemar afinou o seu bello biolão machetado e cantou este samba :

*MORENA VEM CA'*

*(Letra e muzica de Waldemar Luiz)*

Morena, vem cá, escuta

Vou te dizer um segredo

Esta vida é uma luta,  
De lutar eu tenho medo.

Não me abandones assim  
De teus olhos dai-me um lampêjo  
Morena tem pena de mim  
Satisfaz o meu desejo...

[202]

Para que pedir socorro ?  
Vamos deixar de asneira  
Sabes que por ti eu morro  
Cá no Morro da Mangueira.

Durante a execução do samba, o Waldemar por varias vezes jogou o violão para o ar e mavioso o instrumento vinha cair nos seus braços, justamente na posição de ser continuado o acompanhamento, sem se perder uma nota.

E' realmente uma coisa notavel !

Depois o Waldemar disse :

– Aquella gente do Estacio e do Cattete, anda se *gavando* que elles são os mestres do samba. E Mangueira onde fica ? Vou entrar em cima delles, com este sambinha do partido alto :

*MANGUEIRA E' ACADEMIA*

*(Samba do Partido Alto)  
(Letra e muzica de Waldemar Luiz)*

Côro

Não vale nada, meu bem  
Tetéa, não vale nada  
Tudo isso de boa escola  
Não passa de presepada.

I

Quando o Estacio era Escola  
E com o Cattete se batia  
Já no samba a Mangueira  
Era Morro Academia.

[203]

(Entra o Côro)

II

Nas escolas se aprende  
O b a bá, o soletrado  
Mas da Academia, é que sáe  
O sambista diplomado...

(Entra o Côro)

\*\*\*

## AMOR, PÃO E PÁO

**O** WALDEMAR, como viram, serve-se da sua muza brejeira para cantar o Morro da Mangueira, chegando mesmo a lançar o cartel do desafio aos sambistas do Estacio de Sá e do Cattete.

Era hora de descer e despedimo-nos de Mme. Waldemar.

Em meio do caminho indagámos do nosso «cicerone» :

– Como vivem vocês aqui no meio desta soldadesca ?

– Muito bem. São uns bellos vizinhos. Soldado que mora aqui, tem familia e se porta muito correctamente. Quando ha qualquer coisa, é lá com elles e fica entre elles.

– E este mulherigo que se vê por ahi ?

Waldemar sorriu e disse :

– Quem affirmar que no Morro da Mangueira

[204]

ha mais mulheres do que homens não mente... Como vê, ha umas casinhas pobres, mas decentes, uns barracões de madeira, umas casinhas de sapé e uns «barracos» de taboas, zinco e latas. Cada um mora

como póde e tem o maior cuidado na hygiene. Os donos dos *barracos* ou casas constróem fossas. Ha casas com agua encanada, emfim, sendo uma localidade de pobres, cada um vae se ageitando de accôrdo com as suas posses. E vae se vivendo.

– Ha muita briga aqui ?

– Perto de sete mil pessoas moram aqui. Pobre briga como quê... Mulher ás vezes briga com vontade de apanhar !

– Ha muita pancadaria ?

– Nem me fale !... Volta e meia, *o páo está comendo*. A gente corre, vae ver e é justamente um casal agarradinho, que sempre anda aos beijos e aos abraços. E' que todos seguem o lemma : – amor – pão e páo !

– E você tambem segue o mesmo lemma ?

– Ora seu Capitão, vamos mudar de assumpto ! O senhor não vê logo que eu sou empregado da Light ? Então a minha branca, a minha santa com quem casei no matrimonio pode entrar na *ripa* ?

– E o que tem Frei Thomaz com Izabel de Godoy ? O que tem você ser empregado da Light, com o resto ?

– E' que não tenho tempo de brigar... Lá em casa, é só – amôr e pão !

\*

\* \*

[205]

**A**TRAVESSAMOS a cancella e pouco adiante tomámos o automovel que ficara á nossa espera, trazendo uma excelente impressão do Morro da Mangueira.

Não se póde exigir mais daquella gente pauperrima.

Ao Governo compete proporcionar o conforto que elles como contribuintes que são, também têm direito.

Despedimo-nos de Waldemar, num apertado abraço, que bem patenteou o nosso agradecimento.

E o automovel chispou !

[206]

---

### O morro de São Carlos

---

**P**ARODIANDO o grande Julio Dantas, na *Ceia dos Cardeaes*, diremos : «Como é diferente a vida em São Carlos !»

O ambiente é muito outro, á vista do do Kerozene, seu visinho, do da Mangueira e do Salgueiro.

A *Cathedral do Samba*, que o leitor já vae conhecer atravez do amigo Octaviano, é como

vulgarmente se diz – vinho de outra pipa.

Hoje, para bem dizer, vive da fama que desfructou noutros tempos, quando os reductos dos «bambas» e dos sambistas que actualmente se apresentam como «papão» ou «treme-terra», estavam em embryões.

Naquella época, São Carlos tinha Magestade, dava cartas e jogava de mão...

Nos dias que correm, elle é um morro regenerado.

De vez em quando, porém, ha por lá uma demonstraçosinha, que bem prova evidentemente, que não se deve confundir regeneração com covardia.

\*\*\*

[207]

NADA SEM DEUS !

**A** RELIGIÃO CATHOLICA, tem no Morro de São Carlos, um numero bem consideravel de adeptos.

Podemos mesmo affirmar que em São Carlos, 65 % da sua população é catholica. Os outros 35 % dividem-se entre a religião africana e o espiritismo.

Quer isso dizer, que ali nada se faz sem Deus !

E' na sua doce fé e na esperanza da realisacão das suas promessas e dos seus beneficios, que todos

vivem naquelle morro gosando a paz do Senhor.

Nada sem Deus !

Lá no alto do morro, destaca-se a bella igreja de Santo Antonio, fundada ha muitos annos.

Aos domingos e dias de festa, o templo fica repleto de fiéis devotos que ali vão se encommendar a Deus, pedindo a absolvição dos seus peccados.

Penetrámos na nave da igreja.

Ia entrando uma missa para o altar-mór.

Ajoelhamo-nos e o Octaviano tambem.

Persignamo-nos e elle fez o mesmo.

Fizemos a nossa prece e o Octaviano fez a mesma coisa. Levantámo-nos, fizemos uma genuflexão ante a imagem de Jesus Christo.

E o Octaviano fez a mesma coisa.

Arriscamos uma pergunta :

– Você está convertido, Octaviano ?

– Não senhor. Eu respeito a sua para poder exigir que o senhor respeite a minha religião.

– Muito bem.

– E de mais a mais, que eu já lhe disse que as

[208]

duas religiões são iguaes. Nós acreditamos em Deus, adoramos Jesus Christo, Nossa Senhora da Conceição, São Jorge, São Sebastião e os senhores tambem. Portanto, não ha differença.

- Ha muita differença.
- Não ha.
- O nosso cerimonial é muito outro.
- Questão de ritual, apenas.
- Questão de ritual apenas ? Os nossos Santos não falam.
- Os nossos falam. A nossa religião é como o espiritismo. Todos os Santos que baixam se manifestam. Desde que o Ser passou pela Terra, está sujeito a manifestar-se em sessão. Logo a nossa religião é mais positiva.
- Não vejo em que. O que não resta a menor duvida é que todas as religiões se originam da bella e sublime religião catholica, apostolica romana.
- Protesto. A religião africana é a mais primitiva.
- A catholica é que se origina da noss. E eis a razão porque entro numa igreja com todo o respeito e faço o mesmo que um catholico faz.
- Então concorda, que nada se fará sem Deus !
- Sim, concordo – nada sem Deus !
- Sahimos da igreja.
- Iamos descendo o morro, quando por nós passou o padre que celebrará a missa.
- Comprimentamol-o respeitosamente.
- O Octaviano, depois que o padre passou e tomou distancia, objectou :
- Os padres deviam ser casados.

– Porque, Octaviano ?

[209]

– Ainda pergunta ? Os padres deviam ser casados, para dar o exemplo de bom chefe de familia e respeitarem melhor as sacristias e os confissionarios das egrejas...

\*\*\*

## VIDA NOVA

**N**UNCA é tarde, para que se dê a vida uma nova directriz, relegando um passado pouco recommendavel.

Foi o que fizeram os «cathedraticos» do Morro de São Carlos.

Não renegando a «Escola do Samba», cultivando-a incentivando-a sempre e cada vez mais, elles apenas foram dando o *bilhete azul* a certos elementos julgados incompativeis com a nova vida que o progresso impoz áquella cidade alta da zona Norte e que fica «vis-a-vis» com a de Santa Thereza.

Foi do Morro de São Carlos que desceu a gyria :  
«*Quem é bom não se mistura*».

E começou então o expurgo.

Aquelles vultos facinorosos, foram desertando, porque os que se encarregaram do saneamento do

morro, tomaram a si incumbencia de um policiamento severo, rigorosissimo, entregando á Justiça os que excediam ou não queriam seguir o bom caminho.

De vez em quando surge um «sururú» feio, mas, não tem aquella gravidade nem aquella successão de outros tempos.

[210]

\*\*\*

## O NOSSO CICERONE

**Q**UANDO nos decidimos a galgar o Morro de São Carlos, tivemos o cuidado de tomar um cicerone.

Para isso escolhemos o Octaviano.

E' um veterano. Conhecedor profundo dos segredos daquelle reducto onde outr'ora *foram rasgadas muitas cartas de valentes* e onde outras foram selladas com o sangue de verdadeiros heróes.

Hoje fóra da lucta, o Morro de São Carlos vive apenas da sua tradição, da sua fama como ponto de concentração dos «cathedraticos» que constituem a tão falada e afamadissima *Escola de Samba do Estacio de Sá*.

Nada de valentia, mas, quando é preciso, o *páo come gente*, porque elles não deixam confundir a calma com a covardia.

E quanto a este ponto o Octaviano assim se manifestou :

– Se acaso, por força das circunstancias, a gente é obrigado e tomar uma attitude energica e mostrar que é homem, é um «caso sério», porque ahi cada um mostra as suas habilitações e então vamos ver *tatú p'ra que cáva*, porque na *hora do páo baixar*; *o santo arria e... «Changô» meu pae... Caôp, Cabeacy ! O'ia eu !...*

O Octaviano pronunciou estas palavras levando as mãos á cabeça e fazendo uma especie de meia lua. Depois nos disse :

[211]

– O senhor desculpe. Isto é da lei de Santo !

– Lei de Santo ? Que lei é esta ?

– É da religião africana, que o senhor não entende, mas, que quando entender não quererá saber da outra pela sua sublimidade, pureza e nada de hypocrisias.

\*\*\*

#### RECORDAÇÕES DO PASSADO

**E**RA tal a convicção com que o homem nos falava, que não era licito não tomal-o á serio.

Preferimos entrar num café na rua Frei Caneca :

– Octaviano, amigo, estás muito exaltado com as tuas convicções. Vamos tomar um chá com torradas de Petropolis, porque o chá é calmante.

– Não me passo p'ra chá... Vou mesmo tomar *uma lambada*, para fazer *subir a moral*. E dirigindo-se ao caixeiro no balcão, ordenou :

– Bote ahi uma «bryonia».

O caixeiro interrogou-o :

– Simples, Octaviano ?

– Com fernet...

– Quanto, chega ?

– *Sapéca* «trezentão» !

E o Octaviano virou o copo com um «*galão de capitão*», sem fazer a menor careta.

Depois começou :

– Neste botequim, que antigamente era muito *rambles*, fiz muita farra como Eduardo das Neves.

[212]

Depois subiamos o morro e o rouxinol ia abrindo o bico e era só abrir janellas e apparecerem cabeças do lado de fóra, para ouvir o grande trovador. Naquelle tempo, tinhamos o *Mario Cavaquinho*, o Galdinho que nem sonhava ser investigador – trabalhava nas Capatazias da Alfandega, com o velho Reis que era o administrador e foi depois substituido pelo General Laurentino Pinto.

E a gente ia subindo, ia subindo e quando chegava lá em cima, batia-se na porta de um camarada do «cordão» e começava o samba, porque a gente ia subindo e recrutando as nêgas que iam aderindo ! Que bellos tempos !

– Recordações do passado !

\*\*\*

## O ESTRO DO OCTAVIANO

**N**O Morro de São Carlos, a vida é muito diferente.

O Octaviano assim explicou, bancando o garoto que Calixto idealizou :

– Não confunda o Morro de São Carlos, com os demais que por ahí existem e onde se faz questão de ser «bamba», de ser «escolado» e outras coisas mais. Nós queremos ser e não parecer. Em tudo somos diferentes.

– E no samba ?

– São Carlos ! Ahi elles têm que respeitar a Academia mais antiga e da qual fazem parte os «cathedricos» da «Escola do Estacio». Para aquelles

[213]

que têm o samba como religião, São Carlos é a «Cathedral». Até mesmo quando no samba nos dirigimos a mulher que nos despreza, é sem ameaçar-a

de espancamento ou morte. Ha por ahi, morro acima, uma garota de quem eu gosto.

– E ella ?

– Está se fazendo de boa, é toda emproada, mas, no dia em que nos encontrarmos na roda do samba, eu sei que ella vae perder a scisma.

– E porque ella não gosta de ti ?

– Eu sei lá... diz que eu sou «vassoura» ! Mas, tambem, já sapequei-lhe um samba. Quer ouvir ?

– Escute só :

### DEIXA DE SER EMPROADA

*(Samba-Chulado)*

*Musica e letra de J. Octaviano*

#### Côro

Não me troco por ti mulher

Deixa de ser emproada

Hei de amar a quem quizer

Na roda da batucada

#### I

Eu bem sei que não me queres

Andas commigo enfezada

Mas, são assim as mulheres :

Valem muito ou valem nada.

[214]

## II

Não te faço pé de alferes  
Pódes ficar enciumada  
Serei teu, se tu quizeres  
Ser por mim enrabichada.

## III

C'oa minha meza sem talher  
Minha calça enxovalhada,  
Não me troco por ti mulher,  
Deixa de ser emproada.

– Bravos ! E' um bello samba !

– Ah !... meu Chefe, sou um homem infeliz nos  
amores. Ha ahi, tambem, uma morena, que, mal  
comparando – é uma santa !

– E esta gosta de você ?

– Qual o quê ! Tambem zomba. Por esta eu juro  
que tenho «paixa» !

– E não dedicou um samba a esta morena que  
está canonisada no seu coração ?

– Si dediquei!... Mas, nós os poetas, não temos  
sorte nos amores ! Não vio Castro Alves, Casemiro de

Abreu e outros ?

- As mulheres gostam de poesias.
- Mas, gostam muito mais da *grana*. Quer ouvir o samba que eu fiz a esta morena ?
- Com muito prazer ouvirei.
- Então, lá vae :

[215]

GOSTO DE TI MORENA!

*(Samba do Partido Alto)*

*Letra e muzica de J. Octaviano*

I

Gosto de ti ó morena  
Só porque tu és dengosa  
Mas, tu de mim não tens pena  
O' morena orgulhosa !

Côro

Morena, minha morena  
Tu de mim não tens pena.

II

Um sorriso teu vale ouro  
Um beijo vale platina  
Morena és um thesouro  
Morena tu és uma mina !

Côro

Se Deus te fez assim  
Morena, não és p'ra mim

## III

Teus olhos são dois brilhantes  
Que matam, seduzem a gente  
Os teus dentes são diamantes  
Morena, dae-me só um dente...

## Côro

Morena, morena de ouro  
Tu vales bem um thesouro.

- Gostou, seu *Vagalume* !
- Que sambinha molle !

[216]

– E' do partido alto ; a toada é boa e agrada sempre.

– E você conversa com a morena ?

– Converso, mas, a «tentaçãõ» desconversa e vae logo dizendo : «Seu» Octaviano, «seu» Octaviano, vamos «deixá» disso... Mais amôr e «menas» confiança.

– Então está direito.

– Direito, como ?

– Pois não é mais amor, que você quer !

– Mas, o senhor já vio amor sem confiança ?

– Octaviano, você só faz samba, ás mulheres por

quem se apaixona ?

Elle sorrio e objectou :

– Não senhor. Eu tambem bulo com estes cabras sem vergonha, para encorajal-os na roda do samba. Estou agora fazendo um samba dedicado a um «bamba» do Morro da Mangueira, com este estribilho :

Você diz que é «bamba»  
Mas eu sou da corôa  
Vamos p'ra roda do samba  
Que o samba é coisa bôa.

– E o resto ?

– O resto está se fazendo. As minhas obras, não são feitas de afogadilho...

\* \*

[217]

#### A VISITA DO PROGRESSO

**E'** muito differente, o que se observa no Morro de São Carlos, com relação aos outros. Casas boas, bem construidas ; sobrados e «bungalows», vão se levantando aqui, ali e acolá.

E' a visita do progresso que já se faz sentir.

O Morro de São Carlos, tem hoje a defender os

seus legitimos interesses o Centro Politico Republicano Melhoramentos do Morro de São Carlos e do qual fazem parte pessoas de grande representação social.

Todos os predios são numerados e contribuem para a Prefeitura e o Thesouro com o Imposto Predial e a Pena d'Agua.

As casas commerciaes estão devidamente licenciadas e os negociantes contribuem com o Imposto de Industria e Profissão.

Ha um calçamento a macadam, o qual será em breve substituido por outro a paralelepipedos, nas subidas, passando o macadam para parte mais alta.

O Morro de São Carlos, mereceu ha dias a visita honrosa do Sr. Dr. Pedro Ernesto, dignissimo e honrado Governador da Cidade, que verificou que tudo quanto se tem feito ali, é unicamente devido a iniciativa particular.

S. Ex. prometteu mandar fazer melhoramentos inadiaveis, levando em conta o gráo de progresso do Morro, tão abandonado dos poderes publicos.

De ha uns 30 annos para cá, que os respectivos moradores vêm luctando para transformal-o, como

[218]

aliás transformaram, fazendo de um reducto mal recommendado, uma localidade familiar, calma e pacifica.

O Morro de São Carlos, vive da sua tradição, do seu passado agitadíssimo, como quem dorme sobre os louros colhidos em famosas campanhas que custaram muitas vidas e muito sangue.

O de hoje comparado com o de hontem, representa o leão adormecido.

\*\*\*

#### EM PLENO CANDOMBLE'

**O** CANDOMBLE', tem no Morro de São Carlos um numero bem regular de adeptos.

São aquelles que adoptam a religião africana, com grande e extremado devotamento.

O Octaviano assim nos falou :

– Este negocio de religião, meu chefe, cada um toma a que gosta.

– Eu gosto da catholica, apostolica romana.

– Eu gosto da religião africana, que como o senhor sabe, é de onde se origina a catholica. E' a mesma coisa.

– Sendo a mesma coisa, porque motivo você não adopta a nossa religião ?

– Por causa dos padres.

– Por causa dos padres ?

– Não os tolero.

– Porque ?

[219]

– Porque elles são os maiores peccadores e constantemente inflingem a Lei de Deus.

– Não diga semelhante coisa.

– Sim, senhor, inflingem até o 9.º Mandamento.

Quer que aponte nomes ? Quer que conte o caso de um Vigario do Engenho Novo, que foi obrigado a casar ? Quer saber ainda daquelle Conego e a afilhada ?

– Você sabe de coisas !...

– E depois essa historia de não se poder baptisar um filho na Igreja que bem se entender, numa escandalosa protecção aos vigarios, tem desgostado muito. Um compadre meu fez uma promessa. A comadre ficou muito ruim de parto e elle fez um promessa – se ella escapasse, baptisaria a criança na Igreja de S. Jorge e S. Gonçalo Garcia. Pois bem, operou-se o milagre.

– E naturalmente, como bom catholico o homem cumpriu a promessa.

– Não senhor.

– Oh ! Não é um bom catholico.

– Porque ?

– Porque depois de realisado o milagre, com a Graça de Deus, elle estava na obrigação de cumprir a promessa.

– Mas, escute : ainda não cumpriu porque o

Vigario Geral só admite baptisado nas egrejas matrizes, para gaudio dos vigarios...

– Mas ahi é uma ordem do Vigario Geral.

– Mas, pergunto eu : Christo foi baptisado em alguma matriz ? Então as outras egrejas, não são tambem casas de Deus, não professam a mesma re-

[220]

ligião, com o mesmo ritual, com a mesma fé e a mesma disciplina da religião catholica, apostolica romana ? Pode o Vigario Geral, por uma simples ordem sua impedir que se faça uma criança christã ?

– Creio que não.

– Pois bem, esta criança a que me refiro está hoje sem baptismo e não se baptisará, sem ser na Igreja de São Jorge e São Gonçalo Garcia.

– E' um erro, é um peccado deixar a criança sem baptismo.

– Ahi o erro ou o peccado não é do pae da criança, que, como bom catholico quer pagar uma promessa.

– Tambem não é do Papa, nem do Cardeal, nem do Nuncio.

– De quem é então?

– E' do Vigario Geral, que pensa que estamos nos sertões de Alagôas...

– E na sua religião africana, ha baptismo ?

– Não ha baptismo. Os nossos filhos vão á pia baptismal, no preceito da religião catholica.

– Logo...

– E' o que eu lhe disse. As religiões são iguaes e a africana é a mais antiga e tanto assim que os Santos são os mesmos. A questão é de differença de lingua. Os senhores, dizem em portuguez, francez, inglez ou allemão e nós dizemos em africano.

Vejamos em portuguez

Nossa Senhora da Conceição	–	Ochum
Senhor do Bomfim	–	Ochalá

[221]

Santa Barbara	–	Inhançã
São Sebastião	–	Ochossi
São Jorge	–	Ogum
Santa Anna	–	Nanã
O Diabo	–	Exú.

Os nossos *candomblés* representam as mesmas solemnidades que se fazem nas igrejas. Elles cantam e nós cantamos e dansamos. Os padres proferem o perdão, depois de haverem peccado e o nosso perdão é proferido pelo proprio «Santo» um vez arriado sobre o *cavallo*. Lá são os padres, que no meio de um beatismo revoltante, cobrando todos os actos : missa, baptismo, casamento e até a extrema uncção que vão levar os

catholicos, apostolico, romano na hora da morte. Quem não tiver dinheiro para pagar ao Padre não obterá a ultima absolvição, morrerá sem ouvir o *De Profundis*. Na nossa religião, na africana, o senhor paga as cerimoniaes que mandar celebrar, quando quizer e quando puder. O que nós não temos, é um Vigario Geral que prohiba, que se faça um christão na igreja onde se fez uma promessa, como se todas as igrejas não se regessem por um só, por um unico Codigo, por um unico Direito Canonico.

\*\*\*

NADA DE «BAMBAS»

**QUEM** visita o Morro de São Carlos, nota uma coisa : conversa-se sobre tudo – menos sobre valentia ou «bambas».

[222]

Quem ali vive se dedica ao trabalho honesto.

Operarios de differentes misteres, homens das diversas especialidades da estiva, todos se dedicam a um serviço qualquer, de onde grangeiam o necessario para o sustento da familia honrada.

Todos ali operam e cooperam para o engrandecimento do Districto Federal.

Brasileiros e portugueses vivem na mais perfeita communhão de vistas, como naquelle outro pedaço de morro denominado «Portugal Pequeno», onde sómente o trabalho é a unica preocupação geral.

Ha uma grande differença dos portugueses que se acham installados no Morro de São Carlos, daquelles que exploram o Morro do Kerozene.

Estes são verdadeiros indesejaveis e aquelles são os precusores do progresso da grande cidade alta que abriga a gente do samba.

Já se foi o tempo em que o principal attestado de um morador do Morro de São Carlos era ser valente e ter varias entradas na cadeia. Hoje não se quer saber de «bambas» – briga-se, quando esgotados todos os meios pacificos para resolver uma contenda. Quando apparece um valentão, dizem logo :

– Isto é *páo mandado*... Sáe Exú !

Mas, se o camarada insiste mesmo, *entra nas comidas* e vae dar um passeio de auto-ambulancia, até o Posto Central de Assistencia...

\*

\* \*

[223]

OS CATHEDRATICOS DO SAMBA

**J**A vimos, que no Morro de São Carlos, só se faz questão de trabalhar e conservar o samba com a sua toada e o seu rythmo.

Vinhamos descendo o morro, quando o Octaviano nos disse :

– Se o senhor tiver de escrever qualquer coisa do nosso morro, diga que elle é o dos cathedrauticos do samba ! Os sambistas destes outros morros, fazem coisas novas, mas, quando chegam aqui se esbarram.

Eles contam valentias nas suas producções e nós mettemos a *sciencia* em cima delles. Olhe só este sambinha :

TEMPO DA COROA  
(*Samba do Partido Alto*)  
*Letra e muzica de J. Octaviano*

Côro  
Você diz que é bamba  
Vamos p'ra roda do Samba

I  
Você diz que é bamba  
Mas, eu sou da corôa  
Vamos p'ra roda do Samba  
Que o Samba é coisa bôa.

II  
O Samba não tem idade

E'de toda a gente boa  
Sambista de qualidade  
E' do tempo da corôa.

[224]

III

Samba corrido é bahiano  
Mas, o chulado é cariôca  
Poeta no samba é profano  
Só sabe fazer potóca.

IV

Cá de São Carlos, o Samba  
Sempre deu prazer profundo  
Põe gente de perna bamba  
E' a coisa melhor do mundo.

– Este samba é bom ; mas, escute uma coisa : é só você quem faz sambas aqui no morro ?

– Não. Quer ouvir um sambinha moderno de um amigo meu ?

– Quero.

– Então lá vae :

TIRANDO UM FIAPO  
(*Samba-Molle*)

*Letra de A. L. T.*

Dondoca, diga o que quizer  
Vou tirando o meu fiapo  
Tem paciência – ó mulher  
Não sirvo de guardanapo

Eu ando assim rasteiro  
Imitando na vida o sapo  
Mas sou cabra matreiro  
Vou tirando o meu fiapo...

[225]

Eu não vou neste arrastão  
Nem tu me fazes de trapo  
Não sirvo para teu limão  
Vou tirando o meu fiapo...

– Não resta a menor dúvida, que no Morro de São Carlos, respeitam a toada do samba.

– E será sempre respeitada.

– Mas, fóra do samba – como é que você mais aprecia o morro ?

– Como uma velha recordação de um passado feliz e glorioso. Como o lugar mais encantador da cidade carioca.

– Mais encantador ?

– Mais encantador e mais poético – aqui tenho

enterrado o umbigo. Eu nasci no Morro de São Carlos e só peço para elle e seus habitantes, por aquelles que fizeram qualquer coisa para engrandecel-o – as Graças de Deus !

[226]

---

## Morro do Salgueiro

---

**A**QUELLE mastondonte, que se divulga cá de baixo, e, em cujo dorso em desalinho, destacam-se uns casebres, uns pardieiros e uns cochichólos – é o Morro do Salgueiro ! O «bamba» dos «bambas», a Academia do Samba, o Inferno de Dante e ao mesmo tempo um Céu aberto !

Valentões em outras zonas, ali são *mofinos* !

No Salgueiro não ha *leader*, e, na hora da *onça beber agua*, cada um cuida de si, sabendo perfeitamente que ha, no Codigo Penal, a derimente da legitima defeza, para contra-pôr ao Artigo 294 e seus paragraphos...

\*\*\*

**A** GENTE do Salgueiro, é consciente da sua valentia, sabe do seu grande valor na *roda do samba* e por isso mesmo não entrega os pontos...

Ao contrario, quando a calma vae dominando o ambiente, desce lá do alto do afamado e respeitado Salgueiro, um samba desta ordem :

[227]

CAFE' PEQUENO

*(Samba do Partido Alto)*

Mangueira já te conheço  
Eu não vou neste arrastão.  
Eu não te ligo apreço...  
Não vales nem um bofetão !

Não vales nada, para nada,  
Com toda a tua gente bamba.  
Salgueiro – é rei na batucada  
E tambem na roda do samba !

Kerozene e Mangueira,  
São dois frascos de veneno  
Cáem, numa só rasteira  
São p'ra nós Café Pequeno...

Por este panno de amostra, vê-se logo que, o pessoal se garante, porque para se dirigir deste modo ao Morro da Mangueira, realmente, é preciso ter um pouco

de *appetite* para aguentar com o resultado de uma luta que poderá durar annos e annos, porque – duro com duro, não faz bom muro...

Segundo a estatística policial, a gente do Salgueiro é mais irriquiéta, tem mesmo o sangue na guelra e a mão mais pesada...

\*\*\*

[228]

## NAS FÁLDAS DO SALGUEIRO

**D**ENTRE os outros morros afamados, onde reside a pobreza, o do Salgueiro, pelo se passado, occupa um lugar de destaque.

O Morro do Salgueiro, tem nas suas fâldas o Hospital Evangelico.

Um dos mais acreditados hospitaes da nossa cidade e onde por algum tempo exerceu a sua nobre profissão o grande cientista Professor Francisco de Castro Araujo, um dos luzeiros, uma das maiores glorias da Medicina Universal e justo orgulho dos brasileiros !

Mais adeante, fica o Asylo Bom Pastor.

Aquelle santuario, onde se procura desviar do máo caminho, áquellas que tentam enveredar pela estrada do erro, da deshonra e do peccado.

Aquella casa Santa, onde virtuosas Irmãs de Caridade, dignas filhas de Deus, discipulas de Jesus, são as Pastoras do Bem e conduzem as peccadoras á Salvação da Alma pelo arrependimento do passado e pratica de boas acções no presente e no futuro, para, deste modo, obterem a absolvição do Senhor e o ingresso no Reino do Céu.

Pois, na fálida do Morro do Salgueiro, ficam dois grandes estabelecimentos destinados a pratica do Bem, mas, antagonistas em materia religiosa.

O Hospital Evangelico – protestante vermelho e o Asylo Bom Pastor, extremadamente, profundamente, catholico, apostolico, romano.

E o povo que habita o morro, o que será ?  
Na sua maioria adopta a religião africana.

[229]

E' o «candomblé» em acção...

\*\*\*

**H**A' *candomblés* que tomam um caracter festivo e assim nos disse «seu» *Xande*, que o leitor adeante conhecerá :

– Os *candomblés* que realizamos aqui, são de caracter festivo : é um qualquer que recebeu um beneficio e trata logo de *fazer a obrigação*, pagando o

que prometeu ao Santo de sua devoção. E' o mesmo que se faz nas egrejas. Lá promettem missas e velas e elles aqui offerecem um *amalá* ou dão *comida á cabeça*, que são festas magnificas e animadissimas, como tambem, aquelles em que um *filho de Santo*, *paga uma multa* por qualquer falta cometida. São festas imponentes, onde se come, bebe e dança, no meio da maior alegria e do maior enthusiasmo, sem comtudo esquecer a religião. Quer ouvir um samba que se canta sempre em taes feitas aqui no morro ? Escute só :

Estrilho :

Sapateia ó mulata bamba !  
Sapateia em cima do salto.  
Mostra que és filha do samba,  
Do samba do partido alto.

I

O samba tem a sua escola,  
E a sua academia tambem.  
Como dança, é uma *boa bola*  
Nós sabemos o gosto que tem.

[230]

II

Você seja de que *linha* fôr  
Que eu prefiro a de *Umbanda*

Quando no samba vejo meu amor,  
Sapéco logo uma *boa banda*...

## III

Caô, caô ! Caô, caô ! Caó, Cabeacy !  
Eu tenho o corpo fechado !  
Lamento o tempo que perdi,  
Andando no mundo, errado !

## IV

Minha gente vamos *saravá*  
Áquelle que nos dá a sorte ;  
Elle por nós sempre velará,  
– Na vida e depois da morte !

Ahi todos repetem, mas, sem ninguem dansar :

«Minha gente vamos *saravá*  
Áquelle que nos dá a sorte ;  
Elle por nós sempre velará,  
– Na vida e depois da morte !»

Caô ! Cabeacy ! O'ia eu !...

Isto é feito numa respeitosa genuflexão, e, em seguida, a alegria volta a dominar, porque entra o estribilho :

Sapateia ó mulata bamba !

Sapateia em cima do salto.  
Mostra que és filha do samba,  
Do samba do partido alto.

[231]

- Mas, quasi sempre estes sambas ou *candomblés* festivos acabam em *rôlo* feio.
- Isso não tem importancia... Mesmo porque, nós temos aqui um visinho perigoso !
- E' bamba ?
- O que ? E' mais do que bamba. *E' troço p'ra burro !...*
- Quem é elle ?
- E' o investigador Macario. Conhece isto aqui em cima, como a palma da mão e depois...
- E depois o que ?
- Não é *pêco* e tem o *corpo fechado* e os *caminhos* para elle *estão sempre abertos*, porque além de tudo, o *Santo delle é bom e forte* ! Com elle, quem metter o *pé para dentro, se estrepa todinho* !

\*\*\*

#### O MAIOR «BAMBA» DO MORRO

**N**ÃO se poderá negar, que o Salgueiro, seja o Morro dos *bambas*.

Mas, como não ha Exercito sem General, quem será o *bamba dos bambas*, daquella grande praça de guerra ?

Um soldado do Exercito ?

Um marinheiro ?

Um Fuzileiro Naval ?

Um soldado de policia ?

Um estivador ?

Um operario qualquer ?

[232]

Um empregado no Commercio ?

Um funcionario publico ?

Não. Nada disto.

Querem saber quem é ?

– O Dr. José do Carmo Moreira Machado !

Aquelle famoso supplente de delegado em exercicio no 11.º districto e que se fez guarda-costa do *dono* de uma companhia de navegação e de quem abiscoitou a casa em que reside, na subida do Salgueiro !

Depois tornou-se *persona-grata* do Presidente Arthur Bernardes e fez coisas do *arco da velha*, até a apotheose final, que foi o Caso Niemeyer, em que o Dr. Francisco Chagas, entrou como Pilatos no Credo.

Dono da melhor casa da redondeza, mandando numa Companhia de Navegação, mandando mais que o

Chefe de Policia, dominando o Presidente da Republica, catechizando o *Arthurzinho*, preparando manifestações de todas as autoridades que tinha a faca, o queijo e o Thesouro na mão, por força que o Sr. Moreira Machado, tinha que ser o maior *bamba*, do Morro do Salgueiro...

\*\*\*

COMO os leitores já tiveram ocasião de verificar, os morros são habitados por *gente escolada*...

O mais tolinho, concerta relogios debaixo d'agua, com o cotovello e olhos fechados...

No alto do Salgueiro, em 1922, morava um

[233]

creoulo alto, corpolento, typo de atleta. Era casado com uma creoula, que, em complexão, nada lhe ficava a dever.

Um casal alegre e feliz.

Elle, estivador, tudo quanto apurava em dinheiro ou material, trazia para á esposa que era o seu idolo.

Maiores cuidados ella lhe merecia, por estar em estado interessante.

Afinal, chegou o dia da «delivrance» e elle poz á cabeceira da esposa, uma «curiosa» que todos chamava a «*parteira do morro*».

Depois de uma grande lucta incessante, durante 72 horas, a parteira declarou, afinal, que só mesmo chamando um medico !

O homem, fôra de si, correu á casa do Dr. Castro Araujo, que no momento ia sahindo para o theatro, em companhia de sua excellentissima esposa.

Quando iam tomar o automovel, aquelle homem mal encarado chegou-lhe á frente, de chapéo na mão, voz summada, quasi embargada pelo pranto e rogou :

– Seu doutor, pelo amor de Deus, vá soccorrer minha mulher !

Surprezo, o Dr. Castro Araujo perguntou :

– O que tem a sua mulher ?

– Ha tres dias que está com uma parteira á cabeceira e só agora ella declarou que nada mais poderia fazer e que só um medico !

O Dr. Castro Araujo encarou-o, penalizado, mas, disse :

[234]

– Você chegou em má hora, como vê, vou sahir com minha senhora.

Mme. Castro Araujo dominada pelos sentimentos do seu bondoso coração, perfeitamente iguaes ao do seu digno esposo, atalhou :

– «Chiquito», iremos ao theatro outro dia. Vá soccorrer a pobre senhora !

E voltou para a sala, tirando immediatamente o chapéu.

O Dr. Castro Araujo indagou :

– Onde Mora?

– No Morro do Salgueiro.

– E quem tomará conta do meu automovel ?

– Eu arranjo pessoa de confiança.

O grande e humanitario cirurgião, pegou da «valise», assumiu a direcção do carro, com o homem ao lado e rumou para o Salgueiro.

O automovel ficou muito bem guardado.

Chegando á casa da parturiente, viu logo que se tratava de um caso gravissimo e de acção immediata.

Mandou chamar os internos e as enfermeiras no Hospital Evangelico e procedeu a uma operação Cezariana !

No dia immediato a parturiente estava em excellente estado e sem uma pontinha de febre e o recém-nascido, um latagão, tambem optimamente disposto e as voltas com a chupêta !

Ao setimo dia, quando o Dr. Castro Araujo deu alta, o creoulo muito commovido, fez um appello :

– Agora, seu doutor, o senhor que deu vida a minha mulher e salvou meu filho, complete a sua

[235]

obra – o senhor e sua esposa façam meu filho christão !

O convite foi aceito.

E o Dr. Castro Araujo, relatando o caso aos intimos, dizia :

– Vocês devem concordar, que não me ficará bem, cobrar a meu compadre, um parto de minha comadre e do nascimento de meu afillhado...

Creoulo «escolado» !

\*\*\*

#### AMAR E MORRER

**C**OMO em toda a parte, o amôr no Morro do Salgueiro é um caso sério !

Ha paixões violentas, que chegam ás raias da tragedia.

De vez em quando, a zona é alarmada com o encontro sangrento de dois rivaes que se pegam num duelo de morte.

Os dramas passionaes, têm o mesmo enredo sempre : um amante trahido, que deu a vida em troca de um amôr mal correspondido.

Outras vezes, um namorado infeliz, vê desfeitos os seus sonhos, as suas fantasias de moço e não tendo coragem para resistir ao golpe que sangra o seu coração, resolve desertar da vida.

As travessuras de Cupido, produzem no Morro do Salgueiro, os mesmos effeitos terriveis que na zona

«chic», reclamando urgentemente os socorros

[236]

da Assistencia Municipal, com bilhete para o Prompto Socorro e ás vezes guia para o Necroterio.

O amor não tem limites nem conhece alta nem baixa sociedade.

Amar e morrer, tanto é dos bairros aristocraticos como dos morros.

No Morro do Salgueiro, porém, um caso de traição, um adulterio, é lavado com sangue, porque, é voz geral – que o pobre tem de mais precioso é a honra do lar !

Tudo se perdôa no Salgueiro, menos a infração do 9.º Mandamento da Lei de Deus.

E' um caso sério – amar, matar e morrer !

\*\*\*

DO SAMBA AO SURURU'...

**N**AS regiões do Salgueiro, poderá faltar tudo – menos um sambinha molle todas as noites e um *candomblé*, ás segundas e sextas-feiras.

Quando não é aqui, é ali ou acolá.

Na maior das «Academias», brinca-se todos os dias.

Rima e é verdade...

Coisas condenadas lá, ao arquivo das velharias, estão aparecendo agora gravadas para discos de victrolas, como novidades de consagrados autores de produções alheias...

Não queremos com isto dizer que tudo quanto o *Chico Viola* grava, seja do Morro do Salgueiro.

[237]

Não. Ha muita coisa dos Morros de São Carlos e da Mangueira...

A's vezes, armam um samba, por acaso :

O homem da harmonica, passa com o seu instrumento e pára aqui, pára mais adeante, dá dois dedos de prosa e lá vem uma duvida por causa de uma muzica.

Elle tira um accórde e enfia o samba de teima.

Comer e cossar, a questão é começar.

Ao tocar o terceiro samba, está formada a roda.

Apparece logo uma garrafa de paraty e ás paginas tantas um café com pão.

Se ha algum convidado *mais atrasado*, dá um pulinho na cosinha, arranja com a dona da casa um prato de «boia» e vae *cuidar da vida* no quintal, para não chamar a atenção, porque o que sobrou do jantar, é o almoço do dia seguinte...

O Samba, é um amigo e correligionario do

«Sururú».

Onde um estiver, o outro está presente...

Não raro, no meio do samba, ha a explosão do ciúme e neste caso a bala abala a roda e quasi sempre, quem paga o pato, é o Guarda Nocturno que acudindo ao local, é obrigado a fazer uma retirada estrategica...

\* \*

OUVINDO UM «BAMBA»

**E**SCOLHEMOS as primeiras horas da manhã para subir ao Salgueiro.

O diabo não é tão feio como pintam-no.

[238]

O que dizem cá por baixo, não é positivamente o que se verifica lá em cima.

Meia hora de convívio com aquella gente, basta para se modificar qualquer juízo temerario previamente feito.

E, ao contrario, o visitante sente-se bem e até passa horas alegres, ouvindo o phraseado de um pernostico, os accódes de um tocador de violão, o floreado de uma harmonica ou um samba choroso de um «academico» do Salgueiro !

Mas, para gosar de tudo isto, é preciso fazer

como fazem os turistas, arranjar um *cicerone*.

Foi o que nós fizemos.

Pelo seguro, escolhemos um «bamba», com quem combinámos encontro na praça Sanz Peña.

O que de importante notámos na subida, já descrevemos acima.

A primeira observação que nos fez o «cicerone», apesar de «bamba», foi que não revelássemos o seu nome.

– Receia de alguma coisa ?

– Não receio, mas, póde o senhor dar qualquer nota que não agrade a um ou a outro e não vale a pena a gente se incomodar ou se aborrecer com um camarada ou perder um amigo, quando se póde evitar.

Eu lhe acompanho, é mais para que fique crente de que o Salgueiro, lá em cima, não é o que dizem cá em baixo.

Assumido o compromisso de occultar o nome, demos inicio á tarefa.

[239]

A impressão é bem differente do Morro do Kerozene, que fica muito distanciado.

No Salgueiro, ha casas propriamente ditas : construidas de tijolos, de telha e com todos os requisitos hygienicos.

Ha armazens e botequins, como nos Morros da

Mangueira e São Carlos.

Pagam impostos e existem ruas abertas e casas numeradas.

No meio de tudo e em maior quantidade, muito maior, surgem os chamados «*barracos*».

Elles são iguaes em toda a parte.

No Kerozene, porém, é preciso pôr tudo aquillo abaixo como medida urgentissima de hygiene.

Mas, no Salgueiro, é preciso apenas – um pouco mais de saneamento, o que compete ao Governo.

Já que não se resolve o problema de pequenas habitações para os pobres, para os trabalhadores, que ao menos o Governo facilitasse que elles fizessem os seus barracões de madeira, sobre alicerces solidos, de modo que fossem pouco á pouco melhorando a sua habitação.

Sobre taes barracões poderia ser lançado um imposto, que representasse uma prestação suave, afim de que o inquilino, não sendo funcionario publico, pudesse deste modo, saldar a sua divida com o Estado.

O maior desejo do pobre, é morar no que é seu.

Oxalá, sejam estas linhas lidas pelos altos poderes, porque afinal, representam um caso a estudar e, talvez, a solução de um grande problema, na sociedade moderna que, a Republica Nova implan-

[240]

tou, para que tenhamos um Brasil maior e melhor !

Eis a nossa primeira observação.

\*

### SABER VIVER E' TUDO !

**P**ELO trajecto, fomos parando aqui e ali, porque *seu Xande* («seu Xande», é o nosso cicerone) é popularíssimo no morro, onde reside ha 18 annos.

Ha 7 annos, está desempregado e vive folgadoamente...

E' bom no violão e tem boa voz. Desfiando um baralho, é um «principe» *na valsa*...

No *monte*, é de uma destreza pouco vulgar :

Dá dois galhos, *tripa*, *escolha* e «mata», enquanto o diabo esfrega um olho...

A amante, é cozinheira na casa de um ricaço na rua Conde de Bomfim e quando ás 20 horas regressa, banca a *formiga carregadeira* : – traz para o seu homem, o jantar de hoje e o almoço para amanhã...

Com o dinheiro do aluguel (80\$000 mensaes) ella paga 50\$000 de casa e dá 10\$ a *seu Xande*, se se falar em 2\$000 ou 3\$000 diarios para cigarro e coirana, que ella mata no dinheiro das compras...

Um homem em taes condições precisa trabalhar ?

Quem nos via com elle, pensava que eramos uma *pacca* ou um *otario* que ia ser *comido* no jogo...

Eis porque a todo instante interpelavam-no :

[241]

- Ha «função» hoje ?
- Temos «brinquedo» ?
- Ha «movimento» ?
- Onde é a «assembléa» ?

E elle respondia risonho :

– Por enquanto *néris*... Se houver eu tóco reunir.

«Seu» *Xande* então nos explicou :

– Estão *comendo mosca*, pensando que o senhor é jogador. Eu tapeio elles... Saber viver é tudo !

\*\*\*

#### O NINHO DO SAMBA

**A** GENTE do Salgueiro é excessivamente divertida e convencida do valor do seu morro, na *roda do samba*.

Quasi que de casa em casa, se ouvia um samba.

E nós paravamos para ouvir a toada.

*Seu Xande* nos disse :

– Isto aqui, é todo o dia e a toda hora. O Salgueiro, é o ninho do samba.

Neste momento ouvimos um sambinha com este estribilho :

Se todo mundo faz samba  
Vou também fazer o meu  
Que venha um cabra bamba  
Só para ver quem sou eu.

[242]

Como se vê o desafio estava lançado.  
Mais adiante ouvimos este samba do partido  
alto :

Minha nêga bonita e cheirosa  
Te desmancha nesta batucada  
E's do Salgueiro a mais dengosa  
Perto de ti, ninguém vale nada.

E' o verdadeiro hymno á «nêga» do Morro do  
Salgueiro.

Agora, temos este outro, em que se prova o  
orgulho e se patenteia a convicção daquela gente no  
meio do samba :

O Kerozene é adjunto  
E Mangueira é professor  
Mas deante do conjuncto  
O Salgueiro é «seu» doutor.

São Carlos é competente  
A Favella só tem cestro  
Mas na roda desta gente  
Salgueiro é «seu» maestro.

Parece que aquella gente não tem outra preocupação, sinão fazer samba e mexer com os outros...

\*\*\*

[243]

AMIGOS PARA A VIDA E PARA A MORTE !

**S**EU *Xande*, á certa altura nos perguntou :

- Qual é a sua impressão ?
- E' muito melhor, do que antes de haver subido !
- O que suppunha que isto aqui era ?
- Uma especie de Inferno de Dante !
- Pois olhe, isto aqui, é um Céu aberto ! A gente vê cara e não vê coração ! Aqui no Salgueiro, ha amigos para a vida e para a morte ; ha homens que tiram a ultima camisa para soccorer um amigo e são mesmo capazes de dar o seu sangue para salvar um inimigo.
- E quando não são amigos ou são inimigos

rancorosos ?

– Na hora da lucta, o melhor é ninguem se metter a separal-os, levar uma *pregada* e esticar a canella. Isto é que não é negocio...

– E estas duas fêras, nunca mais se reconciliam ?

– A's vezes tornam-se excellentes amigos. Outras vezes, passam uma esponja no passado, mas, ficam de pé atraz e outras vezes...

– O que acontece ?

– Um fica e o outro *embarca*... para o outro mundo.

– E no flagrante quem vae depôr ?

– Que flagrante ? Então quem faz um «servi-

[244]

ço destes, deixa-se prender em flagrante ? Mette o pé no mundo e vae cuidar de outra vida. Mette a cara no Pindura a Saia e vae sahir na Sacra Familia do Tinguá...

– E se, o azar o perseguir e elle fôr preso em flagrante ?

– Neste caso ha seus conformes. Se o crime foi *rasoavel*, se foi uma *coisa justa*, uma desaffronta de homem para homem, as testemunhas dão o fóra. Mas, se houve covardia, traição, perversidade, premeditação, emboscada ou se matou pelas costas, as testemunhas apparecem e até auxiliam a policia na captura do

criminoso. O senhor quer ver um camarada passar mal aqui no morro ? E' andar com *falsêtas*, fazendo *trancinhas*. Então, come da banda podre...

– E como se arranjam vocês com o Dr. Moreira Machado ?

– Muito bem – é um camaradão ! Antigamente, elle dava cartas e jogava de mão. Oh ! *branco* bom, para embrulhar estes politicos !... Manifestação era com elle !... Chegava aqui, distribuia uns «*caraminguás*» e mandava descer o pessoal. Quando se chegava lá em baixo, tome automovel ! Era um beleza ! Tambem naquelle tempo, elle mandava um pedaço bom, em qualquer delegacia ! Muitos flagrantes foram rasgados, muitos processo abafados, só por ordem delle !

– Então para vocês, elle tem cotação.

– E grande, porque sempre foi bom camarada, bom amigo.

– E não continúa a ser bom camarada ?

[245]

– Com a Republica Nova, elle está *off-side*...

– Mas, não era elle o Chefe dos trabalhadores na estiva ?

– Isso foi tapeação naquelle tempo... Até eu, figurei como estivador e fui passear em São Paulo, quando a *estiva em geral* foi levar a sua solidariedade ao Dr. Julio Prestes !

- Você foi á São Paulo ?
- Então, eu ia lá perder aquella «*canja*» ? Fiz como o Claudionor – *banquei* o estivador... Em São Paulo, estive no Grande Hotel Roma, no Braz. Aquillo é que foi comer e beber do bom e do melhor ! Acabamos com o «stock» que havia no hotel do italiano !...
- E quem pagou as despezas, foi o Dr. Moreira Machado ?
- Que esperança ! Foi o Governo de São Paulo.
- E dinheiro ?
- Com todas as despezas pagas, eu recebi *uma vacca*.
- Quanto ?
- Cem *mangos* !
- Então vocês idolatram o Dr. Moreira Machado ?
- Não é tanto assim. Gostamos d'elle, porque foi camarada, bom amigo e um bom visinho. Mas, estamos pagos : fizemos e recebemos favores. Ellas por ellas não dóem. Amanhã, se o senhor tiver prestigio e puder fazer alguma coisa por nós, estaremos tambem a seu lado. Aqui com politico – é toma lá, dá cá...
- E com os amigos ?

[246]

- Com os amigos, é tudo e para elles não ha

impossíveis. Arriscamos a própria vida, derramando a última gota de sangue !

Eis o povo do Morro do Salgueiro.

[247]

---

## Morro da Favella

---

*Appareça quem fôr valente  
Quem for duro se levante.  
Na hora o «pão come...»  
Que o Buraco se garante...*

**D**ESDE que a Favella passou a ser reducto de valentes e cabras «escolados» nas varias modalidades de malandragens, crimes e contravenções, o seu nome jamais foi olvidado no cadastro sangrento do noticiario policial dos matutinos e vespertinos cariocas.

Havia um valentão lá no alto do morro, que dizia :

– O governo bem que podia aproveitá este Cruzeiro.

– Como *Gabiróba* ?

– Fazendo aqui um *cemitéro*.

– Um cemiterio no alto do morro ?

– O' *xente, xente* !... Do que se admira ?

– Quem é que iam enterrar ahi ?

– Quem ? Estes *cabras sem vergonha que a gente vê, estribuchá na dô sangrenta de uma facada sapecada á moda de Pernambuco !...*

– Queres dizer, um cemiterio para enterrar áquelles que vocês matam...

[248]

– *Não sinhô. Nós enterra a faca... quem mata é Deus ! E não sei porque Deus não se esquece desses perrengues aqui da Favella.*

– Não se esquece ?

– Quasi todo o dia morre gente...

– Então a faca trabalha *á bessa !*

– A «Pageú *trabáia* mais no *sê humano*, que nos *sê deshumano !*

– O que é que você chama de ser humano ?

– *Uá xente !...* Homé, *muié*, criança, tudo é *sê humano*. Tudo aqui fala, *comprende ?*

– E ser deshumano ?

– E' o gallo, a gallinha, o porco, o cabrito e etc. ?

– Mas, o papagaio tambem fala.

– Fala, mas, não usa carça nem sáia. E' ave de penna...

– Então, *Gabiroba*, você acha que o Governo devia abrir um cemiterio aqui no alto do morro, não é verdade ?

– Pois *antão* ! Ao menos, éra o «cabra» *esticá* a canella a gente *assipurá* logo !

– E a *autopsia* ?

– Isso a gente mémo fazia ! Antes de enterrá, a gente *inxaminava* os *borso* delle, tirava o que tivesse e *tava* feita a *autopia* ! E *adespois*, essa formalidade não tem *importança*. O que é *perciso* é que a faca seja bem interrada e Deus mate logo a pessôa, *promóde* não aumentá a agonia... Mas, p'ra isso ha sciencia...

– Sciencia ?

[249]

– Antão o *sinhô* pensa que é *quarquê* *porquêra* que se diz valentão, que sabe interrá uma faca ?

*Iche* !... é *mentira de ucê* !... A's vez, a gente mette a faca e ella vae tão *dereitinha* no coração, que a pessôa não tem tempo de dizê : «Ai, Jesus» !

– Você já tem feito destas algumas vezes ?

– Nem tem conta... De vez em quando, é *perciso* *inxemplá* um cabra, *p'ra enxemplo dos ôtros*, sinão elles si *esquece* do nome da gente e póde *querê abusá*...

Os leitores viram ?

E' o que ha...

\*\*\*

O CICERONE DO'DO'

A NOSSA visita ao celeberrimo Morro da Favella, foi na agradável e garantidissima companhia de Eduardo Pedro Gonzaga – mais conhecido pro *Dôdô*.

Tem todos os requisitos para ser considerado *persona-grata* na Republica dos Bambas, porque do seu Promptuario consta uma variedade de entradas na Detenção e Correção.

Tivemos a ingenuidade de pergunta :

– *Dôdô*, você já esteve na *geladeira* ?

Elle sorriu e respondeu :

– E' «sôpa» ! *Mas porém*, gosto mais de tomá uns «banho»...

– De espada ?

[250]

– De espada não... *P'ra riba de mauá* não tem gracê... *Gostô do francezante* ?

– Porque não tem *gracê* ?

– Porque quando é na hora do *fuzuê* e o *meganha* vem com conversa fiada para o meu lado, eu fico logo de *pé atraz*, mesmo porque, não gosto de *pernostiquidade* commigo...

– Mas, então quaes são os banhos que você gosta de tomar ?

– *Apreceio* os «banho» de agua de Colonia... Correccioná!...

- Você já esteve lá ?
- Umas oito vezes já que *peguei* Colonia !  
Quando o negocio não *anda* bem ou para evitar mal maior, arranja-se uma *canna* com processo por *vadiage* e é na certa uma *viage* á Ilha Grande com destino áquelle paraizo dos «malandro» !
- Mas, *Dôdô*, você gosta mesmo da Colonia ?
- Prefiro Colonia, a Detenção ou Correção !
- Você tem lá as suas razões...
- Eu explico : na Colonia ha muito mais liberdade e a gente gosa aquelle ar puro e *sôdavel*. *A mandioca é uma belleza de hortaliça*...
- Onde foi que você aprendeu, que mandiôca é hortaliça ?
- Perdão, foi uma *flô de rhetórica* eu bem sei que mandiôca dá o aipim e que o aipim é legume. O que é que o senhor está pensando ?
- Encarei o homem, suppondo que elle já estava *estranhando o turista*, quando arrematou risonho :
- Estudei um pouco e aprendi eu bocadinho...

[251]

- E tanto assim, que de vez em quando, escrevo ahi as *minhas besteira* e empurro para cima da negrada.
- Tambem fazes samba ?
- E dos bons. Escute só este :

## BURACO QUENTE

*(Samba Chulado)**Letra e musica de Eduardo Pedro Gonzaga (Dôdô)*

## Estribilho (Côro)

Favella é bamba  
Terra de massada  
Onde a gente samba  
E cáe na patuscada.

## I

Meu «Buraco Quente»  
Querido meu «Buraco»  
Quem vier brigar co'a gente  
Pr'apanhar traga um sacco!...

## II

Seu doutor delegado  
O Buraco é uma delicia  
Quando o rôlo está formado  
Não se respeita Policia !

## III

Viva o morro da Favella !  
Viva o Buraco Quente !  
Não venham de *parabella*  
Que no Buraco tem gente...

[252]

– Parabens *Dôdô*. O samba é o succo ! E' jocoso.

– O senhor ainda não vio nada. Tenho obras melhores. Quando escrevo, sou como o «seu» Jayme Tavares – me concentro, chamo pelo meu anjo da guarda, *metto as caneta* e... é de *bates cataledomes* !... Eu só escrevo em socego, isto é, em *requesque in paz*...

– O que ?

– *Estranhô* ? Tem *rezão* – é latim...

– Você sabe latim, *Dôdô* ?

– Um *tiquinho*. Aprendi com um camarada aposentado dos Telegrapho. Elle é *baita* na lingua ! Sabe de cór e salteado, tudo quanto é latim que ha por ahi nas sepultura e nos portão dos cemiterio. Elle diz que é *Doutô*, que é de Pernambuco, mas, parece que elle é daqui mesmo, porque só sabe coisas dos cemiterios d'aqui...

Em todo caso, elle sabe tapiá a gente... *Róe coirana p'ra burro* !

– E você sabe muita coisa de latim ?

– Muito... muito... não digo, mas, *capisco alguma cosita*... *Comprende-vous*?

– Diga lá alguma coisa.

– *Egum sum colher de páo* (eu sou homem e não dois de páo).

*Calistum vobis de torcida* (vou ali, já volto, não

precisa torcer) *memento homo* (chegou o momento do homem) Isto se usa na hora da briga. *Ecce homo* (está ahi o homem) é quando se entrega o camarada á policia.

[253]

– Chega, *Dôdô* !

– Eu, não é *p'ra mi prosá*, mas *porém*, aqui em cima do morro ninguem me ganha na lingua !...

\*

\* \*

### SUBINDO O MORRO

**C**OMEÇAMOS a subida do Morro da Favella, pela cancella da rua da America.

Fizeram ali umas escadinhas, de modo que o esforço é menor que subir pelo lado do tunnel.

O *Dôdô* nos disse :

– Poderíamos ter subido pela rua do Morro da Providencia.

– A subida é peor ?

– Não é questão de ser melhor ou peor. Sou «sujo» com *buliçoso* e por esta rua da America áfora, rua Dr. Rego Barros e subida do Morro do Pinto, quasi que só dá *buliçoso*... A' subida do *Morro* do Pinto, no

cruzamento da Ponte dos Amores, *reune-se* á noitinha os *vigaristas* e ficam commentando as suas proesa e combinando *serviços* para o dia seguinte ou *combinando parselhas*.

– O que vem a ser *combinar parselha* ?

– E' quando o *vigarista* precisa de um outro companheiro para ajudar a embrulhar o *otario*.

Quando eu vejo um homem destes, tenho nojo, porque eu acho, cá na minha fraca opinião, que o malandro deve ser tudo – menos ladrão !

– Na Favella ha desta gente ?

[254]

– Para lhe falar a verdade, na Favella ha de tudo !

Fomos subindo, galgando vagarosamente aquellas escadinhas, parando aqui e ali, para descansar.

De vez em quando, passava por nós, uma creoula com a cabeça envolta num panno, trajando mal, com os pés descalços ou trazendo uns tamancoss ; um homem robusto, trajando modestamente e sobraçando uns embrulhos.

Todos cumprimentavam o *Dôdô*.

O cumprimento differençava entre estas palavras :

– *Dôdô* !...

– Olô, *nêgo* velho !...

- O que é que ha ?  
As raparigas diziam :  
– Deus lhe dê bom dia.  
E elle respondia :  
– Deus lhe dê «a mesma»...  
– Bom dia, *Dôdô*... Assim é que você foi ?  
– Discurpa *nêga*. Não foi possive.  
– Nós esperemo.  
– Fica p'ra outra vez.  
E continuavamos a subir.

Como nos causasse estranheza que todos os homens que subiam, fossem portadores de embrulhos, a explicação não se fez esperar :

- Essa gente *veve* da estiva. Os que vão subindo agora ou deixaram o serviço ou não foram aproveitados nas turmas da manhã.  
– E os embrulhos ?  
– Uns de roupa do trabalho e outros são de *man-*

[255]

*timento* que compraram com o dinheiro que receberam.

Ha quem tambem leve aquillo que conseguiram arranjar – um contrabandosinho vagabundo...

- Contrabando ?!...  
– Contrabando vagabundo sim sinhô, porque o bom, o graúdo, não vem p'ra Favella. Aos d'aqui só tóca *micharia*, migalha e que nem chega a ser *café-*

*pequeno...* Se o senhor mandasse abrir um desses embrulhos, talvez encontrasse um pedaço de carne secca, de lombo, de toucinho, bacalhão, ou uns *baralho* de cartas, um pouco de cacaina que *desgarraram* de um caixão. O contrabando bom, meu amigo, fica fóra da barra. O contrabando grosso de grandes casas commerciaes, não vem em caixotes nem em caixões. E' atirado lá bem distante da bahia, em saccos de lona impermeavel ! Depois a lanchinha á gazolina vae buscá elle e leva para certo lugá, onde o automovel ou auto caminhão está esperando ! Estes sim, é que são os *contrabando* de 100, 200, 300, 500 e até 1.000 e tantos contos de réis ! Ha casas que vendem á resto de barato annunciando *moambas* em ar de deboche, quando se trata de *moambas* verdadeira – legitimo e audaciosa contrabando !

– Estas coisas não tócam ao Morro da Favella ?

– Nem por sonho ! Para nós o que toca é samba desta qualidade :

E' noite escura

Acende a vella

*Sete Corôas*

Bam-bam-bam lá da Favella.

[256]

Quer saber de uma coisa ? Este *Sete Corôas*, foi

uma invenção dos *tiras*. O 26, á sombra do *Sete Corôas*, fez uma porção de violencias aqui no morro. Alta noite, elle vinha com uma turma grande e invadia estes casebres, onde quebrava tudo e espancava barbaramente pobres homens trabalhadores. Duma feita pegaram lá do lado da Providencia, dois homens que desciam para o trabalho. Quando mettiam o páo de rijo num, o outro correu. Elles perseguiram disparando os seus revolvers. Foi um tiroteio medonho ! Quando o dia clareou, lá estava o pobre homem numa valla.

– Estava ferido ?

– Estava morto !

– E depois ?

– Ficou por conta do *Sete Coroas*. Onde os *tiras* faziam tiroteios e feriam gente, era o *Sete Corôas* !

\*

\* \*

#### NO BURACO QUENTE

**E**I-NOS no «Buraco Quente».

Lembramo-nos do samba, que momentos antes, o *Dôdô* havia cantado, e, como que por um phenomeno de telephatia, elle, fazendo do chapéo de palha uma especie de pandeiro, instrumento que toca muito melhor que o Salvador Corrêa, (o consagrado autor do *Salve Jahú*, (hoje transformado em *ferro-velho*), o nosso

cicerone feriu o samba :

[257]

«Meu «Buraco Quente»  
Querido meu «Buraco»  
Quem vier brigar c'oa gente  
Pr'a'apanhar traga um sacco!...  
Oi...

Favella é bamba  
Terra de massada  
Onde a gente samba  
E cáe na patuscada.

Seu doutor delegado  
O «Buraco» é uma delicia  
Quando o rôlo está formado  
Não respeita nem Policia.  
Oi...

Ahi já estavam reunidos uns seis homens  
batendo no chapéu ou batendo palmas e apareceram  
umas raparigas dansando, como jamais Aracy Côrtes  
sonhou sambar e todos cahiram no *côro* :

Favella é bamba  
Terra de massada

Onde a gente samba  
E cáe na patuscada.

Viva o Morro da Favella !  
Viva o «Buraco Quente»  
Aqui tem becco, tem viella,  
Mas o «Buraco» é da gente.  
Oi...

[258]

– Fala gente ! Gritou *Dôdô*.  
E o pessoal encordoou :

Favella é bamba  
Terra de massada  
Onde a gente samba  
E cáe na patuscada.

Estava formado o samba e cada vez chegava mais gente e quem vinha aderindo trazia um instrumento : um pandeiro, um réco-réco, um prato, emfim, a brincadeira *esquentou* e tomou vulto.

*Dôdô* passou para o lado opposto e uma vez á nossa direita, reclamou silencio, para dizer:

– Minha gente ! Meus *amigo* e minhas *camaradinha*.

No dia de hoje, dia sagrado, dia santo, para nós,

que somo filhos do *Hóme do Cavallo*, hoje dia de São Jorge, tenho a honra de apresentá o nosso digno amigo «seu» *Vagalume*, de respeito e consideração, para que, nós, que temos o *corpo fêchado*, devemos pedi ao nosso Guia, ao nosso Protector, muito respeitosa, saude e fraternidade, para que elle desfructe muita felicidade, ganhe muito «bongo» e nós que veja.

Tenho dito.

E todos num comprimento respeitoso responderam :

– Assim seja !

Chamámos então o *Dôdô* á parte e dissemos :

– Ahi tem 20\$000. Manobre com elles para mandar vir umas bebidinhas para esta gente.

[259]

– Olha meu chefe, já não convém. Eu hontem quando combinei com o senhor, subi logo e com aquelle *Perú* (20\$000) que o senhor me passou, fui em São Diogo e comprei uma bôa fressura, para um angú, que a CHICA CABEÇA DE PROMESSA, está preparando. Com esse outro PERU', que o senhor deu agora, vou *mandá vim duzia e meia de barrigudinhas* e um litro de «*agua que passarinho não bebe*», tambem chamada «*Marrasquino de Republica*», «*Dindinha*», «*Maria Teimosa*», «*Agricola-Vegeta-Canna do Brasil*», «*Zé com força*» e tudo isso numa palavra só vem a ser –

paraty !

– E «barrigudinhas» ?

– Cerveja preta !... Não tenha o menor receio. O Buraco Quente é minha terra e o senhor manda nesta negrada. Agora, vamos cantar um samba do *partido alto*. Vae vê, como estas *nêgas* mexe com as cadeiras :

Como tu bóles, bóles, bóles - bóles (bis)  
Bóle mulata de cadeiras molles (bis)

Samba do partido alto  
No Buraco tem dendê  
Canto, sapateado e salto  
Na roda é que eu quero vê.

Como tu bóles, bóles, bóles - bóles (bis)  
Bóle mulata de cadeiras molles (bis)

A cabrocha vale ouro  
Da nêga não desmereço  
A mulata é um thesouro  
A morena não tem preço.

[260]

Como tu bóles, bóles, bóles - bóles (bis)  
Bóle mulata de cadeiras molles (bis)

Vem p'ra dentro da roda  
Ahi é que eu quero te vê  
Porque um sambinha da moda  
No Buraco tem seu dendê...

Como tu bóles, bóles, bóles - bóles (bis)  
Bóle mulata de cadeiras molles (bis)

Appareça quem fôr valente  
Quem fôr duro que se levante  
Na hora o páo come gente  
Que o Buraco se garante.

Como tu bóles, bóles, bóles - bóles (bis)  
Bóle mulata de cadeiras molles (bis)

Agora o samba estava quente e no terreiro umas quarenta pessoas se movimentavam.

Surgiu, como que por milagre, um litro de *canna*, que foi rapidamente devorado !

Cada um tomava o seu *pedaço*, que o *Pedro Moleque* distribuía, sem atropello nem reclamações.

Quando aquelle litro acabou, o *Cara de Bagre* fez presente de um outro, que foi dividido com os que não haviam bebido.

Quem ia bebendo, corria para o *front*, isto é, para a linha de frente do Samba, que, agora estava quente numa especie de desafio entre o *Chico Mão-*

*Fusca e o Mané Caroba.*

[261]

O côro bradava :

Tira, tira, meu bem, tira  
Tira meu bem, este tom  
Enquanto no samba se gira  
Vamos só vê quem é bom.

CHICO MÃO - FUSCA

Cobra não é lacraia  
Lacraia não é minhoca  
Gente da beira da praia  
Não embarca na potóca.

MANE' CAROBA

Segura firme no leme  
Não deixe a corda bamba  
Hóme que é hóme não treme  
E entra firme no samba.

CHICO MÃO - FUSCA

O meu pae era bamba

E bamba eu também sou  
Faço hóme comê lamba  
Com cada tapa que dou.

MANE' CAROBA

Eu p'ra tapa não me passo  
Porque só dou cachaço  
E cada vítima que faço  
Mando logo no *rabecão*.

[262]

Quando chegou nesta altura, *Dôdô* meteu-se na  
roda e cantou :

O dia hoje é bem grande  
Não deve haver zum-zum  
Nosso coração se expande  
«*Vamos saravá a Ogum !*

Todos pararam repentinamente e *Dôdô* no meio  
da roda elevando as mãos ao Céu, numa respeitosa  
invocação exclamou :

– Ogum ! Eh !...

E todos responderam :

– Saravá ! Saravá !

Ogum ! Ogum !

Nosso Pae !

\*  
\* \*

**P**AROU o samba.

*Dôdô* nos chamou ao canto para dizer :

– Não *arrepare*. Isto aqui é assim mesmo ; quando a festa vae no meio da maior alegria ha uma *melecada*, que se a gente não acóde em tempo, póde haver muita coisa...

– Acabou o samba ?

– Não. Eu mandei tirá um bocadinho de angú e vô mandá ajuntá dois charutos, uma garrafa de «malafo» (*paraty*) e levar para Exú na encruzilhada ! Depois que elle recebê, o que é delle, *nós continúa* aqui a brincadeira.

Neste momento passava uma rapariga com um

[263]

embrulho, acompanhada de dois rapazes e *Dôdô* nos convidou a ficar em pé, dizendo :

– E' o *despacho* que vae ser collocado na encruzilhada ! Só depois que esta gente voltar, é que se póde continuar a brincadeira.

*Chica Cabeça de Promessa*, chegou e disse :

– *Dôdô*, o angú está prompto. Vamos para a

meza. Já separei o de Ogum – já está separado o de nosso Pae.

- Já vieram as *barrigudinhas* ?
- Já. Está tudo prompto.
- Vamos para a meza !

\*

### SÃO JORJE

**S**ÃO JORGE, o Glorioso Martyr, decapitado em 23 de Abril do anno de 303, isto é, ha 1630 annos, é o Santo da maior devoção dos habitantes destes morros, que abrigam os homens valentes e que vendem a vida por alto preço, numa lucta encarnçada !

Não ha casebre, onde não se encontre, logo á frente da porta, a sua milagrosa estampa, como recommendação de maximo respeito.

Naquelle dia em que subimos á Favella, vimo-la em quasi todos os cochichólos, ornamentada e com vellas e lamparinas accesas.

Quando entrámos no casebre da *Chica* e sentámo-nos á meza, *Dôdô*, com muito respeito, le-

[264]

vantou-se e pronunciou uma palavras em homenagem ao Padroeiro dos que residem no «Buraco Quente» e

terminou pedindo que todos se concentrassem para ouvir a seguinte prece, – palavras de São Jorge :

*«Bemdicto sois, Senhor Deus meu, porque não me permittiste que eu fosse despedaçado pelos dentes daquelles que me queriam e buscavam, nem consentiste que meus inimigos ficassem alegres com a victoria; porque livrastes a minha alma, como o passaro do laço dos caçadores.*

*Pois agora Senhor ! Tambem me ouvi, sêde commigo nesta ultima hora, e livrae a minha alma da maldade dos malignos espiritos; e todos os males, que por ignorancia, em mim executam, lhes perdoae.*

*Recebei, Senhor, a minha alma como a d'aquelle que desde o principio do mundo vos serviram, e esquecei-vos de todos os meus peccados, que eu voluntariamente, ou por ignorancia commeti.*

*Lembraí-vos, Senhor, dos que recorrem ao vosso Santo nome, porque vós sois Santo Bemdicto e Glorioso para sempre, Amem.*

Depois, Dôdô levantando as mão bradou :

– Saravá ! Saravá ! Saravá São Jorge !

E foi servido o angú.

[265]

HIÃO DA BARRA

**N**ÃO se póde falar em Favella, sem citar, e, aliás, com

muito respeito, o nome de *João da Barra*.

E' typo de nortista, homem sizudo e que representa um meio termo entre o calmo e o exaltado.

Quando lhe chegam a mostarda ao nariz, «não dá pra traz» e noutras épocas fez muita gente «tomar nojo da lucta e entregar os pontos...»

*João da Barra*, no tempo em que a Favella era mesmo a *zona torrida*, bancava o Grande Chancellor, o Juiz de Paz e o Delegado de Policia...

Nas questões de terrenos, porque era muito commum, um avançar no terreno que não pertencia a nenhum dos dois... o arbitro era o *João da Barra* e o que elle decidisse, não tinha appellação.

Brigas de mulher com marido, elle resolvia pacificando o casal.

Muitos assassinatos não ficaram impunes, porque, elle se não prendia o criminoso em flagrante, providenciava para a sua captura.

Ainda hoje se fala em *João da Barra*, com respeito e acatamento.

Mais não fez, porque não lhe foi possivel.

Havia um «menino travesso» que rasgou muita carta de valente de bambas – o Saturnino Ferreira.

Mocinho, de sangue na guelra, com disposição para a lucta, de vez em quando armava um «*sangangú*» e o *João da Barra*, mandava chamal-o para passar um *sabonête*, aconselhal-o a mudar de zona

[266]

e modificar o genio, porque honesto como era, sendo menos genioso, ainda poderia ter um bello futuro.

Eis a razão porque não se póde falar em Morro da Favella, sem citar o nome de *João da Barra*.

\*

## O CRUZEIRO

**S**UBIR á Favella e não ir ao Cruzeiro, é o mesmo que ir á Roma e não ver Mussolini ou ir ao Vaticano e não ver o Papa !

Depois do saborosissimo angú com que a *Chica Cabeça de Promessa* mimoseou o nosso estomago, *Dôdô* nos disse :

– Parece que o senhor não gostou da *boia*.  
– Gostei e muito ; tanto assim que repeti.  
– Mas, devia pedir *bis* á terceira vez... Agora para *desgastar* o angú, vamos fazer uma passeata até o Cruzeiro.

Num abrir e fechar d'olhos estavamos em marcha para o logar indicado, mas, ao som deste sambinha :

Mulher se você me quer  
Desgosto não vá me dar

Por tua fé – oh ! mulher  
Jogo sempre no milhar.

Jogo sempre no milhar.  
Para ver se você me quer  
Mas, não ha meio de accertar  
Por tua fé – oh ! mulher

[267]

Jogo tambem na centena  
Mas nem assim eu chupo  
Levo páo na dezena  
E sou barrado no grupo.

Quando chegámos ao Cruzeiro, ficámos  
deslumbrados !

E' o ponto mais poetico, mais pittoresco do  
Morro da Favella !

Dispensamo-nos de descrevel-o, porque já muita  
gente o fez.

O Cruzeiro não escapou á Muza dos poetas  
futuristas...

Foi tambem visitado pelo famoso Marinette.

\*\*\*

HONTEM E HOJE

**F**AVELLA ! Quem te vio e quem te vê ! Eras uma fêra indomavel em qualquer recanto do teu atrevido e audacioso reducto e te impunhas pelo pavor, pelo terror que todos tinham de ti, porque, nos teus dominios, quando não era a Justiça de Fafe, entrava em vigor a pena da Talião !

Hoje tudo mudou !

A Favella, está, para bem dizer, reduzida ao Buraco Quente, que é o unico recanto onde ainda ha gente que não se rende.

De 1922 para cá, quando o Dr. Carlos Sampaio, então Prefeito, entendeu devastal-a, a Favella foi

[268]

entregando os pontos, e, com mais outra investida, desaparecerá.

A prova é que hoje causa admiração, quando se fala em crime na ex-fortaleza dos «bambas», que foi tambem o berço do samba, onde foi acalentado o saudoso, o inolvidavel Sinhô ; onde Eduardo das Neves fez escola, quando guarda-freios de Estrada de Ferra Central do Brasil !

Já não é aquella Favella, que os sambistas glosavam, que as grandes sociedades carnavalescas criticavam e que o noticiario dos jornaes descreviam, com côres rubras e nem é a mesma que aquelle famoso

poeta futurista visitou e ficou encantado !

Não é mais aquella Favella cheia de vida, cheia de atribulações, de energia e de sangue.

Hoje é apenas uma simples recordação de um passado agitadissimo.

O seu pulmão, o seu aparelho respiratorio, a sua valvula de segurança é o – Buraco Quente.

A Favella de hoje, já não é escola, nem academia de samba, nem tão pouco fortaleza inexpugnável de valentes, como outr'ora.

Favella ! Favella ! Quem te vio e quem te vê !

Favella ! de hontem ! Favella de hoje !

#### TEMPO AO TEMPO

**P**OR muito que se esforcem, os defensores da Favella, jamais conseguirão soerguel-a, porque nem a Prefeitura, nem a Saude Publica permitirão

[269]

que novos cochichólos sejam ali levantados, sob qualquer pretexto.

O embellezamento do morro se impõe deante do progresso e da grande evolução da cidade nestes ultimos annos.

Ali, no coração da metropole, não é possível esconder aquella especie de aldeamento de indigenas,

contradizendo com a belleza da mais linda capital das nações civilizadas de todo o mundo !

O expurgo da Favella se fará paulatinamente, numa acção conjuncta entre os governos federal e o municipal, dando um praso rasoavel aos que lá habitam para que melhorem ou desoccupem os pardieiros.

A Favella, é bem parecida com o Morro do Kerozene.

O proprio governo municipal poderia auxiliar o seu embellezamento, mandando limpal-a, calçal-a, para então, fazer as exigencias que entendesse.

As companhias edificadoras que existem, tambem entrariam em accordo com aquella gente, cobrando prestações rasoaveis por uns novos typos de casas pequenas.

Por sua vez, feito o arruamento, certamente, a Light teria uma nova fonte de renda ligando tres morros : o do Pinto, o da Favella e do Barroso, fazendo assim *pendant* como o de Santa Thereza.

Ha muito que fazer no Morro da Favella, mesmo sob o ponto de vista estrategico, para a defeza da cidade.

E como a Favella, outros morros deveriam merecer a attenção do Ministerio da Guerra.

[270]

Haja á vista a proeza que tomou o nome de

*Prata-Preta.*

Suba o Sr. Ministro da Guerra á Favella, leve em sua companhia o Chefe do Estado Maior e fiquem as duas maiores autoridades do nosso Exercito uns quinze minutos, fazendo observações a olho nú e de binoculos, e, certamente ficarão convencidos de que a Favella não deve ficar fóra das suas cogitações.

Um quartel na Favella !

Onde, o de artilharia de montanha, ficaria melhor situado para os seus proprios exercicios diarios, com destacamentos nos demais morros ?

Seria este um meio pratico, rapido e utilissimo de sanear e embellezar o Morro da Favella, sem grandes dispendios, por se tratar de utilidade publica.

\*\*\*

**EM**QUANTO lá no alto, toda aquella gente cantava e dansava, sob a direcção do incansavel *Dôdô*, pelo nosso cerebro, rapidamente, passaram taes reflexões : *o que foi, o que é a Favella e sobretudo o que poderá ser !?*

Tudo depende do governo, unindo o util ao agradavel.

Estas linhas escriptas em 1933, talvez sejam julgadas de autoria de um louco.

D'aqui ha uns vinte ou trinta annos, quem nos dirá que o louco seja considerado um homem de juizo ou um propheta ?!...

[271]

Em todo caso, ahi fica a idéa de um carioca da gemma.

\*\*\*

#### A DESPEDIDA

**D**EPOIS de cantarem dois sambas no meio de uma grande batucada, houve uma pequena pausa. *Dôdô* veio para o nosso lado apreciar o bello panorama que a cidade offerece lá do alto do Cruzeiro, dizendo :

– D'aqui, o que eu mais *apreço*, é o ar marinho !

– Que armarinho, *Dôdô* ?

– O ar do mar, a fresca brisa ! Sabe quem nos comprimenta sempre que vem ao Rio ?

– Quem é ?

– O *Zeppelin*. E' uma belleza ! Eu estou vendo o dia em que elle *arreja* aqui na Favella.

O pessoal começava a debandar, quando *Dôdô*, bradou :

Em forma negra ! Vamos descer cantando o samba :

AGUENTA A MÃO

(Partido Alto)

Côro

Aguenta, aguenta a mão ó gente  
Para sustentar o Buraco Quente.

[272]

I

Ai, que boa brincadeira  
Como está bella a batucada  
Sambo e canto a noite inteira  
Emendo o dia nesta patuscada.

II

Quando eu entro no Buraco Quente  
Esqueço tudo quanto ha no mundo  
Metto uma «banda», quem quizer que aguento  
E sinto logo um prazer profundo.

III

Buraco Quente é de respeito  
Tem magestade aqui na Favella  
Quem não entra com o pé direito  
Vira aruráo, estica a canella.

*Dôdô nos segredou :*

– Vamos lhe levar até a escadinha.

O samba ia cada vez mais animado, tendo agora sido incorporado uma cuica.

Quando chegámos á escadinha, para despedida o pessoal cantou um sambinha molle :

Côro

Bate que bate-bate  
De cataledome  
Larga a mulher do outro  
Que tem home.

[273]

Se eu fosse padre  
Não usava solidéo  
Usava uma touquinha  
A' moda de chapéo.

Côro

Bate que bate-bate  
De cataledome

São Jorge nos proteja  
Nos livre da mazella  
Tenha pena desta gente  
Que mora na Favella.

Depois de uma meia lua, o pessoal voltou para o Buraco Quente e nós descemos em companhia de *Dôdô*, a quem passamos mais um *coelho* (10\$000) pelo belo dia que nos proporcionou.

# **Banco dos Funcionarios Publicos**

## **Garantia**

O BANCO DOS FUNCIONARIOS PUBLICOS, offerece aos seus depositantes inteira garantia, pois, o dinheiro entregue á sua guarda destina-se a emprestimos aos funcionarios publicos federaes, com assistencia do Governo e cuja cobrança é por este effectuada por intermedio de suas repartições, em consignações mensaes que constituem deposito publico.

**RUA DO CARMO, 59**

**(Séde Propria)**

**RIO DE JANEIRO**

FAÇAM SEUS SEGUROS CONTRA FOGO NA

# "Novo Mundo"

Companhia de Seguros Terrestres e Marítimos

**Capital : 4.000:000\$000**

DIRECTORIA :

Victor Fernandes Alonso – Director-Presidente

Arthur de Castro – Director-Secretario

Alvaro de Almeida Campos – Superintendente

Agente geral em S. Paulo  
DOMINGOS FERNANDES ALONSO  
Travessa do Commercio, 2 – Te. 2-3099

Endereço Telegraphico NOVOMUNDO  
Telephones : 4-6665 e 4-2876  
Rio de Janeiro - Brasil

**Séde: Rua do Carmo, 65**  
(Edifício Proprio)

[ORELHA 1]

**Livro de graça... Não tem graça...**

*Este volume, tendo um pouco de graça, não póde ser dado... de graça. Assim, pois, resolvi trocal-o, por cedulas... do Thesouro Nacional, do Banco do Brasil ou coisas equivalentes. De graça... nem por brincadeira – porque o samba é caso serio...*

VAGALUME

[ORELHA 2]

**Na Roda do Samba,**

*não é de literato nem para literato.  
Além de tudo, confesso que sou um pessimo revisor, e,  
que nas provas, as minhas emendas saem sempre peor  
que o soneto !  
O leitor que engula os pasteis e não repare nos gatos  
que poderão servir de palpite...*

VAGALUME